

A large, stylized white letter 'V' is positioned on the left side of the image. The background is composed of several overlapping geometric shapes in shades of pink, orange, and red, creating a vibrant, abstract composition.

VOLUNTARIADO

missão e dádiva

FICHA TÉCNICA

Voluntariado: Missão e Dádiva

ENTIDADE PROMOTORA DO ESTUDO
FEC – Fundação Fé e Cooperação

ENTIDADE RESPONSÁVEL PELO ESTUDO
Centro de Investigação de Paula Frassinetti – CIPAF

AUTORES
Adalberto Dias de Carvalho, Ana Paula Gomes,
Florbela Samagaio Gandra, Gastão Veloso,
José Luís Gonçalves, Margarida Pechincha.

COLABORAÇÃO
Cristina Meira, Cristiana Ribeiro, Joana Brito,
Joana Cunha, Joana Moço, Patrícia Alfano
Moscôzo, Paula Sieiro, Soraia Neto, Vera Pinheiro.

REVISÃO
Florbela Samagaio Gandra
Gabriela Trevisan
Maria Cristina Vieira da Silva

EDITOR
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
ESEPF

PREFIXO DO EDITOR
972-99174

ISBN
978-972-99174-9-3

© 2013



FEC – Fundação FÉ E COOPERAÇÃO.

É uma ONGD portuguesa que atua nas áreas de Educação para o Desenvolvimento e Advocacia Social e Cooperação para o Desenvolvimento. Na área da cooperação, a sua intervenção realiza-se sobretudo em países de língua oficial portuguesa [www.fecongnd.org]

CIPAF – Centro de Investigação da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Com mais de quinze anos de existência e trinta publicações próprias, para além de uma revista científica da especialidade (Saber & Educar), congrega cerca de quarenta investigadores. O CIPAF promove atualmente 2 linhas de investigação: “Problematização em Educação e Formação de Educadores” e “Construção da(s) Identidade(s) e Projetos de Desenvolvimento Pessoal e Comunitário”. Estas linhas, ancoradas em projetos de pesquisa que também se ligam às práticas de aprendizagem, procuram, conjuntamente com a produção de conhecimento e a intervenção comunitária, aprofundar a sustentabilidade científica dos ciclos de estudos em funcionamento na instituição. A vitalidade do CIPAF pode ser igualmente atestada pela qualidade dos projetos de investigação-ação nacionais e internacionais que integra. O presente estudo foi desenvolvido pela equipa de investigadores do Departamento de Formação em Educação Social.

Prefácio

por Elza Chambel

O Estudo de Investigação “VOLUNTARIADO, missão e dádiva” foi desenvolvido pela Fundação FÉ e COOPERAÇÃO – FEC – durante o Ano Europeu do Voluntariado (AEV 2011) em parceria com a Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, com o objetivo de conhecer melhor o voluntariado missionário em Portugal e os seus agentes – OS VOLUNTÁRIOS. O Voluntariado integrado em organizações, como é o caso da FEC, é uma realidade relativamente recente e pouco investigada, pelo que podemos considerar este Estudo pioneiro e inovador a diversos níveis no enquadramento do voluntariado missionário.

E realçaria em especial duas linhas de força:

- O reconhecimento da importância do voluntariado missionário numa sociedade dominada pelo lucro, privilegiando uma abordagem a partir do conceito de dádiva,
- A necessidade de organização do voluntariado missionário em estruturas de ação responsáveis e eficazes.

O legado do AEV requer o desenvolvimento de uma cultura de reconhecimento do Voluntariado e da sua contribuição para uma sociedade e um mundo melhor.

Pelo presente Estudo fica evidente que “numa relação de livre e incondicional gratuidade, os voluntários buscam, acima de tudo, criar relações de troca simbólica, que procuram recriar a justiça social e promover a pessoa na sua singularidade e enquanto sujeito de si”.

Elza Chambel

Presidente do Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado

Prefácio

por Eugénio Fonseca

A busca de felicidade é o maior anseio do ser humano. Tudo faz para a conquistar, nem sempre andando pelos caminhos mais adequados. Os que foram percorridos nas últimas décadas conduziram a humanidade a opções erróneas, assentes na procura da felicidade individual, como se fosse possível a alguém ser feliz sozinho. Foi na confusão entre prazer efémero e felicidade que se foi construindo o modelo civilizacional predominante, individualista, no qual valores como dádiva e solidariedade deixaram de fazer sentido.

Mas, como ninguém conseguirá ser verdadeiramente pessoa, sem ser-com-os-outros, só na abertura ao seu semelhante, em relações de franca gratuidade, fazendo da sua vida uma missão ao serviço da felicidade de outrem - seja quem for e onde estiver - poderá alcançar a sua. E é porque, cada vez mais, se tem consciência desta evidência, que o exercício da solidariedade tem tido, nos últimos anos, uma maturação que a tem aproximado da cultura da cidadania e da participação. Este processo contribuiu para reforçar o sentido da missão solidária organizada, expresso na valorização e reconhecimento das organizações de voluntariado. Todavia, ainda há muitos equívocos sobre esta forma de exercer a cidadania, pelo que, especialmente em organizações que estão mais em contacto com as raízes da pobreza extrema, tem surgido uma reflexão que se vai estendendo a todo o movimento social. Quando a missão dessas organizações se situa no âmbito internacional, esta reflexão torna-se mais pertinente, por abraçarem incumbências de maior exigência. A cooperação internacional não pode ser vista apenas como a ajuda do mundo desenvolvido ao que está em vias de desenvolvimento. Seria uma visão muito pobre que reduz a dádiva, feita cooperação, em mero assistencialismo. Para que tal não aconteça, qualquer reflexão nesta área tem que considerar uma abordagem integral do desenvolvimento que se abra a modelos, em permanente renovação, de relação e trabalho entre os diferentes protagonistas.

Entre estes protagonistas, têm uma tarefa particular os que são enviados, a quem se deve exigir, antes de mais, uma manifesta vocação humanitária para trabalhar pelo desenvolvimento humano integral das pessoas. Quando estes enviados assumem a sua dádiva, numa dimensão missionária, tornam-se acrescidas estas exigências.

Foi com o objetivo de dar “um contributo cientificamente fundamentado para a discussão nacional e internacional sobre as diferentes realidades e experiências de voluntariado - em particular o voluntariado internacional de inspiração religiosa, o “voluntariado missionário” - que a Fundação Fé e Cooperação (FEC) e a Escola Superior de Educação Paula Frassinetti decidiram realizar um estudo, dado agora a conhecer ao grande público. A partir de diferentes abordagens sobre o trabalho realizado nos últimos vinte anos, conseguem dar-nos alguns referenciais sobre o retrato dos voluntários que integram a Rede de Voluntariado Missionário, das suas motivações, tanto iniciais como ao terminar a missão. É-nos oferecido um estudo que procurou, em histórias de vida concretas, afinar conceitos e motivações sendo o mais evidente e pertinente, nos nossos dias, o da “dádiva”. O cruzamento de dados empíricos com o pensamento de autores credenciados dá um cunho científico a este trabalho.

Voluntariado e dádiva são duas faces da mesma moeda, daí a oportunidade deste estudo, tanto mais que estamos no tempo do cálculo racional e da troca mercantil, duas das componentes da civilização hodierna a que já aludi, evidenciados, negativamente, pela crise económica e financeira. Talvez por isto, Marcel Mauss, no “Ensaio sobre a Dádiva”, reconheça que é muito débil a presença da dádiva nas sociedades modernas, a qual está reduzida a uma manifestação residual do passado. Mas há outros pensadores, como Jacques Godbout, para quem a capacidade de dar e de se dar “é tão moderno

e contemporâneo como característico das sociedades arcaicas”. A dádiva confere sentido e o sentido de cada experiência de dar, numa perspetiva do indivíduo, fundamenta-se na construção de esquemas de referência que respondem às expectativas colocadas por cada um, definindo assim os contornos entre o dar e o receber, presentes e reconhecidos no voluntariado. Esta é uma das conclusões deste estudo quando afirma que *“a dimensão de gratuitidade da dádiva não significa excluir o interesse por parte dos parceiros da relação, mas traduz o facto de que “o dar”, “o receber” e “o retribuir” - momentos constitutivos da dádiva - estão subordinados à afirmação de cada pessoa se constituir a si mesma como pessoa, sujeito de si, e de se manifestar nessa condição na relação que estabelece com o outro. Não se estabelece uma relação de dádiva apenas para obter alguma coisa, mas para instaurar, em primeiro lugar, um movimento em direção ao outro, enquanto outro, estando assim, deste modo, os motivos e os objetivos subjacentes à dádiva, subordinados à qualidade da relação que os sujeitos constroem entre si. A ligação dar-retribuir é complexa. A dádiva não pode ser explicada por uma racionalidade linear fim-meios; pensar em termos de dádiva, implica deixar de ver todas as coisas como meros instrumentos ao serviço dos interesses pessoais”*.

Este estudo pode deixar a sensação de representar uma gota de água no oceano mais vasto do voluntariado português. Mas demonstra, claramente, a vontade de abandonar a tendência prevalecente para um certo amadorismo, que ainda caracteriza algumas organizações de voluntariado, e partir para uma postura mais profissional e cuidada na missão que abraçaram. Os voluntários para a cooperação trazem consigo uma motivação forte, assente na aprendizagem e no desenvolvimento pessoal, para além de outras motivações que a leitura deste estudo apresenta. Realça também características fundamentais que qualquer organização traça como perfil para os seus voluntários.

A reflexão sobre as dissonâncias sociais no que diz respeito ao apoio fornecido aquando do regresso dos voluntários missionários, no final da vigência da sua missão, é outra mais-valia deste trabalho. Por um lado, não escamoteia as responsabilidades decorrentes da decisão individual de partir, que acarreta como consequência a perda de oportunidades de emprego ou de estabilidade, por outro, lança um repto à sociedade em geral para avaliar melhor o apoio que é prestado a estes voluntários.

São muito interessantes e poderão ser bem proveitosas as sugestões deixadas às instituições que enviem voluntários em missão. A juntar às apresentadas, acrescento que o voluntário missionário sabe que se vai para aprender, mais que para fazer. O seu labor em nenhum momento pode perder esta perspetiva. A sua opção é uma oportunidade de tomar contato, direta e pessoalmente, com a realidade do subdesenvolvimento, mas não pode confinar-se a esta realidade. Deve continuar o empenho voluntário no seu país, onde realizará ações de educação e sensibilização. As histórias de vida narradas poderão ser bons meios para a motivação de outros e para a sua educação em prol da construção de um desenvolvimento mais humano e sustentável. O preito da minha gratidão, nas pessoas dos que aceitaram contar a sua história e na dos que tiveram a iniciativa e colaboraram neste estudo, a todos e todas que fazem das suas vidas uma dádiva permanente.

Ficamos, ansiosamente, a aguardar a prometida segunda fase deste estudo que se propõe tratar dos “indicadores de intervenção comunitária passíveis de análise empírica”. Será “ouro sobre azul”.

Eugénio Fonseca
Presidente da Confederação Portuguesa do Voluntariado

ÍNDICE

I OBJETIVOS E ÂMBITO DO ESTUDO

II METODOLOGIAS

- a) Inquéritos por questionário
- b) Histórias de vida

III REFERÊNCIAS TEÓRICAS - VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO COMO PRÁTICA DE RELAÇÃO DE DÁDIVA

- 1. Noção de dádiva
- 2. Motivações do voluntariado missionário
 - 2.1. Sentido cristão da dádiva
- 3. Impacto da ação voluntária na vida do voluntario missionário

IV CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENVIO, PERFIL DOS VOLUNTÁRIOS E ÁREAS DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIAS

- 1. Voluntários missionários: perfil, ação e formação
- 2. As instituições de envio de voluntários
 - 2.1. Campos de ação privilegiados: áreas de atuação, impactos percebidos e volume do número de voluntários envolvidos
 - 2.2. Análise da ação da instituição, perspectivas de melhoria e resultados obtidos

V MOTIVAÇÕES DE PARTIDA DOS VOLUNTÁRIOS

Análise dos dados

VI VOLUNTÁRIOS MISSIONÁRIOS: IR E VOLTAR – ANÁLISE DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS VOLUNTÁRIOS MISSIONÁRIOS

- 1. Voluntário missionário: considerações em torno de um perfil
 - 1.1. Alguns dados de caracterização sociodemográfica
 - 1.2. Competências desenvolvidas
 - 1.3. Características pessoais do voluntário missionário
 - 1.4. Socialização familiar e vivência na fé cristã: respetivas influências na motivação para o exercício da prática do voluntariado missionário
 - 1.4.1. Socialização: vivências familiares que tenham predisposto o voluntário para o exercício da prática do voluntariado missionário.
- 2. Autorrepresentações sobre o voluntariado e sobre o voluntariado missionário
- 3. Experiência de Voluntariado Missionário
 - 3.1. Motivações que estão na origem da prática do voluntariado missionário

3.2. Variáveis contextuais da experiência de Voluntariado Missionário

3.2.1. O contexto organizacional

3.2.2 Correspondência entre competências e necessidades de trabalho sentidas no terreno

3.2.3. Formas de diagnosticar as necessidades da comunidade

3.2.4. Necessidades de trabalho detetadas pelos voluntários missionários

3.2.5. Problemas e dificuldades encontrados

4. Impacto da experiência de voluntariado missionário na vida do voluntário missionário

4.1. Resiliência

4.2. Emoções e Afetos

4.3. Ética

5. A dádiva e o desenvolvimento da carreira profissional

6. Autoestima

7. Impacto da experiência de voluntariado missionário na comunidade de acolhimento

7.1. Mudanças ocorridas (ambiente físico e infraestrutural, ambiente social, ambiente educativo, ambiente cultural, ambiente económico)

7.2. Formas de avaliação das mesmas

8. Voluntários Missionários: ir e voltar

VII CONCLUSÕES DO ESTUDO

a) Cruzamento dos dados empíricos com os referentes teóricos

b) Recomendações à FEC e às instituições que enviam voluntários missionários

c) Proposta de uma segunda fase do estudo: indicadores de intervenção comunitária passíveis de análise empírica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS





|
**OBJETIVOS E ÂMBITO
DO ESTUDO**

Integrando as celebrações do Ano Europeu do Voluntariado e no âmbito de trabalho desenvolvido pela Rede de Voluntariado Missionário, a FEC – Fundação Fé e Cooperação¹ e a Escola Superior de Educação Paula Frassinetti² realizaram o presente estudo à luz da relação que “missão” e “dádiva” estabelecem entre si na ação levada a efeito no quadro do voluntariado missionário³. Os resultados apresentados pretendem ser um contributo cientificamente fundamentado para a discussão nacional e internacional sobre as diferentes realidades e experiências de voluntariado, em particular o internacional de inspiração religiosa – o voluntariado missionário⁴. Assim, é apresentado um conjunto importante de informações e reflexões sobre o desenvolvimento desta atividade nas últimas décadas, assim como recomendações que possam sustentar a sua evolução. Num primeiro momento, foram analisados dados de caracterização dos perfis das instituições e dos voluntários envolvidos, recolhidos junto de 56 organizações, tendo sido validados 37 inquéritos por questionário. Num segundo momento, procedeu-se a uma concetualização da noção de dádiva, uma vez que esta enforma o sentido das iniciativas já concretizadas ou a realizar. Tal noção foi cruzada com as motivações que os voluntários exprimiram quando partiram em missão, assim como no seu regresso. Para conhecer estas motivações, foram aplicados 137 inquéritos

aos participantes da formação 2010/2011 na FEC e a ex-voluntários ou voluntários em missão à data. O estudo é enriquecido com a análise dos discursos de *histórias de vida* que permitem “dar voz” aos protagonistas destas missões, bem como um cruzamento metodológico entre as dimensões quantitativa e qualitativa da análise. As recomendações apresentadas na penúltima parte visam ajudar a promover boas práticas e melhorar o desempenho do voluntariado desenvolvido pelos voluntários e suas organizações de envio. Finalmente, abrindo caminho a ulteriores estudos sobre o impacto da ação levada a efeito pelos voluntários e a relação de dádiva que sustenta tal intervenção, são apresentadas propostas de áreas de investigação passíveis de análise empírica no terreno.

É de realçar que, como referente teórico, a noção de dádiva impregnou, enquanto princípio ético-antropológico, as conexões entre os voluntários e os destinatários da sua interação. Numa perspetiva cristã da dádiva, que caracteriza o grupo alvo analisado no âmbito de presente estudo, tornou-se decisivo identificar os contornos da sua *entrega* e compreender o ciclo *dar-receber-retribuir*, ou seja, esclarecer como emerge, no estabelecimento de laços sociais, a relação de dádiva. Constatou-se, então, que a vivência do sentido da dádiva com intencionalidade cristã se revelou crucial para a motivação e a auto/heteroavaliação dos protagonistas e das instituições implicadas. É, aliás, neste quadro que também terão de ser interpretados todos os fatores coadjuvantes nos projetos em análise, tais como os processos de captação de voluntários, a relação entre as habilitações dos mesmos e as intervenções preconizadas, a sua formação, os seus vínculos institucionais, as implícitas representações internas e externas, as avaliações dos impactos, etc.

No que respeita à vivência da dádiva enquanto motivação, parece ser

1 A FEC coordena, em Portugal, desde 1988, a Rede de Voluntariado Missionário, que envolve cerca de 60 entidades portuguesas que têm em comum a identidade cristã, o trabalho em cooperação para o desenvolvimento e a promoção e integração de voluntários missionários nas suas ações.

2 Em particular, através do Centro de Investigação Paula Frassinetti – CIPAF.

3 O estudo “Voluntariado: missão e dádiva” contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

4 Estando próximo do voluntariado internacional, o voluntariado missionário tem uma matriz religiosa, cristã, quer a nível da génese de cada grupo ou entidade e da formação oferecida aos candidatos, quer ainda no que respeita aos parceiros com os quais os voluntários trabalham no terreno, que são sobretudo missionários religiosos membros de congregações religiosas.

necessária uma clarificação do seu sentido. De facto, a falta de clareza na sua assunção plena pode desencadear fenómenos existenciais de resistência, por exemplo, quanto à perceção do retorno, isto é, quanto à retribuição recebida, para efeitos de autorrealização, de toda a dedicação e esforço desenvolvidos em prol do outro. Na realidade, a compreensão de que a retribuição é, antes de mais, a efetiva e justa presença do outro no eu pode constituir importante força de motivação e de incremento do projeto de voluntariado missionário enquanto projeto de solidariedade humana fundamentado na gratuidade e na liberdade.

Um aspeto a destacar é o que se prende com a ideia de que o voluntariado missionário se aprende ao mesmo tempo que gera sentimentos renovados de pertença e desejo reforçado de estabelecimento de relações exigentes com os outros. Isto é, parece ser perscrutável o princípio de que há, ou pode haver, nesta tipologia de voluntariado, uma evolução progressiva da vivência cristã da dádiva, constituindo-se, deste modo, no seu âmago uma espiral de crescimento que se alimenta e motiva a si mesma. Ao aprofundar-se o sentido da vida, engrandece-se, na plenitude da sua coerência humana, a dimensão formativa do cidadão através de uma renovada conceção de solidariedade.

Outro aspeto importante revelado também neste estudo é que, se a afetividade, a espontaneidade e a informalidade constituem autênticas fontes que alimentam a dinâmica da implicação pessoal dos voluntários, também parece ser verdade que haverá um esforço complementar a fazer no sentido de se reforçar a componente racional das organizações e projetos. Aspetos como o real impacto das ações junto dos seus destinatários bem como das instituições de acolhimento, a par de uma mais eficiente articulação entre as competências dos voluntários e os objetivos das suas intervenções devem ser valorizados. Este último tópico deverá mesmo

implicar a introdução sistemática, na formação dos voluntários, de dados concretos sobre os contextos de vida no destino.

Proporcionando uma autêntica dádiva individual e coletiva junto de populações especialmente carenciadas, este movimento merece, por isso, redobrada atenção. Este é, sem dúvida, um primeiro passo na análise das motivações que guiam os propósitos, realizações e sonhos dos voluntários, fortalecendo o sentido humano da existência e de cidadania que inspira os seus atos e alimenta as ações⁵. Salienta-se o facto de ter sido a primeira vez que se procurou a nível nacional, e de forma tão exaustiva, recolher e analisar os dados referentes ao voluntariado missionário, auscultando os vários agentes envolvidos, assim como cruzando as metodologias quantitativa e qualitativa de análise. As frentes de observação e de análise foram várias e aconteceram em simultâneo. O CIPAF detém já um conjunto complementar de dados e reflexões a incluir em estudos futuros, com o objetivo de continuar a contribuir para a uma aprendizagem, melhoria e investimento em boas práticas por parte FEC e todas as instituições e protagonistas envolvidos.

5 Algumas limitações condicionaram o presente estudo, designadamente o fator tempo e a componente financeira, que impediram a devida ponderação do impacto da atividade missionária junto das comunidades de destino, aspeto a ser colmatado em investigações posteriores; como se salientará no último capítulo, apesar de não terem permitido estudar e valorizar devidamente toda a complexidade dos processos em causa, não impediram que se perceba de modo inequívoco a grandiosidade e sentido abnegadamente humano dos projetos visados.

II

METODOLOGIAS

A metodologia adotada para a realização deste estudo teve como principal finalidade obter o máximo de informação possível, e realista, sobre a Ação do Voluntariado Missionário, nomeadamente a caracterização e atuação das instituições envolvidas em projetos de trabalho missionário, a caracterização do voluntário missionário, a análise das motivações dos mesmos e o seu percurso.

A) INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

Para a obtenção dos resultados que aqui se reproduzem e se analisam, foram aplicados dois (2) inquéritos por questionário: um às instituições que enviam voluntários e outro aos próprios voluntários, ambos preenchidos *online* numa plataforma criada para esse efeito denominada Plataforma do “Projeto Voluntariado Missionário: Missão e Dádiva”.

A divulgação do questionário às instituições foi feita junto dos responsáveis das entidades de voluntariado missionário, fornecida pela FEC via *e-mail* e por telefone. Tendo respondido 37 instituições das 56 organizações contactadas, verificou-se que os dados solicitados, nomeadamente no que se refere a um horizonte temporal mais longínquo, foram de difícil preenchimento, assim como as questões relacionadas com os resultados obtidos (impacto das ações). Este inquérito é composto por duas secções: *A – Caracterização da Instituição, campos de ação privilegiados e resultados obtidos* e *B – Voluntários enviados: perfil, ação e formação* (ver anexo I). Com o intuito de caracterizar e conhecer as motivações do(a) voluntário(a) missionário(a), elaborou-se um segundo inquérito por questionário, que é composto por duas secções: *a) caracterização dos voluntários* e *b) motivações do voluntário(a) missionário(a)* (ver anexo III).

Quanto ao questionário disponibilizado aos voluntários, inicialmente, procurou-se aplicar este instrumento de recolha de dados aos participantes que, durante o ano de 2010/2011, frequentaram as formações organizadas pela FEC e que, embora nunca tivessem feito voluntariado, pretendessem fazê-lo nesse ano. Atendendo, porém, ao número reduzido de respostas obtidas, o inquérito foi aberto a todas as pessoas que já haviam realizado voluntariado. Para isso, foi pedido às instituições de envio que divulgassem o referido questionário a todos os seus atuais e antigos voluntários. Desta forma, obtiveram-se cento e trinta e sete

respostas (137), o total da amostra deste estudo, das quais 67.15% correspondem a respondentes com experiência de voluntariado e 32.85% a respondentes que ainda não tinham sido voluntários, à data da realização do inquérito. A construção deste inquérito teve por base o Inventário das Motivações dos Voluntários (VMI – “Volunteer Motivation Inventory”) elaborado por Judy Esmond e Patrick Dunlop (2004). Considerando o objeto de estudo – voluntariado missionário – e o referente teórico adotado – a noção de dádiva –, foram feitas adaptações ao VMI, tendo-se acrescentado algumas questões nas categorias: “Valores”, “Reconhecimento”, “Reciprocidade”, “Autoestima” e “Religião”, assinaladas com (†) no anexo

IV.

Em ambos os inquéritos, assegurou-se a estrita confidencialidade de origem dos dados.

B) HISTÓRIAS DE VIDA

A descrição sociológica de histórias de vida, enquanto testemunhos únicos de aspetos biográficos, implica uma certa analogia entre a história individual e a sociedade. A recolha da informação, patente nas histórias de vida analisadas, ocorreu em setembro de 2011 e focou experiências de vida próprias do voluntariado missionário.

Existem várias técnicas de reconstituição da história de vida. Para nós, a história de vida, aplicada ao voluntário missionário, constitui um testemunho humano único de vivência da relação construída e a construir ao longo do tempo com *o outro*. É nossa convicção teórica que os voluntários missionários operam numa lógica de dádiva. A relação de dádiva é uma história, inicialmente delimitada no tempo e no espaço, que, posteriormente, ultrapassa as fronteiras do tempo, transformando-se em memória. A reciprocidade da dádiva não é imediata, mas diferida no tempo. Foi à luz desta lente que procurámos analisar o discurso dos voluntários missionários.

A história de vida “quer-se monólogo” (Poirer et. al, 1999, p. 85), procurando restituir a veracidade e a genuinidade dos factos, da relação vivida e experienciada. A montagem – ou síntese – que realizámos teve a preocupação de ser uma simples restituição do *corpus*, sem deformação (*idem*), mediante uma transmissão oral e personalizada, procurando recolher e registar não só as suas ideias como apreender as atitudes e um determinado “estado de espírito”. Neste registo, reforçamos a opção pela ideia descrita, por exemplo, no pensamento de R. Park (1864-1944), que, numa perspetiva ecológica de análise da cidade e das relações que o indivíduo estabelece com o espaço, sublinha “l’importance des histoires de vie pour saisir concrètement les interactions permanentes entre le cheminement résidentiel des familles et l’évolution de leurs attitudes, de leur

état d'esprit, de leurs perspectives, et avant tout des idées qu'elles se font d'elles-mêmes" (cit. por Isaac Joseph, 1990, p. 36).

Nesta linha de análise, torna-se importante salientar que as histórias de vida aqui retratadas procuraram ser a reconstituição de experiências de voluntariado missionário, preconizadas por pessoas diferentes. Diríamos mesmo que se trata de apresentar *retratos de histórias de vida*. Não se procura a reconstrução integral das mesmas. Nas palavras de Barreto (2007, p. 9), "um retrato pode, então, ser uma imagem, com pessoas ou não. A tomada de vistas, o plano, como nós dizemos, pode ser muito geral" ou, por outro lado, poderá ser mais aproximado de determinados aspetos, aqueles que nos parecem ser mais pertinentes para a nossa investigação. No presente caso, este retrato é protagonizado por quatro pessoas, duas mulheres e dois homens que vivenciaram experiências de voluntariado missionário. Sujeitos que, pela relação que estabeleceram com o meio envolvente e com os outros, ao longo da sua vida, construíram um trajeto ligado à prática do voluntariado missionário.

Neste trabalho de investigação, procurou-se ouvir, em voz própria, aquele que experiencia a prática do voluntariado missionário, através da recolha de informação mediante a técnica da entrevista semidiretiva, auscultando opiniões, conhecimentos, significações ou expressões, motivações e consequências dessa prática. Relativamente a este último aspeto, que diz respeito às consequências e ao impacto da experiência de voluntariado missionário na vida do indivíduo assim como na própria comunidade de acolhimento, quisemos salvaguardar a necessidade uma exploração mais aprofundada. Embora a temática do impacto estivesse presente no guião inicial da história de vida (ver anexo V), a mesma não foi devidamente explorada por motivos relacionados com as limitações do tempo disponível

para o estudo. A exploração aprofundada da temática implicaria a realização da entrevista semidiretiva em várias sessões com o mesmo indivíduo, e tal não aconteceu. Torna-se importante referir que auscultar o impacto desta experiência de voluntariado missionário no trabalho desenvolvido nas comunidades onde os voluntários missionários se encontram atualmente ficará para um segundo momento da investigação, a realizar oportunamente.

Temos a noção de que a história de vida não esgota a complexidade desta realidade social. Constitui, porventura, uma visão redutora e parcelar sobre a mesma. No entanto, esta metodologia de trabalho implica um registo escrito sobre uma matéria que, frequentemente, tem ficado no domínio da oralidade. Podemos considerar este trabalho de investigação como um estudo preliminar que acaba por tornar visível um conjunto de informações relevantes sobre: o perfil do voluntário missionário; as principais motivações que o leva a partir em situação de missão; o contexto organizacional subjacente à sua mobilização; o impacto da experiência da prática do voluntariado missionário na vida do mesmo, assim como na vida das comunidades de acolhimento.

Trata-se, portanto, de uma história de vida centrada numa experiência vivida de voluntariado missionário que, através da aplicação da entrevista semidiretiva, procura reconstruir informação sobre os voluntários missionários, respondendo às seguintes questões: quem são? Porque partem em missão? Como vão? O que fazem? Qual a *mais-valia* desta experiência na sua vida e na vida das comunidades por onde passam?

Paralelamente, procurámos compreender o processo de seleção e envio de voluntários missionários, fazendo um pouco de *análise das organizações*. Trata-se, no fundo, de uma abordagem quanto ao funcionamento

das organizações promotoras de voluntariado missionário, naturalmente na perspectiva dos entrevistados.

São estes os *retratos de vida da experiência* do voluntariado missionário que procurámos (re)construir, abarcando, a nosso ver, os aspetos de análise mais significativos e que vão, na nossa perspectiva, ao encontro dos objetivos pretendidos no âmbito deste estudo.

Reforçamos a ideia de que, do ponto de vista metodológico, não realizámos histórias de vida integrais, assim como não procedemos à sua (re)construção, legítima, em conjunto com os próprios entrevistados. Não se verificou a disponibilidade temporal necessária para o efeito.

Considerámos a história de vida como testemunho único e como um elemento de uma pesquisa mais vasta. Com a aplicação de histórias de vida, procurou-se efetuar uma triangulação metodológica entre: a) a análise quantitativa via aplicação de inquérito por questionário, quer aos voluntários missionários quer às instituições promotoras de voluntariado missionário; b) a observação indireta de alguns territórios empíricos de acolhimento e de prática da ação social voluntária missionária; e c) obviamente, a recolha de informação junto dos protagonistas do voluntariado missionário, acrescentando uma configuração de natureza qualitativa à investigação realizada. Salienta-se ainda que o percurso de investigação efetuado partiu de um conjunto de informações de natureza documental, recolhidas, até à data, quer pelas organizações promotoras de voluntariado missionário, quer pela própria FEC, o qual foi, entretanto, alargado e aprofundado.

As histórias de vida foram fortemente centradas nas questões anteriormente descritas. Digamos que foram realizadas como uma especialização temática, centrada em características do perfil do voluntário missionário,

nas suas motivações, na sua prática de voluntariado missionário e respetivo impacto, quer na comunidade de acolhimento quer na vida pessoal e profissional do voluntário missionário.

Procedeu-se à gravação, após o necessário consentimento dos entrevistados e reproduziu-se integralmente o seu discurso em registo escrito, passível de ser consultado. Cada história de vida foi elaborada com base na unicidade do testemunho.

Como já referido inicialmente, a análise sociológica da história de vida implica uma certa analogia entre história individual e sociedade. Este estudo não teve, como elemento central, essa preocupação. Contudo, sabemos que o que os voluntários missionários entrevistados nos disseram leva, ainda que sem pretensão, a uma relativa representatividade de uma atuação social específica: o voluntariado missionário. Deste modo, não podemos deixar de tecer algumas considerações, ainda que sintéticas, sobre o papel humano fundamental que o voluntário missionário tem na sociedade atual. As profundas mutações socio-históricas ocorridas nas sociedades ocidentais nos últimos 30 anos configuraram uma verdadeira mudança de paradigma nas relações de sociabilidade que tecem, contemporaneamente, os vínculos que alimentam as razões da vida em comum. Erigimos uma *sociedade de risco* (U. Beck, 1992; 2002, Fernandes, 2006), onde a individualização dos estilos de vida conduziu a relações sociais mais ligadas pelo “interesse” do que pela noção de bem-comum. O risco e a incerteza são fatores que aparecem rodeados de grande centralidade na cultura moderna, segundo A. Giddens (1997, p. 84 – 85). Ao conjunto de riscos sociais apontados por este autor, podemos ainda acrescentar a pobreza assim como a violação dos direitos humanos, ainda mais se olharmos à privação material, que acontece em contextos onde as necessidades básicas não se encontram satisfeitas, como

uma negação dos direitos humanos mais básicos (Ziegler, 2007, p. 93).

Esta é a realidade dos países e locais de destino dos voluntários missionários ouvidos.

Numa outra perspectiva de análise, o crescimento económico traz consigo novas fragilidades humanas, entre elas, o desemprego e a desqualificação profissional, em termos globais. Neste sentido, Ulrich Beck (2003) advoga um novo pacto social pois “o nosso trabalho chegou a ser tão produtivo que necessitamos cada vez menos de trabalho para produzir bens e serviços. A integração material e social dos homens pelo trabalho remunerado continua a ser tão importante como antes, ainda que não do mesmo modo” (Idem, p. 12). O autor refere-se a uma forma de trabalho público e civil, alicerçado em compromisso cívico. Assim, “o trabalho cidadão poderia conseguir que as cidades fossem mais habitáveis, que os esforços resultassem mais eficazes e que a democracia se fortalecesse” (Idem, p. 13). Para o autor, “não se trata de substituir o trabalho remunerado, mas de completá-lo” (Ibidem, p. 36). Na esteira deste autor, podemos advogar que surge um espaço privilegiado de intervenção social, de natureza não estritamente laboral, que seria o voluntariado. Este modo de trabalho cidadão poderá constituir uma resposta social e pedagógica de luta contra a exclusão social e ser uma via alternativa e complementar, no sentido de equilibrar uma segunda modernidade marcada pela (in) compatibilidade entre as exigências da era global e a necessidade de uma justiça social, em ordem a um mundo, se realmente possível, mais coeso. No contexto destes grandes desafios do milénio, operam os voluntários missionários, contrapondo, à impessoalidade do mundo, um rosto cidadão atento e disponível, marcando a intervenção social pela relação social face a face, imbuída de sentido de pertença. “A intervenção humana

proporciona a oportunidade para a modelagem do universo dos eventos futuros. As sociedades já não se pautam pelo destino. O fatalismo é radicalmente oposto à orientação controladora que permeia a modernidade tardia. Libertando-se do acaso e do fatalismo, a sociedade abre-se ao risco. A preocupação posta na “colonização do futuro” desenvolve, nos seres humanos, a capacidade de configurar os cenários futuros da sua existência”. (Fernandes, 2006, p. 118). Salienta-se, neste sentido de análise, a importância fundamental da função social do voluntariado missionário no apoio prestado às populações e comunidades na construção e autonomização do seu próprio futuro.

III

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

- VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO COMO PRÁTICA DE
RELAÇÃO DE DÁDIVA

O presente estudo privilegia uma abordagem ao voluntariado missionário a partir da noção de dádiva, procurando relacionar a ação voluntária missionária com a prática de relação de dádiva.

Inicialmente, procura-se concetualizar a noção de dádiva enquanto forma própria de estabelecer uma relação de ajuda que permite recriar o laço social com uma profunda significação ética, significação essa que emerge da estrutura de gratuidade e de liberdade que subjaz à noção de dádiva. De seguida, reflete-se sobre algumas motivações dos voluntários e, considerando a matriz cristã do voluntariado missionário, analisa-se com maior detalhe a motivação religiosa para a prática voluntária, articulando-a com o sentido cristão da dádiva. Por último, discute-se o impacto da ação voluntária na vida dos voluntários, a partir da dinâmica instaurada numa relação de dádiva.

1. NOÇÃO DE DÁDIVA

De forma ampla, entende-se por dádiva a ação ou prestação de bens ou serviços realizada sem expectativa, garantia ou certeza de retribuição – o que compreende uma dimensão de gratuidade – e que procura a criação, manutenção ou regeneração do vínculo social (Caillé, 2002a, 2002b). Desta definição resulta que a dádiva estabelece uma relação de troca simbólica (troca-para-o-vínculo), ou seja, uma relação propriamente ética que tem a sua razão de ser na abertura ao outro e na esperança de uma resposta.

Numa relação económica, o que circula tem um valor de troca, representável por um montante em dinheiro, e/ou um valor de uso, determinado em função da sua utilidade e funcionalidade. Na relação de dádiva, pelo contrário, tudo o que circula – um objeto, um serviço, um “gesto” – possui um valor simbólico de vínculo na medida em que exprime, alimenta e reforça o laço social (Godbout, 1992). A dádiva está ao serviço da relação, da amizade, da solidariedade, constituindo uma forma própria de estabelecer o vínculo social.

Nenhuma relação humana pode subsistir no tempo e na qualidade à pura condicionalidade. Sem a esperança e a confiança de que o outro está disponível para oferecer generosamente um apoio material ou afetivo, para realizar um simples gesto incondicional, dificilmente alguma relação poderá formar-se ou manter-se. A dádiva, ao introduzir um gesto gratuito e incondicional expresso na capacidade de se abrir à incerteza quanto ao retorno, coloca a relação interpessoal num registo de gratuidade e de incondicionalidade, ambiente próprio das relações humanas e condição para que a confiança e uma nova sociabilidade possam ocorrer.

Afirmar a dimensão de gratuidade da dádiva não significa excluir o interesse por parte dos parceiros da relação, mas traduz o facto de que

“o dar”, “o receber” e “o retribuir” – momentos constitutivos da dádiva – estão subordinados à afirmação de cada pessoa se constituir a si mesma como pessoa, sujeito de si, e de se manifestar nessa condição na relação que estabelece com o outro. Não se estabelece uma relação de dádiva apenas para obter alguma coisa, mas para instaurar, em primeiro lugar, um movimento em direção ao outro enquanto outro e, deste modo, os motivos e os objetivos subjacentes à dádiva estão subordinados à qualidade da relação que os sujeitos constroem entre si. A ligação dar-retribuir é complexa. A dádiva não pode ser explicada por uma racionalidade linear fim-meios; pensar em termos de dádiva implica deixar de ver todas as coisas como meros instrumentos ao serviço dos interesses pessoais ⁶.

Dar constitui o gesto generoso que inicia a relação de dádiva e que, mais do que exigir uma retribuição, convida à resposta. A lógica da dádiva é de profunda liberdade: o doador dá gratuitamente sem nenhuma obrigação e sem poder impor uma contradádiva; o donatário recebe livremente a dádiva e pode livremente decidir retribuí-la. Quando se estabelece uma dinâmica relacional, os parceiros envolvidos são, simultaneamente, doadores e donatários, isto é, verdadeiros sujeitos da relação. Nas palavras de Lefort, “o doador convida, provoca até, o donatário, não tanto a dar uma

⁶ Se o momento do “dar” funda a relação de dádiva, esta só adquire pleno sentido na unidade formada pela tríade: dar – receber – retribuir. Na verdade, se dar sem esperar um retorno garantido é a condição da dádiva, dar sem supor que a dádiva vá ser recebida não faz sentido. E a esperança de uma resposta é absolutamente legítima e necessária para que se estabeleça o laço social. O desejo de criar ou alimentar uma relação está implícito na doação que a gratuitidade do gesto não procura negar. Pelo contrário, querer dar na “pura” gratuitidade pode esconder, mesmo que de forma inconsciente, intenções e dinâmicas que procuram criar dependências, construir uma relação de subordinação ou exercer um poder sobre o outro. Neste caso, estabelece-se uma relação na qual o outro não é sujeito, mas objeto. Além disso, dar e não querer receber compromete, irreversivelmente, a própria relação porque destrói a possibilidade de se estabelecer um autêntico encontro intersubjetivo.

contrapartida, como a ocupar por sua vez a posição de doador. Assim, dar para que o outro dê não é equivalente a dar para receber” (cit. in Godbout, 1992, p. 265).

Na relação de dádiva, tudo o que circula possui um valor simbólico de vínculo, como já afirmado. Contudo, o que circula é também o que separa os sujeitos da relação e impede qualquer “fusão”: um é aquele que dá e outro é aquele que recebe; um é aquele que retribui e outro o que recebe em retribuição. Na sua função simbólica, a dádiva separa para unir. Cada sujeito da relação é insubstituível; um não é o outro; trocam-se dádivas, mas não lugares. E se ambos são doadores e donatários, estabelece-se uma relação sem subordinação que preserva a liberdade e a intimidade das pessoas (Ricoeur, 2006), embora instaure, no mesmo movimento, a responsabilidade de um pelo outro.

O nosso tempo assiste à emergência do ser humano como sujeito de si, alguém que é protagonista da sua vida e que, nesse estatuto, reflete e age num mundo complexo que partilha com os outros. Ser sujeito de si significa ser sujeito para si, para os outros e perante os outros (Carvalho e Baptista, 2004). Como sujeito de si, o ser humano toma livremente posições. O voluntário missionário expressa uma posição. Com a sua ação, posiciona-se face ao mundo em que vive, faz opções e toma iniciativas; na relação com os outros, vai-se conhecendo e construindo a si mesmo e aponta para a utopia de vida em comum que pretende construir.

O campo de ação do voluntariado missionário é imenso e, como já evocado, frequentemente marcado por realidades pessoais e sociais tendencialmente violentas para a dignidade humana. O compromisso com a justiça social é, neste contexto, indispensável e significa

promover as condições humanas e sociais que confirmam ao outro o seu direito a ser sujeito de si e a ser, com liberdade e dignidade, autor e protagonista da sua vida.

Mas se, como foi afirmado, ser sujeito de si implica ser sujeito para si, para os outros e perante os outros, isso representa, fundamentalmente, relacionar-se consigo e com os outros num processo de interpelação a si mesmo e de abertura à presença do outro, também ele, sujeito de interpelação. Deste modo, no centro da ação voluntária devem estar as pessoas com os seus sofrimentos, mas também os seus sonhos e esperanças; o respeito pelo outro, investido desta dignidade, obriga a que o primeiro passo na construção da relação esteja assente em atitudes de acolhimento, atenção e dádiva e não em afirmações individualistas, egoístas, paternalistas ou de domínio.

Estabelecer uma relação com o outro que vive acorrentado pelas mais diversas formas de violência é indissociável da disponibilidade do voluntário para dar o melhor de si, transcender-se na sua ação, transformada numa experiência em que se dá a si próprio. Nesta relação, está presente como pessoa e, com a sua dádiva, permite que o outro também se reconheça como pessoa e se sinta valorizado na riqueza da sua singularidade⁷. Este “dar-se” manifesta a dimensão simbólica da dádiva, pois não há dádiva a não ser daquilo que excede, por sua dimensão simbólica, a dimensão utilitária e funcional dos bens ou dos serviços (Caillé, 2002). A prática do voluntariado integra uma lógica da ação e uma lógica da doação, o “dar”

da cooperação e o “dar-se” da generosidade (Domingo Moratalla, 1997), extensiva a todos os seres humanos, especialmente àqueles que mais necessitam, afirmando-se o valor intrínseco do outro.

Procurando concretizar o valor da solidariedade nas relações de sociabilidade do mundo contemporâneo, a ação voluntária deve ajudar a criar as condições que permitam que a outra pessoa seja sujeito de si, construa o seu projeto de vida e se integre ativamente na comunidade onde vive. O desenvolvimento de condições sociais de vida digna e a educação desempenham um papel determinante na concretização destes objetivos. Na verdade, a missão fundamental da educação consiste em ajudar cada pessoa a conhecer-se, a conhecer o outro e a “transformar a interdependência real” entre as pessoas em “solidariedade desejada” (UNESCO, 1996, p. 41), isto é, em capacidade de estabelecer vínculos e viver juntos. O fundamental na ação socioeducativa é a realização da progressiva autonomia das pessoas, numa relação interpessoal marcada pelo diálogo, participação e corresponsabilização. Só assim é possível “fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino” e estabelecer o “exercício [de uma] cidadania ativa” (UNESCO, 1996, p. 90).

Na intervenção voluntária é, por isso, dada uma especial relevância aos projetos de caráter educativo e social, como ilustram os dados referentes às áreas de atuação/ação das instituições que participaram neste estudo.

7 Através da mediação simbólica instaurada pela dádiva, o sujeito conquista a sua própria subjetividade na relação que constrói com o outro: “A ideia segundo a qual a dádiva deve ser retribuída supõe que outrem é um outro eu (...) e esse gesto retribuído deve confirmar para mim a verdade do meu próprio gesto, isto é, a minha subjetividade (...), os homens confirmando uns aos outros que eles não são coisas” (Lefort cit. in Ricoeur, 2006, p. 240-241).

2. MOTIVAÇÕES DO VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO

Seguindo uma sistematização das motivações presente na literatura, este estudo agrupa as motivações dos voluntários missionários nas categorias: Valores, Desenvolvimento de carreira, Interação Social, Reconhecimento, Reciprocidade, Reatividade, Autoestima, Crescimento pessoal e compreensão do mundo, Religião, Governo e Comunidade⁸. Porém, atendendo à problemática singular em análise – o voluntariado missionário – e à ótica preferencial adotada para analisar a ação voluntária – a noção de dádiva – procurou-se operacionalizar esta noção e analisar a plausível relevância da motivação religiosa, através de indicadores específicos introduzidos nos inquéritos aos voluntários e que são apresentados na discussão dos resultados.

Compreender as motivações que conduzem à prática do voluntariado missionário constitui uma tarefa complexa porque, desde logo, essas motivações não são estáticas, antes se transformam na própria experiência de voluntariado, concretamente, na relação de dádiva estabelecida, conforme é evidenciado nas *Histórias de Vida*. Por outro lado, considerando as características dos voluntários inquiridos, nomeadamente o facto de

8 A partir de uma revisão da literatura sobre as motivações dos voluntários, Ferreira, Proença e Proença (2008) agrupam as referidas motivações nas categorias: altruísmo, pertença, reconhecimento social e aprendizagem e desenvolvimento. De acordo com estes autores, uma das categorizações mais completas presentes na literatura relativa às motivações dos voluntários é a de Clary, Snyder, Ridge, Copeland, Stukas, Haugen e Miene (1998) que divide as motivações de acordo com as suas funções: função de valores – oportunidades para o voluntário expressar os seus próprios valores, altruísmo e humanismo; função de compreensão – oportunidade para compreender e exercitar o seu conhecimento e habilidades; função social – oportunidade de estar com amigos ou fazer novos amigos; função de benefícios – relacionada com a carreira profissional que pode ser obtida através do trabalho voluntário – e, finalmente, função de autoestima e ego (Ferreira et al., 2008). Como já referido, na construção do inquérito relativo às motivações dos voluntários, seguiu-se, com as adaptações necessárias tendo em conta a especificidade do objeto de estudo, o VMI – Volunteer Motivation Inventory proposto por Judy Esmond e Patrick Dunlop (2004) e disponível em: <http://www.morevolunteers.com/resources/MotivationFinalReport.pdf>.

a grande maioria (cerca de 70%) ter, pelo menos, mais do que uma experiência de voluntariado, é expectável que, nas suas respostas, esteja incorporada a reconstrução das próprias motivações.

Estas que atraem os voluntários podem ser distintas das que os fidelizam ou retêm na organização (Ferreira et al., 2008). A análise das *Histórias de Vida* parece corroborar esta afirmação. Na realidade, motivações mais centradas em si mesmo, tais como a vontade de viajar e conhecer outros países e culturas ou a procura de novas experiências, presentes sobretudo na primeira experiência de voluntariado, transformam-se em motivações mais altruístas, resultantes da relação com o outro e da sua interpelação, observadas nos voluntários que repetem a experiência de voluntariado missionário (cf. *Histórias de Vida*).

Numa relação de dádiva, a unidade no “dar-receber-retribuir” possibilita o crescimento e a transformação de cada um dos sujeitos da relação. O encontro com o *mistério* do outro permite uma oportunidade singular de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, constituindo uma forte motivação para a ação do voluntário presente nos dados obtidos tanto no inquérito aos voluntários quanto nas *Histórias de Vida*.

Outra importante motivação é a que se refere ao sentimento de pertença. Na lógica da relação de dádiva, o voluntário missionário deseja e procura estabelecer relações com o outro, fazer parte da sua vida e da sua comunidade. A pertença a uma instituição ou a uma causa, fundamentalmente de carácter religioso, é também fonte de motivação para o voluntário missionário.

Considerando que o grupo dos voluntários missionários possui uma matriz cristã, quer a nível da génese de muitas das instituições envolvidas nesta forma de voluntariado, quer da formação prestada aos voluntários

ou, ainda no que diz respeito aos parceiros com os quais estes trabalham no terreno – sobretudo, missionários religiosos membros de congregações religiosas -, a motivação religiosa deverá estar marcadamente presente. Na verdade, os dados confirmam que a vivência da fé cristã é uma dimensão fundamental na motivação dos voluntários inquiridos; não sendo esta motivação religiosa exclusiva, não deixa de ser dominante (cf. análise dos inquéritos e histórias de vida).

2.1. Sentido cristão da dádiva

Para o voluntário cristão, a vivência da fé motiva e estimula a sua ação e constitui uma luz orientadora: a pessoa e mensagem de Jesus Cristo é a expressão máxima e paradigmática da forma como deve ser vivida a relação de dádiva. Por isso, a experiência cristã constitui uma gramática de dádiva que precede e confere sentido à ação do voluntário missionário:

a vivência espiritual cristã, marcada pela cultura da gratuidade, cria uma disponibilidade interior para os outros, até à radicalidade da entrega, para servir as necessidades reais das pessoas (...). Quem é coerente com a fé cristã transforma a vida e adota gestos de fraternidade, busca o conhecimento das situações a socorrer e sonha vias criativas de solução para os problemas. (CEP, 2011, n.º 2).

O sentido cristão da dádiva funda-se no “excesso de dom” do amor de Deus pelo ser humano, que convida a uma resposta de cada pessoa a Deus e ao outro. Na ótica cristã, o encontro com o outro é lugar de experiência religiosa (Mt 10,40; 25,35), pelo que se estabelece uma leitura transcendente da relação e se afirma que a razão primeira que motiva e confere qualidade a essa relação é o amor.

O Novo Testamento utiliza o termo *ágape* para definir o amor. *Ágape* é um amor exigente, livre e gratuito, um amor singular e universal, capaz de amar os inimigos (Mt 5,43-44). *Ágape* é a aceitação do outro tal como ele é. A sua prática relaciona-se assim com o desapego, a descentração de si e o despojamento. Atitudes que, porém, não significam uma negação ou dissolução da identidade de quem assim ama, antes a negação da tendência de referir-se a si mesmo como fim. *Ágape* significa renunciar à plenitude do ego e ao poder; manifesta-se como o oposto do egoísmo e da violência (Comte-Sponville, 1995).

O amor *ágape* é relacional e, por isso, “o homem não pode viver exclusivamente no amor oblato (...). Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dádiva” (Bento XVI, 2006, n.º 7). Uma prática de relação de dádiva marcada pelo amor *ágape* liberta a ação humana da esfera do egoísmo, narcisismo e hedonismo e revela a capacidade de auto transcendência do ser humano.

Vencer o egoísmo e estabelecer uma relação sob o signo da *ágape* não é fácil. E no caso específico da ação voluntária, é ainda necessário considerar que ela realiza-se, não poucas vezes, em situações de grandes dificuldades e adversidades. Em tudo isto, contudo, o voluntário cristão, refletindo sobre a mensagem de Jesus Cristo e inspirando-se no testemunho da sua vida, sente-se reconfortado, protegido, garantido e confirmado no caminho que quer percorrer. A vivência da fé apoia-o na superação de si mesmo, motiva-o para a ação e leva-o a acreditar na força da mesma, como apontam os resultados obtidos neste estudo.

A ação voluntária poderá então transformar-se numa relação de dádiva, na perspetiva cristã, com as seguintes características: a) constitui resposta a uma necessidade concreta: os famintos devem ser saciados, os nus vestidos, os doentes tratados, os presos visitados (cf. Mt 25,35-36; Lc

10,30.33-35); b) é expressão do amor de que todo o homem tem necessidade; c) é um testemunho de Jesus Cristo; d) é uma ação pela qual o cristão não dá apenas qualquer coisa a alguém, mas dá-se a si mesmo, o que implica que está presente na relação como pessoa (cf. Bento XVI, 2006, nns. 31, p. 34-35).

Resulta desta ação voluntária a concretização de uma forma de solidariedade que, à luz da fé cristã, tende “(...) a superar-se a si mesma, a revestir-se das dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação” (João Paulo II, 1987, n.º 40) e constitui uma pedagogia para descobrir no outro alguém convidado para o banquete da vida: “a solidariedade ajuda-nos a ver o ‘outro’ – pessoa, povo ou nação – como um nosso ‘semelhante’ (Gn 2,18.20), que se há-de tornar participante, como nós, no banquete da vida, para o qual todos os homens são igualmente convidados por Deus”. (*Ibidem*, n.º 39).

3. IMPACTO DA AÇÃO VOLUNTÁRIA NA VIDA DO VOLUNTÁRIO MISSIONÁRIO

A gratuidade e a liberdade estruturam a dádiva e enquadram uma relação que, distanciando-se de uma lógica autocentrada (individualista, utilitarista), abre espaço à possibilidade de autotranscendência do ser humano e ao desenvolvimento de um dinamismo de superação e transformação da pessoa e das relações sociais. Neste processo, o estabelecimento da relação com o outro é, como já foi amplamente sublinhado, determinante. Por isso, o impacto da ação do voluntário, isto é, a efetiva concretização dos objetivos que se propõe alcançar com os seus destinatários, bem como o impacto desta ação sobre si próprio estão dependentes da qualidade da relação de dádiva que se estabelece.

Por outro lado, a relação de dádiva enquanto relação social é dinâmica e em permanente construção, o que permite compreender que se aprende a viver numa lógica de dádiva, na própria relação. A relação de dádiva é a história da relação construída, no espaço e no tempo, pelos sujeitos da relação; a dádiva circula então numa reciprocidade diferida no tempo.

A vivência progressiva da relação de dádiva e o seu permanente aprofundamento resultante da transformação das motivações deverá determinar um impacto também ele progressivo e positivo entre os parceiros da relação e nas respetivas comunidades de acolhimento. Impacto que não significa apenas *maior eficácia* (maior correspondência entre objetivos e resultados alcançados), mas também *maior efetividade* (maior correspondência entre os resultados alcançados e as necessidades pessoais e sociais existentes).

O aprofundamento da dádiva, a crescente riqueza do que circula nos momentos do dar, receber e retribuir são, de alguma forma, intrínsecos à própria dinâmica relacional que se estabelece e confirmam a presença

do “excesso de dom” na relação. Assim, por exemplo, o voluntário experimenta que aprende mais, dando-se. E quanto mais se dá, mais se enriquece a si e ao outro e, por isso, ambos aprendem mais. Na riqueza do encontro com o outro, sujeito como eu, ocorre a novidade, a surpresa, o enriquecimento mútuo. No âmago da relação, o “excesso de dom” alimenta e fá-la percorrer patamares de maior crescimento e profundidade, constituindo um movimento em espiral em que aquela se alimenta e motiva a si mesma.

A constatação fenomenológica de que numa relação se recebe mais do que se dá – reciprocidade assimétrica -, confirma esta dinâmica da relação de dádiva e a presença do “excesso de dom”⁹.

Ao contrário de uma relação económica em que cada troca é completa, cada relação é pontual e cada dívida deve ser definitivamente liquidada, na relação de dádiva estabelece-se uma “dívida mútua positiva”, na expressão de J. Godbout (1992; 2002). Trata-se, de facto, de uma dívida que é permanente e recíproca, que não tem um sentido económico nem tampouco diz simplesmente respeito “às coisas” que circulam na relação, mas que atua no interior da relação sobre o laço que se estabelece entre as pessoas. Este estado de dívida constitui uma “economia de gratidão”, alcançada numa relação quando o desejo de dar ou a gratidão experimentados por cada pessoa em relação ao outro se dirigem ao que o outro é, e não ao que dele recebeu.

A retribuição é um momento da relação de dádiva. Mas, também aqui, é possível inferir uma transformação no tipo de retribuição que se busca.

9 O “excesso de dom” não está apenas presente no dar generoso que inicia a relação de dádiva. Ele marca presença de uma forma consistente e permanente. A literatura apresenta numerosos testemunhos de “espiral de generosidade”, isto é, de uma certa propensão para dar mais do que se recebeu, bem como da consciência do estabelecimento de uma dívida entre os parceiros da relação, já que cada um acredita receber mais do que dá (Godbout, 1992).

Quando se aprofunda a relação, compreende-se que a retribuição encontra-se, em última instância, na própria relação que o eu estabelece com o outro, na riqueza e aprendizagem que nela se constitui e no crescimento e transformação pessoal que cada um dos sujeitos da relação experimentam. Ou seja, a retribuição constitui a efetiva e justa presença do outro em mim, a realização e alegria por sentir que se pertence cada vez mais à vida do outro, por se sentir participante na transformação da sua vida e na construção do seu projeto de vida.

As principais ideias desenvolvidas neste capítulo do estudo encontram-se sistematizadas na Figura 1.



Figura 1. Voluntariado Missionário como prática de relação de dádiva

O voluntariado missionário, enquanto experiência de dádiva, é expressão de uma cidadania que se fixa no valor intrínseco da pessoa humana, exigência da nossa contemporaneidade. A grandeza desta missão obriga as instituições de envio e os respectivos voluntários a agirem com grande responsabilidade e competência, mas também com capacidade de entrega pessoal, generosidade e gratuidade. Se à relação de dádiva se juntar a competência técnica, o voluntariado emerge como um espaço relacional de profunda liberdade e criatividade, de decisão e ação entre sujeitos, contribuindo para a construção de um mundo mais solidário.

Como referido, a dádiva constitui uma forma de estabelecer vínculo social, que nasce das interrelações que ligam as pessoas e é mediado pelo que circula sob a forma de dádiva, isto é, pela intenção e significação atribuídas pelas pessoas ao que circula (mediação simbólica intersubjetiva). A dádiva é uma noção complexa, pertencente ao universo do simbólico. Refletir sobre a dádiva implica entrar neste universo, conhecer a experiência daqueles que a vivem. Trata-se de buscar, sob as trocas, os serviços e os gestos, a dádiva; sob as relações que se estabelecem, a presença da dádiva como indicador e catalisador dessas relações e da sua qualidade humana.

IV

**CARACTERIZAÇÃO
DAS INSTITUIÇÕES DE
ENVIO, PERFIL DOS
VOLUNTÁRIOS E ÁREAS
DE INTERVENÇÃO
PRIORITÁRIAS**

1. VOLUNTÁRIOS MISSIONÁRIOS: PERFIL, AÇÃO E FORMAÇÃO

Pela amostra das 137 respostas obtidas, é possível definir, de forma sucinta, o perfil do voluntário missionário: é predominantemente do género feminino (75%), solteiro (cerca de 80%) e titular de um curso superior (70%) ou habilitações académicas pós-licenciatura (15%). Nitidamente, quando se observa a distribuição dos voluntários por faixa etária, os jovens entre os 26 e os 35 anos são os que mais aderem (43%), seguindo-se-lhes de perto o grupo até aos 25 anos (38%). Embora em número comparativamente muito menor, há ainda voluntários a partirem em missão com idades muito mais avançadas. Em geral, houve, em todas as faixas etárias e ao longo do tempo, um aumento muito significativo de voluntários.

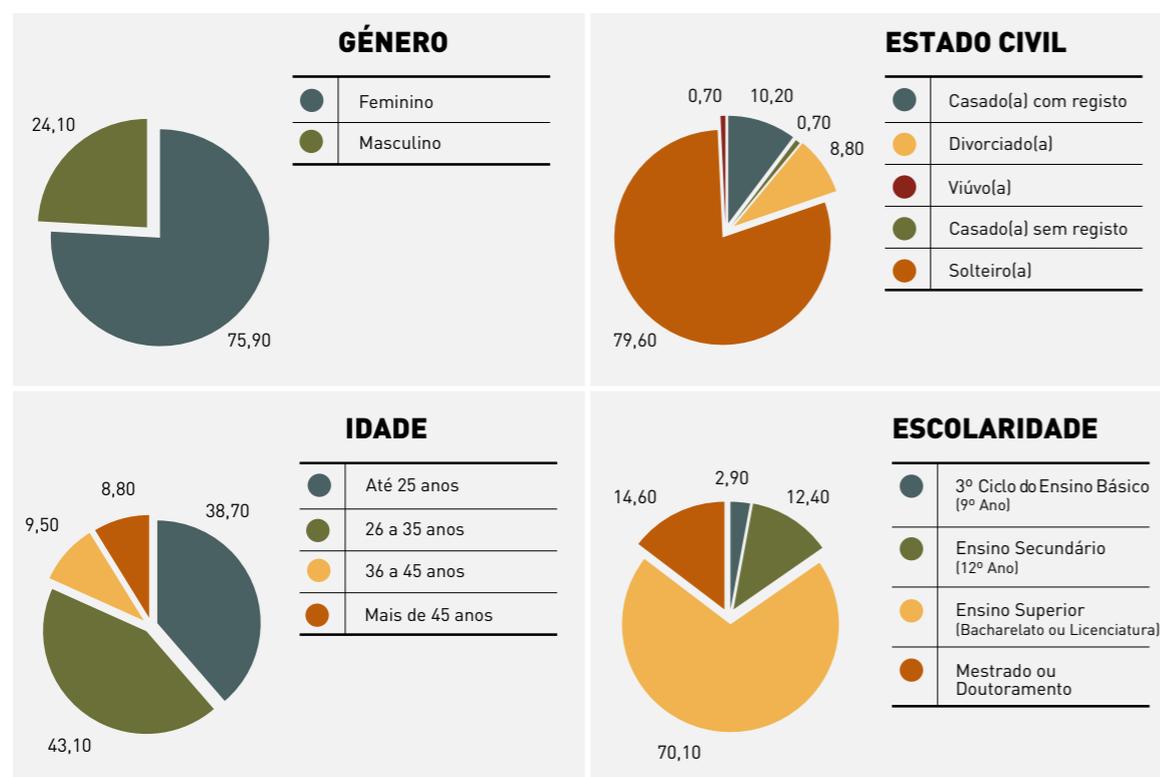


Gráfico 1. Perfil do Missionário por Género, Estado Civil, Idade e Escolaridade



Gráfico 2. Total de Voluntários - Por Faixa Etária

Os distritos de residência dos voluntários são bastante diversificados, podendo-se, no entanto, realçar uma predominância dos distritos de Lisboa, Aveiro, Porto e Braga. No que se refere à situação profissional e à autonomia financeira, embora também haja voluntários desempregados ou com emprego temporário, por norma ou são estudantes ou detentores de um emprego estável, sendo que cerca de 62% dos inquiridos afirmam gozar de autonomia financeira.

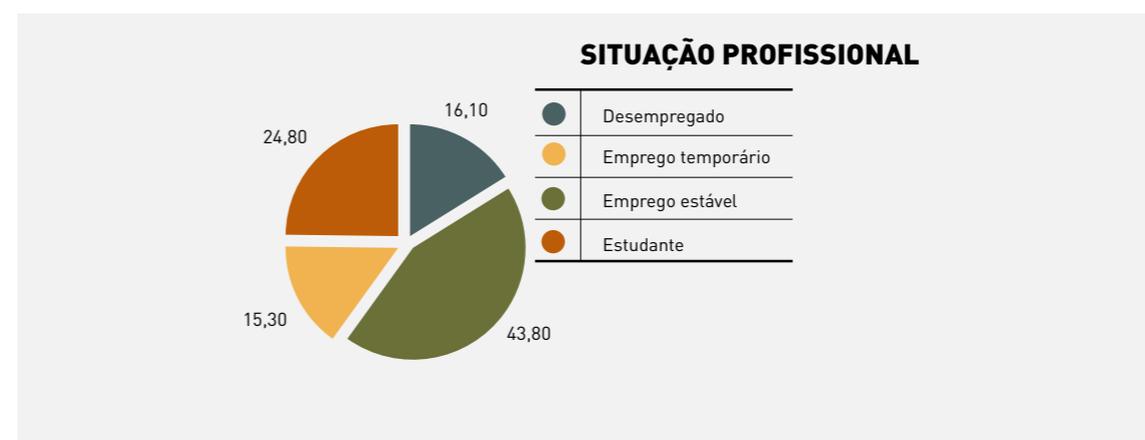


Gráfico 3. Situação Profissional

No que respeita às profissões, mais de metade desempenha profissões intelectuais e científicas, sendo grande parte deles professores, especialistas em assuntos sociais (psicólogos e assistentes sociais) e profissionais de saúde.

Dos que confirmam que vão realizar ações de voluntariado missionário durante o ano de 2011, cerca de 70% respondem que, no âmbito destas ações, vão trabalhar na área para a qual têm competências técnicas, académicas ou profissionais.

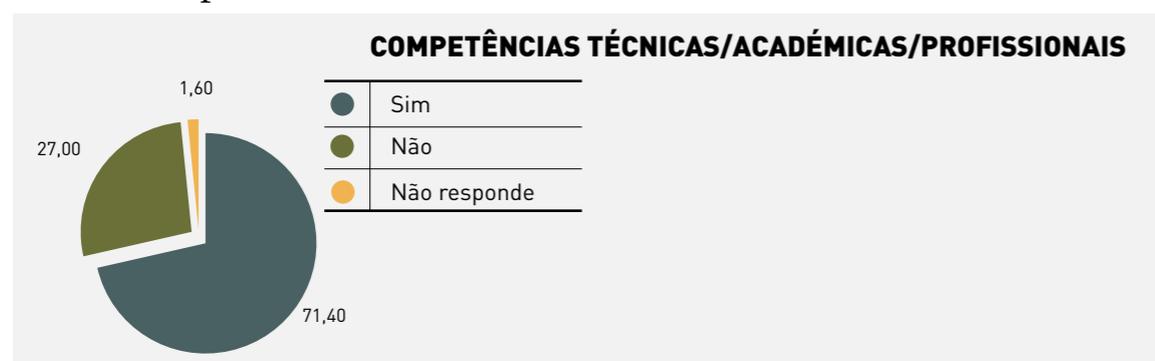


Gráfico 4. *Competências Técnicas/Académicas/Profissionais*

Mais de metade da amostra (67.15%) declara que, no momento em que preencheu o inquérito, já tinha tido experiência de trabalho voluntário, o que demonstra que há um grande envolvimento, uma vez que, com frequência, há repetição.

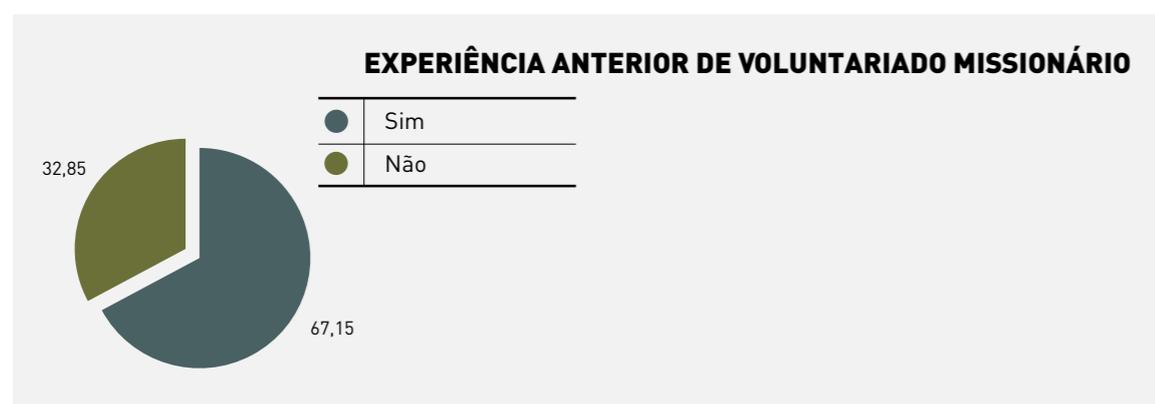


Gráfico 5. *Experiência Anterior de Voluntariado Missionário*

Pouco mais de metade dos inquiridos declara que se envolveu espontaneamente no voluntariado missionário. Constata-se que há também uma percentagem muito relevante de voluntários que se comprometeu com a missão através da influência de amigos ou familiares bem como da pastoral organizada.



Gráfico 6. *Como se Implicou no Voluntariado Missionário*

Quase 90% dos inquiridos afirmam professar uma religião e, desses, praticamente 70% declaram encontrarem-se envolvidos ativamente em um ou simultaneamente em vários organismos, instituições ou grupos da religião ou Igreja que professam.

A duração da missão pode ser muito diversa, sendo que a maioria afirma que parte para missões de curta duração, por um período de permanência entre um a três (3) meses. Também bastantes voluntários escolhem missões que duram menos de um mês.

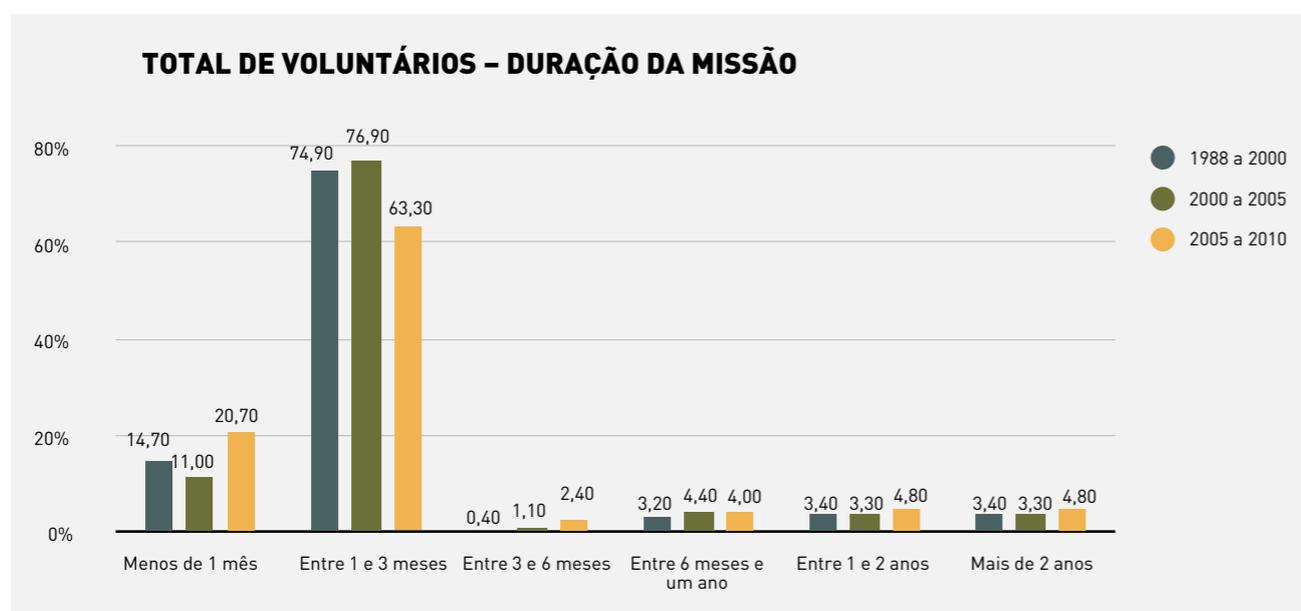


Gráfico 7. Total de Voluntários – Duração da Missão

Ainda em relação ao número de voluntários e duração da missão, comparando as informações recolhidas através do inquérito com os dados da FEC, estes corroboram as respostas obtidas nos inquéritos. Segundo a FEC, de 1986 a dezembro de 2004, houve uma média anual aproximada de 110 voluntários por ano e, de 2003 a 2009, o número de voluntários, quer de curta quer de longa duração, aumentou significativamente. No entanto, nos anos 2010 e 2011, o número de partidas de longa duração diminuiu ligeiramente face aos três (3) anos anteriores, embora o número de entidades envolvidas continue a aumentar há mais de uma década.

Ano	Nº total de voluntários	Nº de entidades envolvidas	Partidas de curta duração (15 dias a 6 meses)	Partidas de longa duração (mais de um ano)
2003	290	26	227	63
2004	301	29	202	99
2005	291	33	223	68
2006	261	30	214	47
2007	263	32	198	65
2008	283	37	220	63
2009	381	44	321	60
2010	360	41	317	43
2011	287	48	231	56

Tabela 1. Total de Voluntários – Duração da Missão

Independentemente da duração da missão, de uma forma geral, o número de voluntários enviados cresceu, podendo-se ainda registar o aumento sustentado do prolongamento do período de missão e a frequente repetição da experiência, assim como a permanência ligada a outras ações de voluntariado levadas a cabo na mesma organização ou em outras.

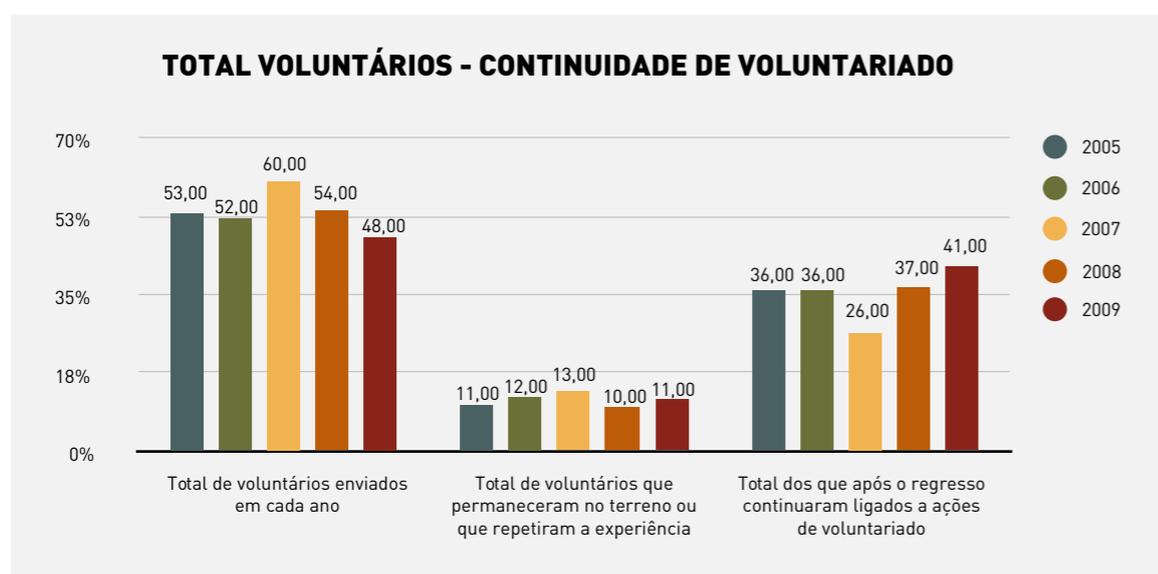


Gráfico 8. Total de Voluntários – Continuidade de Voluntariado

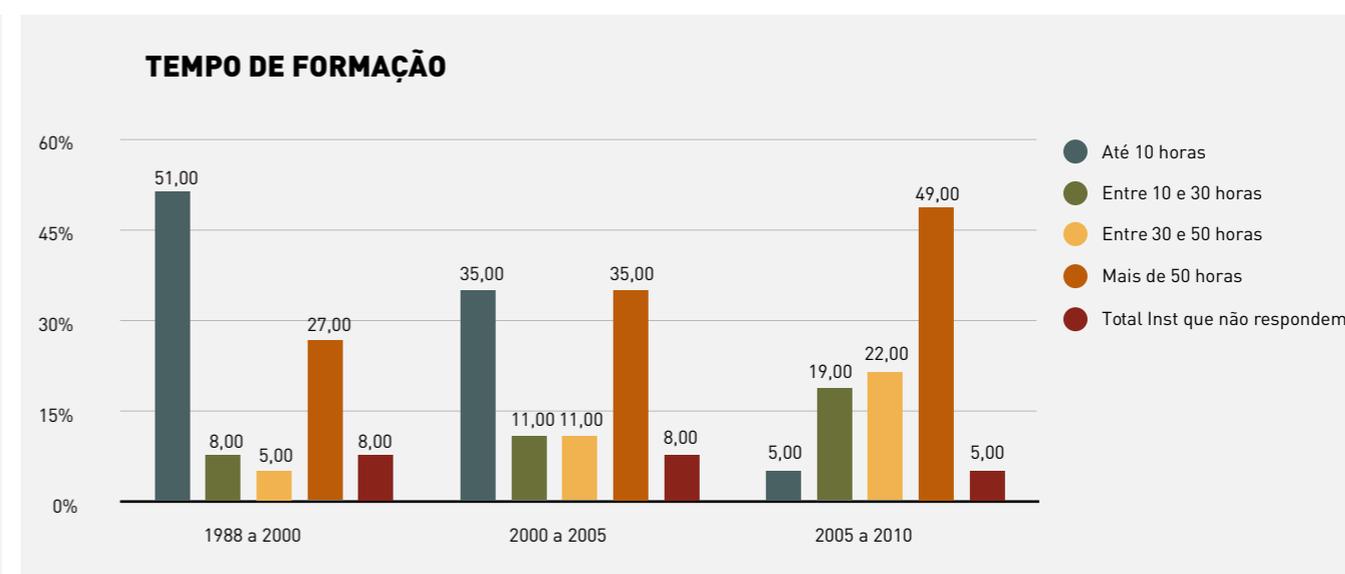


Gráfico 9. Tempo de Formação

No que concerne ao tempo médio, em horas, de formação proporcionada ao voluntário missionário antes de partir em missão, podemos afirmar que este é um indicador que registou grande progressão, na medida em que o número de horas disponibilizadas para o efeito, ao longo dos anos, aumentou extraordinariamente. Se inicialmente, 51% das formações proporcionadas tinham uma duração até 10 horas, havendo apenas 27% de formações com mais de 50 horas, em 2010, esta proporção inverte-se, com apenas 5% das formações a durarem até 10 horas e 49% das formações apresentando-se com uma duração superior a 50 horas.

Relativamente aos conteúdos abordados nas formações promovidas pelas instituições nos últimos cinco (5) anos, observa-se que o relacionamento humano e o trabalho em equipa, a espiritualidade, o carisma e a missão inerentes ao voluntariado são os conteúdos que aí têm mais peso. As informações sobre as populações e os contextos de vida abrangidos no terreno de atuação são tópicos que ocupam um espaço específico mas têm menor relevância no conjunto das horas de formação. Dos conteúdos inventariados, o que assume menor relevância é a formação técnica na área de atuação no terreno.

2. AS INSTITUIÇÕES DE ENVIO DE VOLUNTÁRIOS

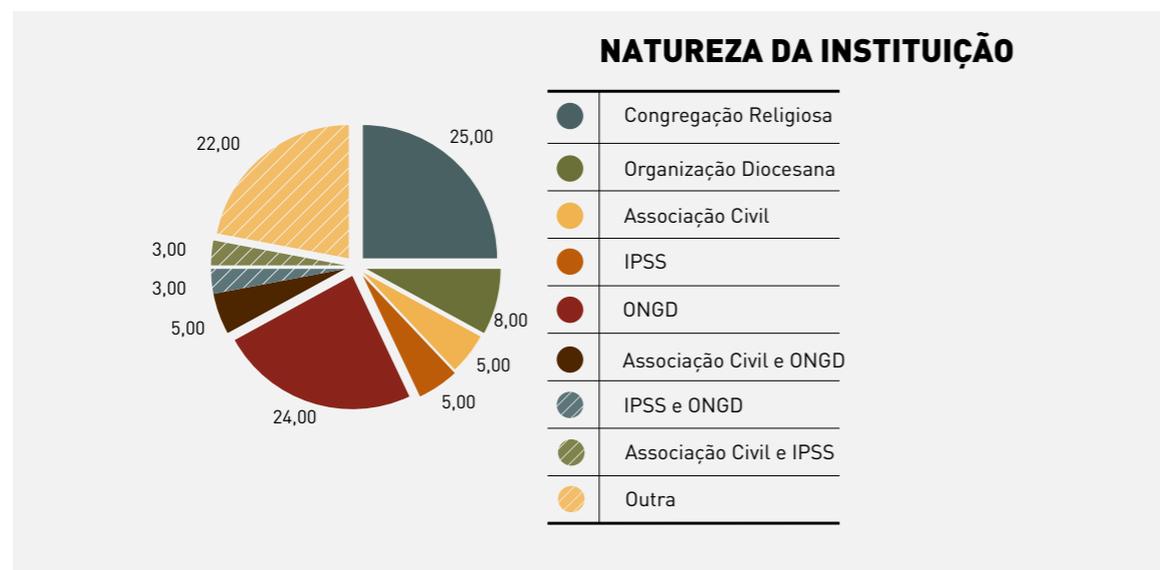


Gráfico 10. Natureza da Instituição



Gráfico 11. Captação de Voluntários – Resposta das Instituições

Segundo as 37 respostas obtidas das 56 instituições inquiridas (ver anexo II), a natureza das instituições que proporcionam voluntariado missionário é muito variada, embora quase 75% delas sejam de origem católica, tais como Congregações Religiosas (9), Organizações Não-governamentais para o Desenvolvimento – ONGD (9), IPSS ou instituições diocesanas (6). As estratégias privilegiadas de captação dos voluntários confinam-se às iniciativas espontâneas (57%) e/ou através da pastoral organizada (51%). No entanto, os familiares e amigos (32%), assim como a publicidade (30%) também surgem como formas de divulgação e de captação de voluntários.

Os países-alvo da ação do voluntariado missionário são preferencialmente os da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP –, destacando-se, entre estes, um maior investimento em Moçambique (59%) e Angola (40%). Nos outros países (Cabo-Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Brasil) regista-se um equilíbrio de ações em curso (cerca de 25% em cada um). Foram ainda registadas ações em outros tantos países ou continentes, tais como na Albânia (3%), Índia, Filipinas e Haiti (3%), Portugal (11%), República Centro Africana (3%) e em países da América Latina (5%). Quase todas as instituições declaram que a origem preferencial dos recursos captados para o voluntariado missionário é a angariação de fundos (84%) e pouco menos de metade afirma que também recebe doações (46%). Apenas 5% das instituições referem as dotações oficiais como fontes de financiamento e 19% evocam outras origens para se proverem de recursos necessários à prossecução dos seus objetivos.

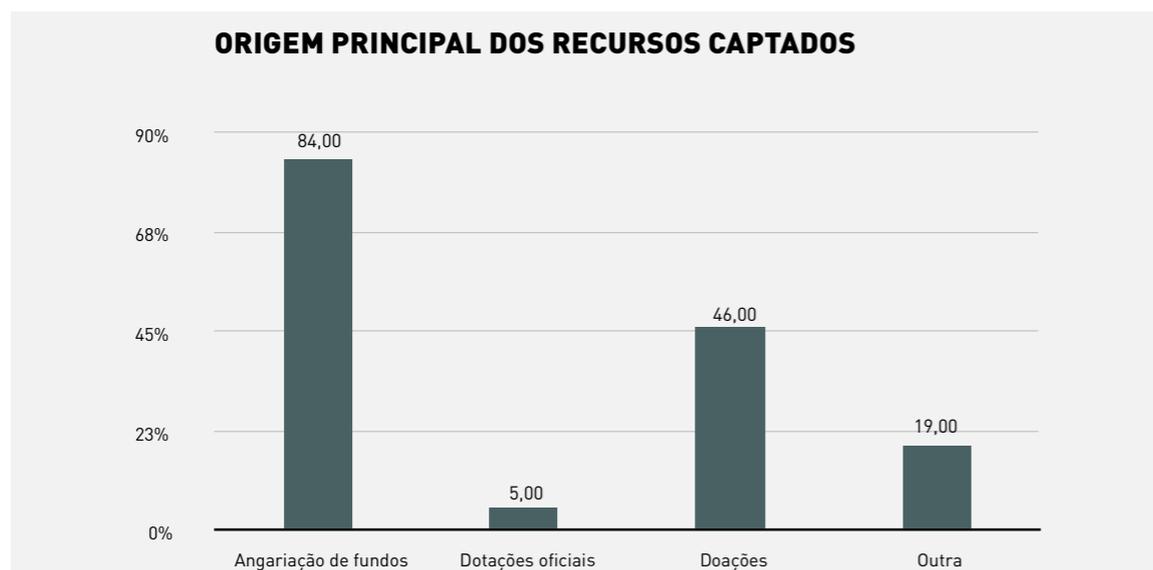


Gráfico 12. Origem Preferencial dos Recursos Captados

2.1. Campos de ação privilegiados: áreas de atuação, impactos percebidos e volume do número de voluntários envolvidos

As instituições atuam nas mais variadas áreas de intervenção, embora, naturalmente, haja áreas em que há mais instituições ativas do que noutras, como se pode observar no gráfico que se segue.

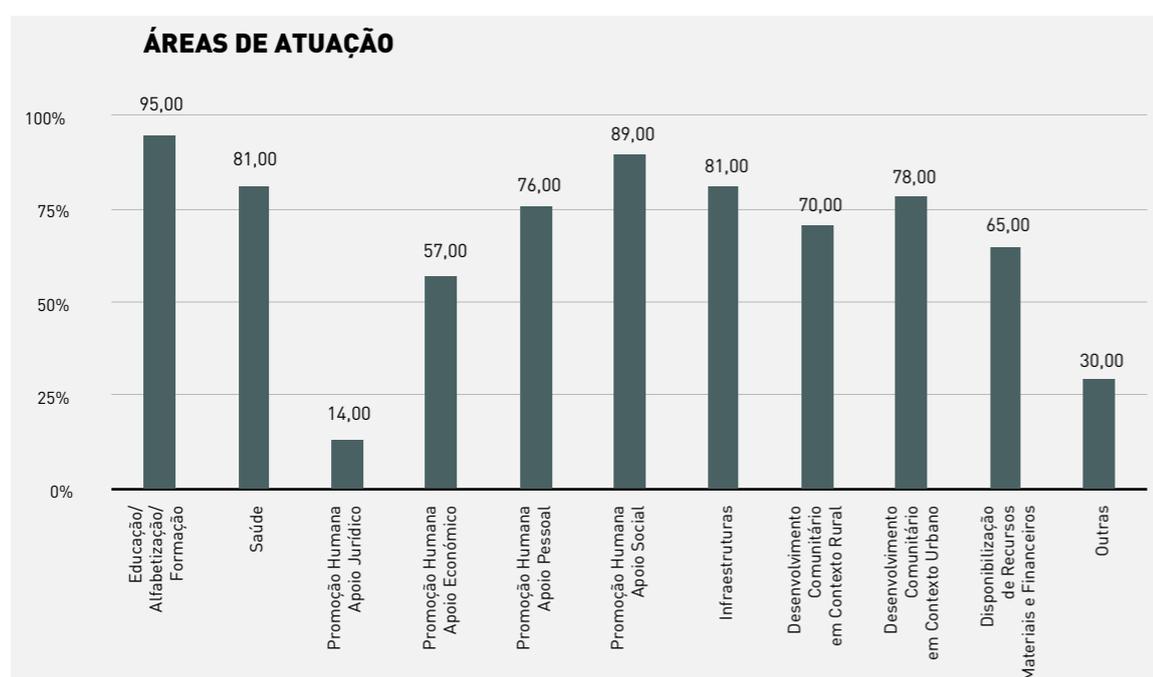


Gráfico 13. Áreas de Atuação

Quase todas as instituições atuam na área da educação/alfabetização/formação. A educação formal e não-formal (bibliotecas, etc.), a formação de educadores, professores ou técnicos, bem como a alfabetização são as formas de intervenção mais evidenciadas nesta área. Foram ainda referidas outras formas de atuação como o apoio lúdico-pedagógico junto das crianças (educação não formal), campanhas de sensibilização, explicações, pastoral, etc.

O impacto da atuação na área da educação/alfabetização/formação constitui claramente o fator mais salientado na perceção das instituições inquiridas e, segundo estas, o impacto verificado num curto prazo de tempo consistiu num aumento da formação e da frequência de alunos nas aulas proporcionadas, contribuindo para uma conseqüente redução da taxa de abandono escolar e um maior sucesso escolar, bem como uma maior taxa de aprovação e alfabetização (incluindo de adultos). Foram realçadas ainda iniciativas de criação de jardins de infância e de capacitação dos seus educadores; o incremento de explicações nas diversas disciplinas e a implementação de cursos de formação de curta duração, a par do funcionamento de bibliotecas escolares. Houve ainda a criação de uma bolsa de trabalho e a designação e formação de líderes locais. Foram mencionados, entre outros, como resultados obtidos a médio prazo deste investimento, a criação de um núcleo de ciências exatas e a formação técnico-profissional. A longo prazo, o impacto da ação refletiu-se na criação de centros de formação profissional, ATL, centros de informática, jardins de infância, centros de educação e bibliotecas escolares e ainda o facto de mais jovens terem concluído a escolarização de nível secundário, ou mesmo o ensino superior, para além da formação de professores e educadores.

No que respeita à área da saúde, regista-se igualmente uma grande atividade e presença, designadamente no domínio da educação para a saúde, através de intervenções preventivas e de campanhas de sensibilização, no apoio genérico a instituições de saúde e na formação de técnicos especializados. Num curto prazo, as instituições atuam ainda através de intervenções remediativas e urgentes; numa lógica de longo prazo, prestam apoio ou ajudam à criação de estruturas orientadas para combate a doenças crónicas e na constituição de farmácias comunitárias. Como resultados palpáveis destas iniciativas, verifica-se uma redução da taxa da mortalidade (especialmente a infantil), uma melhoria na qualidade de prestação de cuidados primários de saúde e na criação de farmácias comunitárias. A médio prazo, foram constituídos grupos de voluntários, no local, que atuam na área da saúde, proporcionando formação a mulheres na área da saúde materno/infantil, bem como na capacitação dos técnicos de saúde locais. O impacto da ação na área da saúde, a longo prazo, concretizou-se através da criação de um centro de reabilitação nutricional e no facto de haver 5 mulheres que, estando em formação há já 5 anos, ao momento do preenchimento do inquérito, já tinham conseguido emprego.

Os apoios proporcionados ao nível jurídico, económico, pessoal e social pelos voluntários e pelas instituições que os suportam constituem também áreas de atuação do voluntariado missionário (Promoção humana – Apoios). O apoio jurídico é o menos evidenciado, seguido do económico, do pessoal e do social. O público-alvo é essencialmente o dos jovens e das crianças. Quando se faz a comparação por género, verifica-se que o apoio é prestado essencialmente a pessoas do sexo feminino. O impacto nesta área é, uma vez mais, muito variado. O impacto da ação, a curto e médio prazo, traduziu-se numa mudança de comportamentos dos autóctones,

dando origem a uma qualidade de vida mais sustentável, nomeadamente na criação do autoemprego. Outros resultados mencionados foram o apoio a crianças e estudantes, a promoção do valor e do papel social da mulher (nas vertentes económica e de saúde), a formação de técnicos de carpintaria, mecânicos e outros. A longo prazo, as instituições referiram que houve promoção da dignidade da mulher e da criança, dinâmicas de consciencialização para a igualdade do género, consubstanciadas, entre outros, na criação de centros de acolhimento, reabilitação e formação de adolescentes, bem como de formação profissional.

As escolas são as infraestruturas que mais usufruem dos recursos disponibilizados, traduzindo-se em trabalhos de melhoramentos e/ou de manutenção das condições de funcionamento. Contudo, também as instituições de natureza pastoral, as habitações e as instituições de apoio social, desportivo e recreativo são, com alguma frequência, mencionadas como alvos desse investimento. Foram ainda registadas a criação ou recuperação de infraestruturas como lares, padarias, bibliotecas, mesas de alimentação, rádios, etc. No que se refere ao impacto destas ações num curto e médio prazo, a melhoria das condições de vida (que provém da (re)construção de bombas de água/depósitos de água potável, escolas/espacos para estudo, lares de acolhimento de jovens, de um centro de reabilitação nutricional, de locais de culto, etc.) é considerada muito benéfica. Os resultados obtidos, a longo prazo, traduzem-se na criação de postos de trabalho e na continuação do funcionamento das infraestruturas (re)construídas, tais como salas de estudo, centro nutricional, depósitos de água potável, etc.

O desenvolvimento comunitário, sobretudo em contexto rural, não é das áreas de atuação mais referidas. Todavia, também aqui as formas de

atuação são muito diversas: consubstanciam-se no combate à fome e à carência material extrema, na animação sociocomunitária através de ações de capacitação cultural e integração social, no apoio à economia familiar, no combate ao risco de vida, na criação de meios de difusão de informação e de comunicação (rádios, jornais, etc.), no apoio ao microcrédito e no desenvolvimento de projetos agrícolas. Foi ainda referida a criação de associações comunitárias, bibliotecas e redes locais de catequistas.

Na mesma linha de ação, mas em contexto urbano, mantêm-se estas áreas como predominantes, se bem que, neste terreno, haja mais instituições a atuar. Algumas das ações desenvolvidas, a médio e curto prazo foram: doação de recurso dos líderes locais para a intervenção na área da saúde e da educação, apoio em crises extremas de fome e incentivo ao aleitamento materno, distribuição de sementes e material agrícola em troca de trabalho, formação sobre o HIV/SIDA dada por jovens estudantes, criação do sentido de comunidade e encaminhamento hospitalar, criando assim, e uma vez mais, uma nítida melhoria na qualidade de vida dos locais. A longo prazo, surgiram resultados como a criação de emprego nas missões, dando assim apoio à economia local, a abertura de cursos de formação feminina e de grupos de apoio ao autoemprego que ainda funcionam, etc..

A disponibilização de recursos materiais e financeiros é uma das áreas em que menos instituições atuam. No entanto, a distribuição de recursos orientada para a manutenção de projetos em curso e a mobilização de recursos para a implementação de novos projetos são aspetos muito assumidos pelas instituições. Houve ainda a referência ao apoio a 10 projetos de cariz missionário e pastoral. No que se refere ao impacto da atuação nesta área, uma vez mais, houve menção ao aumento de frequência dos alunos nas aulas, ao sucesso escolar e ao facto de se tornar possível

a plantação de produtos agrícolas em maior quantidade e com melhor qualidade. Foram ainda mencionados os seguintes resultados: criação de rede de apoio na área da formação e trabalho, distribuição de produtos agrícolas mediante troca por trabalho, formação e continuação da rede de apadrinhamento.

Houve ainda a indicação de outras áreas de atuação para além das anteriores: 3% das instituições referiu a formação de voluntários e 19% a formação espiritual, pastoral e no domínio da evangelização (explicam-se estas respostas pelo facto de muitas das instituições serem de cariz religioso). O impacto da área de atuação relativa à formação espiritual, segundo as instituições, fortaleceu a relação com as comunidades locais. Para se ter uma ideia mais exata quanto ao volume de voluntários mobilizados por área de atuação para a missão nas últimas duas décadas, destaca-se a seguinte constatação: em quase todas as áreas de atuação abaixo assinaladas na tabela, o número de fluxos registado em apenas cinco anos, entre 2000 a 2005, foi semelhante ou superior àquele que se realizou no conjunto dos doze anos precedentes, ou seja, entre 1988 a 2000. No quinquénio seguinte, entre 2005 e 2010, o ritmo de fluxos cresceu extraordinariamente, à razão média de, pelo menos, 30% a 50%, em cada área. Contudo, destaca-se neste crescimento a área do desenvolvimento comunitário que teve um aumento exponencial de mais de 200% (pelos dados recolhidos, no período de 2000-2005 partiram 232 voluntários em missão e, entre os anos de 2005-2010, foram 701 os que se voluntariaram), sendo que a área da educação/alfabetização/formação quase duplicou o número de enviados. O aumento dos voluntários pode ser justificado não só pelo interesse intrínseco que este tipo de missão desperta nos voluntários (lembramos a adequação deste perfil técnico de uma boa

parte destes voluntários), mas também por serem áreas em que, cada vez mais, as instituições têm vindo a apostar. A seguinte tabela evidencia, resumidamente estes resultados¹⁰:

	Educação Alfabetização Formação	Saúde	Promoção Humana (Apoio: Jurídico, Económico, Pessoal e Social)	Criação, manutenção e melhoria de Infraestruturas	Desenvolvimento Comunitário	Disponibilização de Recursos Materiais e Financeiros	Outra Área de Atuação Ação*
1988 a 2000	493	372	428	361	352	116	60
2000 a 2005	592	313	406	329	232	107	148
2005 a 2010	1067	468	590	459	701	195	272

* Uma Instituição referiu *formação de voluntários e 7 formação espiritual, pastoral e de evangelização.*

Tabela 2. Número de Voluntários por Área de Atuação

2.2. Análise da ação da instituição, perspetivas de melhoria e resultados obtidos

Relativamente às áreas de melhoria em que as instituições progrediram mais nos últimos anos, há uma perceção clara de que houve, de uma forma geral, uma grande evolução no âmbito da organização do voluntariado missionário. No entanto, existem naturalmente aspetos em que se registou maior progressão. São eles: a qualidade da formação proporcionada aos voluntários missionários antes da partida, a especialização das instituições em áreas de atuação mais direcionadas e o incremento das estratégias de recrutamento de voluntários. Embora também tenham sido anotados como aspetos que manifestaram progressos assinaláveis, comparando-os com os anteriores, aqueles que conheceram menor cres-

cimento foram o desenvolvimento de estruturas logísticas que garantem a eficácia das intervenções no terreno e as metodologias e estratégias de intervenção. É ainda de salientar que houve instituições que referiram a angariação de fundos como área menos trabalhada por si mesmas.

Constata-se que a continuidade dos resultados alcançados, para além do período de intervenção realizado pelos voluntários, é assegurada fundamentalmente pelas congregações religiosas ou estruturas e comunidades paroquiais ou locais, especialmente pelos voluntários e/ou técnicos locais formados pelos voluntários missionários que se deslocam de Portugal. O aumento de fluxo de voluntários enviados, e por períodos cada vez alargados, é outra das formas que as instituições têm à disposição para assegurar a continuidade do trabalho iniciado ou assegurar a sustentabilidade dos projetos já existentes no terreno.

¹⁰ Estes dados são apenas aproximados, pois nem todas as instituições responderam ao inquérito ou possuíam registos permanentes e rigorosos do número de voluntários enviados num horizonte temporal tão vasto.

V MOTIVACÕES DE PARTIDA DOS VOLUNTÁRIOS

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos no inquérito ^v permitem compreender o voluntário como uma pessoa que sabe posicionar-se criticamente no mundo em que vive, através das escolhas de vida que faz e das iniciativas que toma em coerência com a sua visão. Na verdade, os voluntários inquiridos são, maioritariamente, pessoas academicamente instruídas (84.70% com bacharelato, licenciatura, mestrado ou doutoramento), com autonomia financeira (62%) e disponíveis para o exercício de uma cidadania ativa (implicam-se no voluntariado missionário, sobretudo de forma espontânea, 51.80%, embora também o façam, por influência de familiares/amigos, 24.80% e, através da pastoral organizada, 14.60%).

Observa-se uma motivação heterorreferenciada como ponto de partida para a relação de ajuda que o voluntário estabelece, isto é, a intencionalidade nasce de um movimento que, partindo de forma consciente e livre do voluntário missionário, dirige-se ao outro enquanto outro. Os resultados são disto evidência: os voluntários inquiridos neste estudo referem que é importante ajudar os outros (96.40%); dar atenção a necessidades concretas de uma comunidade de pessoas (94.20%) e preocupar-se com quem tem menos (82.40%) Evocam ainda que dar e retribuir é tão importante quanto receber (79.50%) e que desejam concretizar o seu amor pelos outros (92.70%)¹¹.

Como sujeito de si, o voluntário missionário manifesta a sua responsabilidade perante os problemas humanos presentes na sociedade (74.40% dos inquiridos sentem-se responsáveis pelos outros) e procura construir um projeto de realização pessoal que se distancia de uma atitude individualista e egoísta perante a vida: 91,90% realizam voluntariado missionário

porque isso significa concretizar uma causa que é importante para si próprios. A presença de motivação pessoal intrínseca parece também ser confirmada quando se analisa o facto de os voluntários missionários considerarem que nem o governo (52.50%) nem a sociedade civil (54.80%) fazem o suficiente para ajudar as pessoas destinatárias da sua ação.

Na ótica da dádiva, o voluntário procura estabelecer com o outro uma relação estruturada pela gratuidade e liberdade. O voluntário missionário é alguém que é livre e essa liberdade manifesta-se de múltiplas formas. Está presente, por exemplo, nos gestos generosos que é capaz de realizar, na capacidade de desprendimento de si que o leva a deixar o conforto da sua vida para partir ao encontro do outro que vive outras realidades muito diferentes, frequentemente duras, adversas e exigentes. Porque é livre, é capaz de transformar as suas próprias motivações, como as Histórias de Vida o irão evidenciar e, muitas vezes, repetir a experiência de voluntariado, manifestando um compromisso consistente e duradouro na entrega ao outro.

Este movimento de descentração de si parece, de algum modo, confirmado quando se analisam, por exemplo, os dados relativos à dimensão “Desenvolvimento de carreira”, que apontam para a rejeição da instrumentalização do outro a favor de si próprio e para uma perspetiva não utilitarista da ação voluntária (apenas 8,10 % consideram que este tipo de voluntariado os poderá ajudar a conhecer oportunidades de emprego). E, se é certo que a prática de voluntariado missionário pode enriquecer o *curriculum vitae* do voluntário e ser uma oportunidade para adquirir competências para o trabalho (34.30% dos inquiridos referem esta possibilidade), também não deixa de ser verdade que essa prática pode constituir um obstáculo à integração e progressão profissional do voluntário quando este regressa ao seu país de origem (cf. Histórias de Vida).

¹¹ Os valores apresentados correspondem ao somatório dos itens: “Concordo totalmente” e “Concordo”.

O reconhecimento social contribuiu para a autoestima do voluntário e é uma motivação importante na prática do voluntariado. Os inquiridos reconhecem que, da sua ação, resulta um reconhecimento: experimentam a gratidão dos outros (68.60%); consideram que é importante ser apreciado pela instituição onde realizam o voluntariado (51.10%) e referem a importância de ser reconhecido pelo trabalho desenvolvido (42.30%). Os voluntários missionários inquiridos parecem não precisar de um reconhecimento que releve a sua pessoa, antes o efeito da ação realizada, o que significa que não buscam a exaltação do eu como resultado primordial da sua ação.

O voluntariado poderá ter um efeito positivo sobre a sua autoestima (53.30%). É gratificante e recompensador (91.30%) e dá prazer realizá-lo (92.70%). O voluntário sente-se útil (75.90%), bem consigo mesmo (67.20%), boa pessoa (44.50%). Porém, isto não significa sentir-se meramente gratificado pela ação dos seus atos, centrar-se em si mesmo (76.60% não se sente mais importante por realizar esta ação). Pelo contrário, o voluntário deve permanentemente interpelar-se a si mesmo e deixar-se interpelar pelos seus destinatários, também eles sujeitos de interpelação. Neste sentido, é fundamental receber *feedback* que o faça progredir na sua ação e enquanto pessoas (de acordo com 78.80% dos inquiridos).

Uma motivação importante para o voluntariado é a abertura à aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Os inquiridos consideram que o voluntariado missionário poderá ajudar a entender melhor o que é a vida (84.60%) e proporcionar uma mudança como pessoa (80.30%); desenvolver qualidades e competências (52.50%) e aprender a lidar com uma grande variedade de pessoas (58.40%); sentir mais segurança em si próprio (48.90%) e saber lidar com alguns dos próprios problemas (37.20%).

A motivação ligada à aprendizagem e desenvolvimento está também muito presente nas Histórias de Vida.

Quase 90% dos voluntários inquiridos referiram professar uma religião e, deste grupo, perto de 70% estão envolvidos ativamente em organismos/grupos ligados à religião que professam (cristã – igreja católica).

O sentido cristão da dádiva funda-se no amor de Deus pelo ser humano e que convida a uma resposta, também ela concretizada em gestos de amor (um motivo para 92.70% dos inquiridos). A vivência da fé motiva e estimula a ação do voluntário cristão, cria uma disponibilidade interior para servir as necessidades reais das pessoas (79.60% confirmam esta motivação), apoia-o na superação de si mesmo, levando-o a acreditar na força da sua ação. Deste modo, grande parte dos inquiridos considera que ser voluntário missionário está em sintonia com as suas convicções religiosas (73%) e não concordam que a vivência da fé tenha pouca influência na sua prática de voluntariado missionário (71.50%).

Na riqueza do encontro com o outro, sujeito como eu, ocorre a novidade, a surpresa, o enriquecimento mútuo. O “excesso de dom” alimenta a relação e fá-la percorrer patamares de maior crescimento e profundidade. A constatação fenomenológica de que, numa relação, se recebe mais do que se dá – reciprocidade assimétrica -, confirma esta dinâmica da relação de dádiva e a presença do “excesso de dom”.

Os dados obtidos nos inquéritos por questionário confirmam este tipo de reciprocidade assimétrica, característica da relação de dádiva: os voluntários referem que dão, mas também que recebem dos outros (95.60%) e, mais especificamente, consideram que recebem mais do que dão (79.60%).

VI

**VOLUNTÁRIOS
MISSIONÁRIOS: IR E
VOLTAR – ANÁLISE DAS
HISTÓRIAS DE VIDA
DOS VOLUNTÁRIOS
MISSIONÁRIOS**

(...) a história de vida parece-nos ser um instrumento suscetível de nos dar uma interpretação do real social capaz de preservar a especificidade da pessoa. Esta prática apareceu-nos como particularmente fecunda, repondo o indivíduo no seu vivido eventual e iluminando a parte humana e singular da globalidade social. Pensamos que estas pesquisas podem conduzir a novas interrogações sobre as nossas sociedades, se a análise e o uso que delas se fizer escapar à tentação do intimismo subjetivo e à da estruturação reducionista do social.

(Poirer e Raybaut, 1999, p.157)

1. VOLUNTÁRIO MISSIONÁRIO: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE UM PERFIL

A expressão voluntário encontra a sua origem na palavra latina “voluntarius” que, por sua vez, deriva da palavra “voluntas” ou “voluntatis”, cujo significado é a capacidade de escolha ou de decisão. Como adjetivo, foi encontrada a sua primeira utilização na língua portuguesa no século XV, com o significado de “espontâneo” (Cunha, 2001, p. 453).

O voluntário é alguém que, gratuitamente, e aparentemente de modo desinteressado, cede o seu tempo e conhecimento àqueles que mais precisam. Esta gratuidade e desinteresse assumem uma importância crucial numa sociedade fortemente orientada para a rentabilidade e o lucro. As pessoas socialmente mais vulneráveis têm necessidade de alguém que, para além de dispor do seu tempo, as possa ouvir e compreender, e estimular a sua ação, mediante as práticas de *empowerment*, numa autoconstrução de um trajeto de vida. O voluntariado missionário é, naturalmente, uma expressão concreta e das mais ricas formas de intervenção social, ou seja, a ação social voluntária. O voluntariado pode ser definido como “uma relação de ajuda entre pelo menos duas pessoas, na qual uma dá ajuda a outra sem qualquer obrigação e sem esperar contrapartidas de nada” (Robichaud, 1994, p. 130).

No âmbito do presente estudo, foram ouvidos quatro voluntários missionários, cuja transcrição de informação aconteceu de forma integral. Sabemos, por via da análise documental e da análise quantitativa, que, no âmbito do voluntariado, assistimos a uma sobrerrepresentatividade da ação voluntária missionária feminina (conforme se verifica nos dados obtidos nos inquéritos por questionário). Ao nível dos relatos das Histórias de Vida, não constitui o nosso objetivo obedecer a essa representatividade. Consideramos cada caso como único e, neste sentido, ouvimos duas mulheres e dois homens para que o registo acontecesse simultaneamente no feminino e no masculino.

Trata-se de iniciar um processo de estudo sobre a construção de um potencial perfil identitário do voluntário missionário. Neste sentido, enquanto análise de um percurso, podemos seguir a fase de análise, proposta por Claude Dubar, que incide sobre as trajetórias subjetivas dos indivíduos, e coloca a tónica no relato biográfico que os sujeitos efetuam sobre si próprios, analisando-se os mundos sociais dos mesmos e as linguagens utilizadas por cada ator no modo como “fala sobre si mesmo” (Dubar, 1998, p. 1). Para Dubar, como de resto para diferentes autores, um estudo das trajetórias de profissionais, e/ou de natureza profissional, como pode ser entendida a prática do voluntariado missionário, enquanto expressão de trabalho social, envolve, necessariamente, a construção de um processo identitário – ou ainda, por outras palavras, um processo de construção de identidades específicas.

1.1. Alguns dados de caracterização sociodemográfica

As idades dos nossos entrevistados são: 46, 35, 31 e 26 anos. Apresentam habilitações académicas de grau elevado. Assim, temos licenciados em História de Arte, Ensino Básico e mestres em Gestão e Administração Pública e Engenharia Informática. Os voluntários missionários desenvolvem atividades de índole profissional relativamente diversificadas. Trabalham em áreas que vão desde a publicidade à área da gestão de recursos humanos até à informatização dos serviços. Contudo, verifica-se uma predominância das atividades de carácter educativo e formativo. Exercem profissões marcadas pela relação e pelo cuidado a prestar ao outro, aliás, facto já verificado em estudos anteriores (Delicado, 2002). O voluntário missionário é alguém que se predispõe fazer e faz, sem esperar que os outros o façam ou que as soluções surjam institucionalmente. É como se obedecessem a uma espécie de *calling* (“chamamento interior”),

ou seja, alguém que deverá ser útil e colocar a sua disponibilidade e o seu saber à disposição do outro no sentido de desenvolver a comunidade / sociedade (Weber, 1983). Os entrevistados, à data da realização da entrevista, encontravam-se a trabalhar.

1.2. Competências desenvolvidas

Podemos ler, na Lei de Bases do Enquadramento Jurídico do Voluntariado, o seguinte: “é voluntária a pessoa que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com o seu tempo livre e as suas aptidões, a realizar ações de voluntariado no seio de uma organização” (Conselho Nacional para a promoção do Voluntariado, N.º 1, Artº 3º da lei N.º 71/98 de 3 de novembro). Esta definição vai ao encontro da perspetiva teórica subjacente a esta análise de dados, que é a noção de dádiva aplicada ao conceito de voluntariado. O voluntário missionário trabalha de forma livre, desinteressada e gratuita, junto das pessoas, grupos, comunidades e organizações. O seu trabalho assenta sobre uma história de relação social e traduz-se na qualidade da mesma. Sendo assim, a relação da dádiva é uma história que não tem fim, pois inscreve-se numa relação construída e a construir no espaço e no tempo, cuja reciprocidade pode acontecer no momento da partilha da relação, comum, e diferida no tempo, perdurando. Tal significa que as próprias competências exigidas para a prática do voluntariado missionário são aprendidas em contexto de intervenção. Sabemos que os voluntários missionários são sujeitos/objeto de um programa de formação, antes de partirem em missão, contudo, e segundo os depoimentos dos entrevistados, somos levados a concluir que a complexidade das realidades enfrentadas exige uma grande flexibilidade de adaptação ao trabalho por parte daqueles.

...acho que a flexibilidade é uma das competências que mais se adquire, não por necessariamente ser voluntária e, também, não por ser voluntária missionária, mas por haver oportunidade de trabalhar em equipa e de estar disponível para perceber qual é a necessidade e quais são as minhas limitações... e quais são as potencialidades daqueles que estão connosco, seja cá, seja em qualquer parte do mundo. [...] O poder de escuta também ganha alguma dimensão... é... Muito também a capacidade de mudar, de estar disponível para mudar e não ficar formatado naquilo que já se aprendeu... [...] Uma das grandes competências acho que é o desafio de querer aprender... Outra competência acho que tem muito a ver com o explorar e o adquirir potencialidades que nunca imaginou e O descentrar-se, estar aberto ao que está a acontecer ... e às necessidades também dos outros e discutir... A tolerância também e a compreensão são características e competências que vão se desenvolvendo... (Ent. F 1)

A flexibilidade no trabalho e na adaptação a novas situações é uma competência que o voluntário missionário desenvolve, pois integra-se em equipas e relaciona-se com pessoas com características culturais diferenciadas. É extremamente importante saber ouvir o outro, promovendo uma verdadeira escuta ativa. Efetivamente, só conhecendo o outro é que poderá ir ao encontro dele, das suas potencialidades e das suas necessidades.

A disponibilidade e a capacidade para a mudança, roçando, muitas vezes, o imprevisto e a satisfação das exigências imediatas, constituem dimensões significativas a considerar no estabelecimento de um perfil de

voluntário missionário. A prática do voluntariado missionário exige uma aprendizagem constante de novas situações, de novos conhecimentos, o contacto com novos contextos de intervenção e, fundamentalmente, o estabelecimento de relações sociais diferenciadas de acordo com a especificidade das populações locais. O *descentrar-se de si* leva-nos a pensar num certo altruísmo pois o facto de o voluntário missionário *sair de si*, indo ao encontro do outro, conduz a consequências favoráveis a ambos, numa lógica de reciprocidade.

Desenvolvendo um trabalho baseado na relação com o outro, o voluntário missionário integra-se em equipas no terreno e aprende o que é o “trabalho humano”. Na verdade, a relação social estabelecida pode marcar a evolução da dádiva, aliás, a própria relação é dádiva. O trabalho do voluntário missionário é eminentemente uma relação social. “Saber lidar e aprender com as pessoas, motivá-las, mobilizá-las também, indo ao encontro das suas expectativas, sobretudo isso, trabalho Humano”. (Ent. M 1).

A relação social estabelecida condiciona o trabalho e toda a ação do voluntário missionário. O alcance dos objetivos de trabalho propostos encontra-se dependente da *qualidade* daquela relação. Para Emile Durkheim, na sua obra *De la division du travail social* (1893), as relações sociais são vistas como “formas de solidariedade”. Durkheim verifica que os indivíduos podem sentir-se atraídos uns pelos outros, pelas suas semelhanças e/ou pelas suas diferenças. Podemos considerar a posição deste autor como um prelúdio da necessidade de criar a identificação social mútua no trabalho social. É o esforço e o trabalho investido e desenvolvido na construção da relação que pode determinar os efeitos desejáveis. Há que saber envolver e motivar as populações, dinamizando-as. De facto, a atração e a interdependência entre as pessoas pode estabelecer-se de modo a que estas se movam em uníssono, como um só corpo, num tipo de solidariedade

que Durkheim denomina de mecânica. Esta solidariedade assenta numa predominância das crenças e dos sentimentos comuns a todos os membros do grupo, num nível supraindividual (Barata, 1989).

Na nossa análise, e em termos de pesquisa teórica, não encontramos competências, previamente estabelecidas, relativamente ao trabalho do voluntariado e/ou do voluntariado missionário. A consulta do site da *International Association for Volunteer Effort (IAVE)* permite constatar que a ação voluntária constitui um importante esforço de promoção da pessoa humana. Compete ao voluntário construir, de forma saudável, comunidades sustentáveis que promovam o respeito pela dignidade de todas as pessoas; transformar as populações locais em agentes do seu próprio desenvolvimento, promovendo o exercício dos direitos humanos, e motivando-as para a resolução dos problemas ambientais e sociais, económicos e culturais, assim como apoiar a construção de uma sociedade mais humana e justa, através da cooperação internacional.

O exposto aponta para uma ação social, fundamental na construção de uma sociedade mais solidária, alicerçada na relação social. Deste modo, a construção das competências do voluntário missionário é uma história social a construir ao longo do tempo.

Ao elencarmos algumas competências em torno de um perfil do voluntário missionário, estamos a ensaiar um processo que nos permitirá definir os requisitos fundamentais, quer do ponto de vista da formação quer do ponto de vista profissional, e até mesmo do ponto de vista pessoal, para o exercício das funções inerentes. Este processo assume uma importância significativa se, eventualmente, se optar por definir tarefas a desenvolver pelos voluntários missionários e, assim, equacionar de forma mais precisa a sua *mais-valia* numa organização afim.

Também, e por outro lado, numa outra perspetiva de análise, poderemos

correr o risco de “atrofiar” a própria noção de dádiva. Na verdade, não podemos esquecer que a dádiva é uma ação realizada sem expectativa, garantia ou certeza de retribuição, o que significa que alberga uma dimensão de gratuidade e de espontaneidade. Gratuidade e espontaneidade estão, de certo modo, relacionadas na relação de dádiva. A gratuidade da dádiva indica que esta não procura a igualdade ou a mera equivalência. Na verdade, a contradádiva depende da relação que se estabelece. A dádiva é gratuita no sentido em que, no momento em que é realizada, não é o resultado de um mero cálculo utilitarista e puramente racional. Na base da dádiva está um movimento livre do *eu* em direção ao *outro*. Liberdade que abre espaço à espontaneidade e criatividade. O sentido de gratuidade que daqui emerge está ligado ao nascimento, à conceção de algo inesperado, generoso... Esta liberdade / criatividade / espontaneidade vividas no contexto da relação de dádiva têm um sentido – a criação, manutenção de uma relação... Não é, portanto, algo “anárquico”, um mero “espontaneísmo”. Se a ação voluntária missionária é, por vezes, espontânea, até que ponto pode ela ser previamente planificada?

A investigação, ao mesmo tempo que nos poderá oferecer respostas, permite indagar novas questões...

1.3. Características pessoais do voluntário missionário

Na construção de um perfil de um interventor social como o voluntário missionário, devem ser consideradas as características pessoais do mesmo. Deverão estas estar previamente reunidas ou, por outro lado, ser voluntário missionário pode ser apenas uma questão de autoformação, de aprendizagem ao longo da vida? Esta categoria analítica procura efetuar uma primeira aproximação metodológica face a esta questão. Trata-se de uma categoria bastante lata e de difícil medição direta.

O compromisso que eu acho que tenho em termos de envolvimento, mas se não tivesse deveria ser trabalhado enquanto voluntária, hãmm...o querer aprender de forma muito marcante, o acreditar que... que é bom confrontar aquilo que eu achava que dava como adquirido e que é bom ser desafiada a explorar dimensões de mim, que desconhecia, e, às vezes, não são tantas as dimensões profissionais,... é capaz de fazer relatórios, é muito boa comunicadora, ou muito boa oradora, não tem tanto a ver com isso, ...é até que ponto consegue ou se consegue conjugar tudo o que tivemos oportunidade de ter na nossa formação literária, académica com tudo aquilo que tivemos oportunidade de viver em termos de contexto social, familiar, cultural, e por isso de alguma forma rentabilizar... (Ent. F 1).

A análise do testemunho da entrevistada aponta para dimensões significativas do ser humano: a noção de compromisso e a capacidade de se formar e de se construir a si própria, podendo, por vezes, superar-se enquanto pessoa. Ou seja, a prática do voluntariado missionário pode fazer emergir características pessoais que o voluntário desconhecia possuir até então. Os contextos de vida e os contextos da prática do voluntariado missionário são extremamente importantes no processo de autoformação.

O compromisso pode acontecer na ação social voluntária missionária de dois modos. Por um lado, existem aspetos formais, que poderão ir até uma contractualização escrita do compromisso, mediante a existência de um documento que plasme os direitos e deveres, quer da organização promotora quer do voluntário em processo de acolhimento. Procura-se, deste modo, promover a coerência de valores e ideais entre a organização e o sujeito que se voluntaria. Um documento escrito poderá, na verdade, constituir um guia orientador da

intervenção voluntária no terreno, assim como formalizar um compromisso humano, subtilmente existente na noção de dádiva, tornando visível uma responsabilização organizacional e individual da ação solidária. Por outro lado, o compromisso pode ser assumido de um modo informal, embora sólido, ao nível do próprio processamento da noção de dádiva. Efetivamente, esta acontece no decurso do laço social. O valor simbólico do vínculo, associado à dádiva, é mais importante do que o valor de troca ou de uso de bens e serviços (Godbout, 1992). A dádiva implica uma relação social em construção permanente. Já Max Weber (1864) se referia a uma relação social “aberta”. Assim, e segundo ele,

uma relação social (seja ela uma constituição de “comunidade” ou de “sociedade”) dir-se-á “aberta” ao exterior quando e na medida em que a participação na ação social recíproca que, orientada pelo seu conteúdo significativo, a constitui não é recusada, segundo os seus ordenamentos vigentes, a ninguém que efetivamente esteja em situação de nela tomar parte e tal pretenda.

(Weber, 2005, p. 69).

Para Weber, a relação social possibilita o pôr-em-comum, num registo próximo do da mutualidade. O mesmo acontece com a relação de dádiva construída entre o voluntário missionário e a comunidade de acolhimento. A relação social assim estabelecida por via de uma relação de dádiva é uma relação simbolicamente vinculativa e em construção permanente, mesmo se os resultados aparecem diferidos no tempo.

O voluntário missionário intervém em função das necessidades específicas de alguém e/ou de uma comunidade. São estas necessidades endógenas à comunidade que fazem agir o voluntário missionário, estabelecendo relações de sociabilidade ancoradas na dádiva. Esta dinâmica de descentração de si, de superação de

si mesmo na ação social voluntária, transfere, na nossa opinião, a motivação para a ação do interesse puramente individual para o interesse *pelo* outro. Para melhor compreender a relação entre dádiva e interesse, Alain Caillé (2005, p. 276) distingue duas modalidades de interesse: o interesse *em* e o interesse *por*. O interesse *em* afirma-se quando a ação levada a efeito não tem valor intrínseco mas está impregnada de instrumentalidade, pertence à esfera do utilitário e do funcional, ou seja, serve para outra coisa que não aquela a que alguém se dedica, constituindo um bem intermediário; o interesse *por* alguém ou atividade revela que essa pessoa ou atividade contém, em si-mesma, o seu fim, constitui uma relação da ordem dos fins. É isto que acontece na ação voluntária motivada pela dádiva.

Viver uma experiência de voluntariado missionário implica o abandono da *liberdade individual* e o ter de sofrer uma pressão social em função do bem-estar do outro. A superação de si mesmo pode conduzir-nos à noção de poder. Michel Foucault reconhece a sua “omnipresença” em toda a relação social (Foucault, 1982). Podemos mesmo afirmar que o poder se expressa em toda a relação social pois ele radica na própria natureza humana. Nesta linha de pensamento, o voluntário missionário possui “poder”, ao nível do saber, do saber-fazer e da disponibilidade temporal, no sentido de ajudar o outro. Contudo, ele supera o seu próprio poder, ao colocá-lo ao serviço do outro e para o outro. Opera-se a deslocação do poder. Este é transferido para o outro. Aqui reside uma das dimensões operativas da noção de dádiva. O voluntário missionário liberta-se do seu “poder” e, ao libertar-se deste, atinge um patamar pleno de liberdade assente na noção de dádiva. De acordo com Comte-Sponville,

a generosidade é a virtude da dádiva. Já não se trata «de atribuir a cada um o que é seu», como dizia Espinoza a propósito da justiça, mas de oferecer-lhe o que não é seu, o que é nosso, e que lhe faz falta.

(Comte-Sponville, 1995, p. 95).

Na relação eu-outro, a generosidade não exprime uma simples reciprocidade ou simetria exigida pela justiça, mas uma relação assimétrica marcada pelo “excesso” da dádiva. E como não se pode dar senão o que se possui, a generosidade encontra-se associada à liberdade pessoal e ao autodomínio. A deslocação do poder na relação social estabelecida implica, ao mesmo tempo, a conquista de uma liberdade interior, por parte do voluntário missionário. Apenas *se entrega* ao outro aquele que é absolutamente *livre*.

E depois acho que há uma característica que me marca a mim, mas deve marcar a todos,... é... eu gosto de pessoas, gosto de pessoas e gosto de trabalhar com pessoas e para pessoas.

Depois tenho talvez uma característica que facilita, é...sou muito é... comunicativa, mas também percebo, e apesar de falar muito, como é importante saber ouvir e saber estar atento àquilo que até o outro não diz, ou o que silêncio do outro revela, isso também é importante ...parar e... ir parando e ir fazendo paragens para pensar ...questões mais existenciais, quem sou eu, o que é que tou aqui a fazer, o que posso fazer enquanto pessoa que vive no mundo, não é?, e numa sociedade e em diferentes contextos.

E a alegria, acho que a alegria facilita imenso (risos) a minha maneira de ser, a maneira talvez como eu toco as pessoas ou abordo as pessoas e, se calhar, o ar confiante porque acredito nas pessoas, acho que isso ajuda muito e depois uma das características principais é ... a forma como me comprometo e que me envolvo, ou seja, eu dou-me, como a maior parte das pessoas. Deveria ser este o objetivo não é? Dar-se, dar-se tudo o que tem (risos) e quer dar mais, e quer aprender mais, e quer ser mais, acho que este é o grande objetivo e o princípio que está em

tudo, que é ser melhor e ser melhor pessoa, e acreditar nisto e se cada um tentar ser melhor, e rever, e tentar sempre aprender as coisas,... podem-se ...mudando, seja em que contexto for, não precisa ser todos da mesma maneira, mas sim. (Ent. F 1).

A abertura da relação ao exterior possibilita uma participação recíproca, na qual o processo de comunicação se torna imprescindível. É precisamente o ato de comunicar que promove a partilha. A expressão “comunicação” tem origem na palavra “communicare”, em latim, que significa tornar comum e/ou partilhar. É esta partilha que atribui significado à participação recíproca voluntário missionário – indivíduo e/ou comunidade. Comunicar é partilhar e constitui um processo dinâmico e evolutivo. Implica que algo que é meramente individual passe para um plano coletivo. O tornar comum o saber e o saber-fazer contribui para a construção da relação de dádiva. Deve-se salientar igualmente que, no trabalho de voluntariado missionário, a comunicação pode ocorrer unicamente no plano individual, no sentido de o indivíduo comunicar consigo próprio em ordem a uma reflexividade sobre a própria prática social voluntária. O voluntário missionário reflete e deverá refletir constantemente sobre a sua ação.

Verifica-se uma relativa dificuldade ao procurar estabelecer um perfil profissional. Os testemunhos dos entrevistados apontam mesmo para uma ligeira confusão entre as competências desenvolvidas na ação voluntária e as características individuais dos voluntários. Não existem instrumentos construídos de conceção de competências de voluntariado e de avaliação de desempenho das mesmas, o que dificulta a tarefa de estabelecer o referido perfil de voluntário missionário. Os elementos que surgem neste discurso são, também eles, espontâneos.

Contudo, torna-se importante ressaltar que a *competência âncora* do

voluntário missionário encontra-se na relação social que estabelece com o outro. A relação social é, seguramente, o *start-up* da ação social voluntária.

A relação social consiste só e exclusivamente (...) na probabilidade de que tenha existido, exista ou venha a existir uma ação de caráter recíproco quanto ao seu conteúdo de sentido. (...) Os participantes associam então à sua ação um sentido diferente: a relação social é assim, de ambos os lados, objetivamente unilateral. Mas ela está então também reciprocamente orientada na medida em que o agente pressupõe uma determinada atitude do parceiro (...) perante ele (...) e por estas expectativas orienta a sua ação própria, o que na maior parte dos casos, terá consequências para o decurso da ação e a configuração da relação.

(Weber, 2005, p. 48-49).

Os indivíduos atribuem à relação social sentidos diferenciados mas pautados por uma reciprocidade da ação. A noção de dádiva, por sua vez, aponta para uma *reciprocidade diferida no tempo* na relação social. O dar e receber podem acontecer no imediato assim como ao longo do tempo. Atendendo a que uma parte substancial do trabalho social do voluntário missionário acontece, por exemplo, em áreas da formação /educação, os efeitos da sua prática poderão ser apenas visíveis a médio – longo prazo. “No meu caso acho que é muito a questão de humildade, da capacidade de observação, da capacidade de escutar, são assim as características que me ajudaram melhor a integrar-me ao nível do voluntariado missionário” (Ent. F 2).

A humildade na relação com o outro, o que implica um respeito pelo outro culturalmente diverso, constitui, igualmente, uma das dimensões a

considerar no estabelecimento de um potencial perfil do voluntário missionário. Na relação de dádiva pautada pela trilogia dar-receber-retribuir, ocorre o que se poderá designar por uma certa reabilitação de estatuto social do donatário. Ou seja, o voluntário missionário é alguém que coloca o seu saber e o seu saber-fazer ao serviço do outro, proporcionando-lhe, nesta iniciativa, que assuma um papel social de igual importância, porque também sujeito em igual dignidade na relação estabelecida. Opera-se uma adequação social plena entre quem dá e quem recebe, tornando-se o doador, algures no processo, donatário e vice-versa. Opera-se quase uma função espelho: estando ao serviço do outro, o voluntário missionário existe porque *o outro* existe e desse facto lhe dá *feedback* na relação de dádiva estabelecida. Salienta-se ainda a capacidade de observação no sentido de melhor conhecer o outro, os seus contextos, as suas necessidades e as suas potencialidades, para se iniciar e melhor se implementar o processo da ação missionária voluntária.

Uma destas qualidades é a força, o entusiasmo que consigo... automotivar-me para as coisas e quando ponho um projeto ou quando idealizo um projeto, ou uma ideia na cabeça, a partir do momento em que acredito nela ou que vejo que há viabilidade, consigo mobilizar as pessoas ...e fazê-las acreditar e mobilizá-las para isso. Penso que isso é a coisa mais importante, neste trabalho de voluntariado missionário, que eu adquiro como competência e acaba por ser um valor.

Os procedimentos, é uma coisa que eu procuro não ter, ou seja, se nós mecanizarmos as coisas ou um modo de fazer as coisas, deixamos de estar abertos a novas perspetivas e a novos caminhos, e depois automatizamos muito e isso funciona numa linha de produção, em que quanto mais automatizamos, mais automático, mais produtivo. Mas

para trabalhar com seres humanos, que são seres dinâmicos, e se nós os emprateiramos muito, depois só temos um caminho, e as coisas estancam e acabam por não promover, por não ter procedimento. (Ent. M 1).

Verifica-se, ao nível da análise do discurso, a existência de uma força interior, que parte do próprio voluntário missionário, uma espécie de *calling* que atua no sentido de operar e de procurar envolver a comunidade num projeto que se quer coletivo. A relação social, estabelecida face a face, permite uma elevação dos níveis de confiança e promove um maior envolvimento da população local no processo de desenvolvimento local endógeno e participativo. Trata-se de perspetivar e construir o futuro em conjunto. O trabalho social e, neste caso concreto, a ação voluntária missionária, constitui um processo moroso, no qual, muitas vezes, os objetivos são alcançáveis apenas a médio-longo prazo. Deste modo, e também porque é difícil trabalhar a mentalidade das populações e mudanças de hábitos de vida, a persistência é uma das outras dimensões a considerar na eventual conceção de um perfil do voluntário missionário.

... a disponibilidade e a capacidade de entrega e de serviço,... E eu penso que uma das características mais importantes no voluntariado missionário é esta dimensão de disponibilidade e simplicidade, de haver uma capacidade de nos transcender no sacrifício que nós fazemos, às vezes, que custa um pouco ultrapassar essas dificuldades iniciais, para depois do outro lado, digo eu, descobrirmos que ganhamos muito mais por ter tido este tipo de sacrifício e tornamo-nos pessoas muito diferentes por nos termos disposto por tornar disponíveis e a fazer este tipo de sacrifício, este tipo de trabalho. (Ent. M 2).

A lógica da ação social voluntária, de acordo com os testemunhos recolhidos, envolve uma grande disponibilidade em termos temporais e capacidade de entrega pessoal. Constata-se, por conseguinte, a existência de um espírito de sacrifício, preconizado pelos voluntários missionários. Este espírito pode levar o indivíduo à superação de si mesmo. De facto, o poder inerente à relação social que o voluntário missionário estabelece com o outro é transferido para este. Esta é a razão fundamental do trabalho do voluntário missionário: *semear para o outro colher*. No fundo, trata-se de seguir o alerta de A. Sen “Morrer de fome é característico de algumas pessoas que não têm alimentos suficientes para comer. Não é característico de não haver alimentos suficientes para comer”. (Sen, 1999, p. 11).

Devemos ressaltar a originalidade desta entrega de serviço em função do bem-estar do outro. Não podemos esquecer que as várias lógicas de trabalho presentes na sociedade ocidental são condicionadas pelo que a sociedade, numa dada época, considera normal, legítimo, possível e até justo. Numa sociedade fortemente marcada pelos valores individualistas, monetários e materiais, convém destacar a *originalidade da ação social* do voluntário missionário que, unicamente espera, como retribuição, o bem-estar do outro.

1.4. Socialização familiar e vivência na fé cristã: respetivas influências na motivação para o exercício da prática do voluntariado missionário

Os autores são unânimes em considerar a socialização como um processo, baseado na interação social, mediante o qual o indivíduo aprende e interioriza o sistema de valores, de normas e de comportamentos de uma determinada cultura e onde estão ativamente implicados os designados agentes de socialização. Este processo pode dividir-se em dois grandes momentos, a socialização primária e a socialização secundária (Berger e Luckmann, 1997).

Sabemos que a socialização primária constitui um momento crucial na vida do indivíduo, quer ao nível da formação da sua personalidade quer ao nível da sua estabilidade afetiva. A família assume o papel preponderante neste processo, transmitindo à criança um “mundo sólido e maciço”, onde tudo é certo e tudo está bem (Berger e Luckmann, 1997). Deste modo, torna-se fundamental, face a este nível de análise, considerar o testemunho dos nossos entrevistados relativamente à eventual influência das suas vivências familiares sobre a sua opção de prática de uma ação social voluntária missionária. Efetivamente, também a este nível, a socialização familiar constitui um processo fulcral que traça e marca a trajetória de vida do indivíduo.

É... acho que independentemente de ser missionária ou ser cristã, ou ser católica, neste caso há motivações que são comuns a qualquer pessoa que viva ou tente viver ao máximo que conseguir a sua cidadania. E que tem a ver com preocupações de carácter da sociedade, preocupações de desejar que haja maior solidariedade e como é que pode promover esta solidariedade de forma objetiva, de forma muita prática e que haja mais justiça e mais coesão social e que se contribua mais para paz, e

contribuir para paz, ...há gestos que se têm no dia a dia que levam com que as pessoas se sintam bem, se as pessoas se sentirem bem. (Ent. F 1).

O discurso desta entrevistada aponta para uma relação direta entre o processo de socialização familiar e a prática do voluntariado missionário. Esta voluntária nasceu e cresceu numa família católica, com um grau significativo de envolvimento na religião e frequentou um colégio religioso e católico, fatores que, desde cedo, a motivaram para uma relação de “abertura” e de ajuda face ao outro.

O voluntário missionário é alguém que possui fortes preocupações com a questão da cidadania. Este conceito é de difícil definição. Não há uma expressão universal que traduza a multidimensionalidade do conceito. Numa fase inicial, o conceito prende-se com a responsabilidade e o exercício dos direitos/deveres. Posteriormente, a noção de cidadania chama a si outras dimensões, que ultrapassam meramente a política, designadamente uma dimensão social, que se relaciona com a existência de um determinado nível de vida e se estende a um direito à cultura (Touraine, 1992). O voluntário missionário tem como finalidade da sua ação levar as populações de determinadas comunidades a um exercício pleno dos seus direitos, nas suas mais variadas dimensões.

Outras vivências são igualmente de salientar como, por exemplo, a sua participação ativa em atividades pastorais, assim como a sua fé nos valores cristãos.

... vivência na fé de Cristo que faz que nós ... com que a minha experiência missionária seja, hum...é uma grande motivação para a minha experiência para o voluntariado, eu sei que vou muito mais do que dizer a todos que têm que seguir Cristo, vou dar o meu testemunho

de cristã e vou partir do princípio que isso vai modificar..., e... além disso também a confiança em Deus, isso é uma das mais-valias de optar pelo voluntariado missionário como cristão é isso acreditar que de facto estamos protegidos por Deus. (Ent. F 2).

Por outro lado, a vivência da fé possibilita ao indivíduo uma transcendentalidade que o leva a abraçar com o outro, o qual carece de apoio, uma relação marcada por dificuldades e adversidades, mas que, contudo, será uma relação em que, à partida, haverá uma intenção protetora do outro, pois o próprio entrevistado, vivenciando ao longo da sua vida a fé em Jesus Cristo sente-se, na realidade, protegido por Deus.

É 150 %. Eu fui seminarista e tive o privilégio de ser educado com uma fé, mais ou menos esclarecida. Depois também tive muita sorte na equipa de formadores,... que estive num seminário... que eram gente muito humana, que não era aquela fé sempre constante e muito pacífica, mas uma fé que se questionava muito e que punha tudo em causa e eu herdei muito disso. Também criei uma admiração pela personalidade de Jesus Cristo, como se fossem aqueles ídolos da adolescência, não é?! Ele era assim uma pessoa muito à frente e... depois também se acreditarmos ou se não acreditarmos, ele é uma figura histórica ímpar. Se acreditamos, é muito mais que isso e a história dele e o testemunho dele e depois também a Fé que tenho nele que me mobilizam também a ir buscar a força, quando ela não existe e aí ia buscar ainda mais força quando ela existe, por isso, acho que é aqui o [fator] central que justifica, ou melhor que suporta todo o trabalho. (Ent. M 1).

Confirma-se, embora sem pretensões de exaustividade, a influência do processo de socialização do indivíduo na sua opção pela prática da ação voluntária missionária. Já não se trata apenas do processo de socialização familiar, mas também, de outros agentes educativos que determinaram a trajetória de vida do entrevistado.

Acreditamos estar perante uma expressão de trabalho cidadão forte e rica, ou seja, o trabalho de voluntariado. Dispondo de uma vertente altruísta, no sentido de colocar os seus saberes e poderes ao dispor do outro, ajudando-o, no que for necessário. No fundo, trata-se de colocar o próprio projeto de vida ao serviço da construção de outros projetos de vida, que são, simultaneamente, seus.

Eu quando comecei, eu comecei a primeira vez com as I. D.. Estava bastante desligado, digamos assim, da vivência da fé, de que..., apesar de ter sido educado num colégio católico durante, basicamente até ao 12º ano. A minha primeira experiência no voluntariado missionário permitiu mudar completamente a minha opinião... de alguma forma, ...nos meus pares, na sociedade em geral, não tanto a minha educação, ou a educação que as Irmãs me deram no colégio me incutiu que foi redescobrir uma genuína fé própria de um reencontro, efetivamente com Deus e com a religião...foi precisamente o voluntariado, uma motivação um pouco mais egoísta, nem foi bem sequer o voluntariado, mas a vontade de viajar, ter uma aventura em África bastante egoísta, egocêntrica. Enfim é um bocadinho extremista classificar desta forma, mas que me motivou inicialmente. E depois foi o processo de ter esta motivação e a preparação, acho eu, que é fundamental para chegar ao exercício da experiência do voluntariado missionário, que me permitiu reencontrar e descobrir, a...a...a..., pronto toda esta dimensão pessoal e de fé, ou seja veio depois, não é a priori, isso.

Depois o continuar, o querer continuar afincadamente é que de facto aí já veio essa dimensão de fé, de acreditar. (Ent. M 2).

O processo de socialização não só influencia a estabilidade comportamental do indivíduo, através da interiorização de normas, de valores, como também pode potenciar a coesão e a integração, pela solidariedade estabelecida entre os membros de um determinado grupo. Sabe-se que aquele processo é contínuo e moroso. Trata-se de um caminho que nunca estará definitivamente acabado. A socialização é, de facto, um processo construtivo do ser social ao longo da vida.

O testemunho deste entrevistado conduz-nos a uma leitura diferenciada, face aos testemunhos analisados anteriormente. Segundo ele, a educação e a vivência na fé cristã não tiveram qualquer influência na sua motivação para o exercício da prática do voluntariado missionário. O entrevistado terá enveredado por esta experiência atendendo a fatores individualistas, e até, de certo modo, egocêntricos. Ou seja, considerou a experiência do voluntariado missionário como procura de novas experiências de vida. Foi o tentar descobrir, por si, vivências novas. Contudo, não podemos negar o facto de o entrevistado ter sido educado num colégio católico, pertencente às I. D.. Portanto, embora a questão do reconhecimento da influência da fé cristã tenha acontecido a posteriori, na verdade, desde cedo que o entrevistado terá tido contacto com valores religiosos e cristãos.

É interessante notar que o entrevistado em causa assume a sua vontade de exercer voluntariado missionário após a sua primeira experiência, nessa área, em África, o que nos leva a supor que a experiência do voluntariado missionário é gratificante e construtiva, no processo de autoformação. A este nível de análise, não podemos deixar de considerar igualmente o

processo de socialização secundária do indivíduo, como crucial no seu desenvolvimento. De facto, a integração do sujeito em submundos institucionais, normalmente ligados ao mundo do trabalho, leva o indivíduo a uma aprendizagem constante (Berger e Luckman, 1997).

1.4.1. Socialização: vivências familiares que tenham predisposto o voluntário para o exercício da prática do voluntariado missionário.

...a certeza que a minha maneira de ser e de estar e de fazer, na sua origem, foi muito reforçada pelo facto de ser membro de uma família católica, envolvida, comprometida e sobretudo mais do que fazer bandeira ou estandarte do que é ser católica, dar testemunho pela forma como se está e não tanto pelo que se vê e nem pelo que se usa, e tudo isso depende,.... em minha casa, também, eu lembro que cresci a ouvir a minha mãe, também, dizer que pertencia à Ordem Franciscana, a Ordem 3ª Franciscana, ou seja, as preocupações que, se calhar, não querendo desvalorizar de caridade no seu sentido máximo, e não de caridadezinha, mas no seu sentido de amor ao próximo não é de colocar o que se tem. Não é o que sobra, mas o que se tem enquanto pessoa, ao serviço dos outros, por exemplo, na figura da minha mãe, isso foi sempre marcante”.

“Ou seja, o facto de uma pessoa ter uma educação, neste caso, Católica ou vir de uma família em que seus valores e sua educação também foi Católica... e participam na Igreja,... e participar na Igreja, no fundo, é viver em comunidade,... é viver em comunidade. Aquilo que é os nossos valores pode ajudar, pode criar a base, mas não é exclusivo de quem o teve. (Ent. F 1).

Os meus pais são pessoas muito generosas, principalmente, também, o meu pai que andou no seminário, também esteve de serviço militar em Angola, e as histórias que ele me conta, desse tempo, são histórias um pouco de Guerra, mas mais de vivência com as pessoas de lá, com os Camaradas que foram com ele e são testemunhos de muita abertura, solidariedade e muito pouca solidão. É que é uma pessoa que vai muito ao encontro das outras e acho que isto é próprio do ser Cristão, não é!? E penso que influenciou-me também muito positivamente para ter ido para o voluntariado Missionário. Depois também todo o espírito de aventura, todo o espírito de ocupar a vida com coisas úteis e também herdei isso dele, essa preocupação com os outros... (Ent. M 1).

*Não houve nenhuma influência nessa dimensão. Nunca foi um sonho de criança, ou inculcado por alguém, por algum amigo ou primo...
...Eu não tinha nenhuma ligação ao voluntariado missionário, não tinha nenhuma aspiração ao voluntariado quando decidi fazer, quando decidi envolver-me neste caso, foram as I. D. que me contactaram e me enviaram um e-mail, por acaso foi um amigo que depois me contactou e eu apareci lá...
...foi mesmo esta questão de oportunidade que veio bater à porta. Decidi arriscar e apareci lá...
...E depois foi uma reviravolta de mudanças na minha vida desde 2007, foi o primeiro ano em que participei. Extraordinário! (Ent. M 2).*

Embora diferenciando os momentos de socialização primária e secundária, consideramos o processo de socialização uno e integrado. De facto, desde que nasce, o indivíduo encontra-se permanentemente exposto às

influências do meio envolvente. Interioriza-as e, ao mesmo tempo, reconstrói-as, possibilitando um processo permanente de (re)construção social da realidade. O processo de socialização torna-se fundamental na construção identitária do indivíduo.

Quando procuramos traçar um perfil de caracterização do voluntário missionário, não podemos deixar de lado, a questão identitária. Quem é o voluntário missionário?

Ao longo desta análise, fomos elencando algumas dimensões do perfil do voluntário missionário, por nós constatadas, mediante a análise dos discursos recolhidos. Contudo, e na esteira de Claude Dubar, gostaríamos de reforçar a seguinte ideia:

La définition générale de l'identité comme espace-temps générationnel (Érikson, 1968) resume donc bien la théorie (...) L'identité social n'est pas "transmise" par une génération à la suivante, elle est construite par chaque génération sur la base des catégories et les positions héritées de la génération précédente mais aussi à travers les stratégies identitaires déployées dans les institutions que traversent les individus et qu'ils contribuent à transformer réellement.

(Dubar, 1996).

Os testemunhos recolhidos possibilitam verificar que as vivências familiares influenciaram de forma determinante a opção pela prática do voluntariado missionário dos nossos entrevistados. Contudo, a socialização constrói-se quotidianamente e, neste sentido, devemos deixar em aberto a possibilidade de alguém espontaneamente ter a oportunidade de experienciar a prática do voluntariado missionário, conforme o demonstra um dos últimos discursos analisados.

E, ainda segundo Dubar, gostaríamos de deixar esta pista de trabalho em aberto. As organizações promotoras da ação de voluntariado missionário podem potenciar, sistematicamente e de modo visível, estratégias de afirmação identitária do voluntário missionário, designadamente através de processos de formação e tornando visível socialmente a prática deste tipo de voluntariado.

2. AUTORREPRESENTAÇÕES SOBRE O VOLUNTARIADO E SOBRE O VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO

Numa primeira aproximação face à construção de um perfil do voluntário missionário, não poderíamos deixar de considerar a dimensão da autorrepresentação da prática do voluntariado missionário. Na verdade, o que representa para os voluntários missionários “ser voluntário missionário”? Consideramos esta aproximação, em termos de produção de conhecimento, como um primeiro patamar na construção de um perfil do voluntário missionário. Sabemos que o estabelecimento deste perfil implica necessariamente quer as autorrepresentações quer as heterorrepresentações. Não foi nosso propósito, neste trabalho de investigação, traçar, de forma completa, o perfil respetivo. Pretendemos apenas fazer uma abordagem relativamente à temática, dando voz aos próprios voluntários missionários.

O conceito de representação social encontra a sua raiz na tradição sociológica europeia. Efetivamente, devemos a E. Durkheim (1898) a perspectiva segundo a qual os indivíduos pensam num determinado contexto social, assim como o próprio conceito de representação coletiva. Neste conceito, o autor em questão procede à distinção entre o carácter particular do pensamento coletivo relativamente ao pensamento individual. Posteriormente, aquele conceito foi retomado por Moscovici (1961). Para este, as representações sociais são consideradas como uma forma de conhecimento social, compreendem determinados sistemas de valores, de noções e de práticas respeitantes aos objetos sociais, possibilitando um quadro de referência e de vida para os indivíduos e grupos, funcionando como um instrumento de perceção e de resposta face ao meio e auxiliando a comunicação entre os membros de um grupo e/ou de uma comunidade. Podemos, assim, afirmar que as representações sociais constituem

teorias implícitas acerca de objetos sociais e, como tal, são uma modalidade de conhecimento que conduz à apreensão, avaliação e explicação da própria realidade.

Questionados sobre o que representa para si “ser voluntário missionário”, comparativamente, por exemplo, ao ser unicamente voluntário, as opiniões dos entrevistados apresentam alguma diferenciação. Se uns consideram que o espírito de entrega é o mesmo quer na prática do voluntariado quer na prática do voluntariado missionário, outros apontam algumas diferenças no discurso. Procuramos apurar o que, da vasta informação recolhida, nos parece mais pertinente no sentido da construção social de um conhecimento sobre o voluntário missionário.

Chamou-nos a atenção particularmente o sentimento de pertença evocado pelos nossos entrevistados. Pertença a um povo e a uma cultura, pertença a uma organização, e/ou pertença a uma causa baseada na religião.

... é fazer parte da comunidade, é fazer parte do povo, ... é cultura... é ter cuidado de nós ...respeitar... de procurar ser o mais parecido agora nunca é possível ser igual, e eu, para mim, a grande diferença de ser voluntario ou de voluntário missionário é esta. (Ent. F 2).

A vivência quotidiana com povos de outra cultura – pois a prática do voluntariado missionário implica uma participação constante nas atividades diárias da comunidade – desperta, no voluntário missionário, um sentimento de pertença, que passa necessariamente, pela aprendizagem de quem é o outro e do respeito pelo outro. A dádiva do voluntariado missionário possibilita assim a entrega e a “entrada” num mundo que, à partida, não é o dos voluntários missionários. Mas como a dinâmica da dádiva assenta no estabelecimento de uma relação social, os voluntários

missionários passam a fazer parte desse mundo novo. Promovem a construção de outros projetos de vida que, de certa forma, acabam por ser igualmente dos próprios. Os voluntários missionários sentem-se parte da comunidade de acolhimento.

E eu penso que a diferença tem a ver, é sobretudo, não tanto a nível profundo de valor quando o voluntariado é bem exercido, mas mais a nível de pertença e de organização...o voluntariado missionário insere-se muito mais num contexto de valor que tem a ver com o ser cristão...é motivado e deferido por este contexto destes valores já predefinidos, ou seja, vamos enviados em nome de Cristo... (Ent. M 2).

Neste excerto, o sentimento de pertença acontece quando ligado à vivência da fé cristã, ou seja, constitui uma referência de natureza transcendental e não tanto natural, social ou de índole intersubjetiva. Por outro lado, o testemunho infra aponta uma outra dimensão do sentimento de pertença. A pertença a uma causa. A entrega permanente ao trabalho em função do outro:

É um pouco como os Padres, ...e as Irmãs que só se entregam totalmente a uma causa, como um casal, que se entrega totalmente ao casal e à família. Há aqui outra coisa, que é uma entrega total também, que não é exclusiva, mas acaba por ser um espírito permanente. (Ent. M 1).

Como se pode verificar no discurso deste entrevistado, a noção de dádiva, que se constrói com base na relação social estabelecida, remete para uma dimensão ética no ato da entrega. O voluntário missionário parece

possuir um “ethos” que o afasta da autorreferenciação, e que “acaba por ser um espírito permanente”. O voluntariado acaba por fazer parte do sujeito. “O voluntariado já faz parte de mim, já não penso nele, mas já faz parte de mim” (Ent. M 1).

Chegado a este ponto, poderá ser pertinente – para os próprios e para as organizações que enviam voluntários – equacionar os termos e as modalidades de pertença a essa mesma Organização. Seria importante proceder a uma análise organizacional no que concerne ao fator pertença. Até que ponto o voluntário missionário se sente identificado com uma Organização e sente que faz, efetivamente, parte daquela Organização?

3. EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO

3.1. Motivações que estão na origem da prática do voluntariado missionário

Numa fase inicial deste trabalho de investigação, as motivações que levam à prática do voluntariado missionário foram divididas em motivações intrínsecas e motivações extrínsecas. Contudo, e em virtude do apuramento dos dados que realizámos, optámos por não distinguir as intrínsecas das extrínsecas, devido à interligação entre ambas as dimensões, verificada na análise dos discursos dos entrevistados. Na verdade, não podemos negar a extrema ligação existente entre a *estrutura social* e a *agência* do indivíduo. Para Durkheim (1898), todos os sujeitos são simultaneamente um ser individual e um ser social (Durkheim, 2007). Ao longo do século XX, a análise sociológica tem equacionado, com frequência, esta dualidade, entre a força individual, ou seja, a *agência* e o poder de influência das estruturas sociais na vida individual (Elias, 1993; Giddens, 1994, 2000; Fernandes, 2006).

As motivações intrínsecaselas são várias e foram mudando. Antes de ir a primeira vez para fora, o desejo era muito de conhecer e de perceber e de abrir horizontes. Também eu tinha todas as motivações menos corretas que toda a gente tem e que é normal tê-las, o querer conhecer, o querer viajar, o ter a aventura também. Todas essas más motivações eu tive-as; também tive as boas. Depois com a experiência, quanto mais fui conhecendo, não sítios, mas pessoas, fui percebendo a vida deles e percebendo também a minha, a nossa e fui percebendo de que quando se vê nas notícias que há uma pobreza extrema, muita gente a morrer à fome, aquilo não é noutro planeta, que é no nosso, que está a acontecer neste momento e é para aquele lado, para o lado Sul,

a 4 horas de avião daqui, por isso não é uma coisa irreal. E comecei também a ter este olhar mais global para a vida (...) (Ent. M 1).

As motivações que levam o sujeito à prática do voluntariado missionário não são estanques, e vão-se alterando em função da própria experiência do voluntariado missionário. Estudos anteriores procederam a uma organização categorial das motivações, sustentada teoricamente (Ferreira; Proença e J. Proença, 2008). Procuramos seguir, na nossa análise, o mesmo agrupamento categorial, embora saibamos que toda a organização categorial possa ser relativa e, muitas vezes, verificam-se zonas cinzentas de significado, isto é, poderá acontecer uma sobreposição de sentidos e significados nos limites categoriais.

O querer viajar e conhecer outros povos e culturas traduz a necessidade de ocupar o tempo livre do indivíduo de uma forma mais construtiva e até útil. O enriquecimento pessoal e o facto de se querer alargar horizontes insere-se num tipo de motivação – *aprendizagem e desenvolvimento*. Por outro lado, a vontade de viajar e de conhecer outros povos e culturas traz consigo a necessidade de estabelecer novos contactos sociais e manifesta o desejo de *pertença social*, inserindo-se numa outra comunidade.

No decurso da sua experiência de voluntariado missionário, um dos nossos entrevistados foi reconstruindo as suas próprias motivações. Se inicialmente eram outras, relacionadas com a vontade pessoal – autorreferenciadas –, as suas motivações, no confronto com a realidade experienciada, passaram a ser ditadas do exterior – heterorreferenciadas. O facto de ter face a face uma população em situação de carência e privação,

leva o nosso entrevistado a reconstruir a sua motivação para ação, desta vez, de natureza mais altruísta. O sentimento da necessidade de ajudar os outros, promovendo uma maior justiça social e manifestar um sentimento de fraternidade, até então desconhecido, acaba por assumir um caráter dominante na sua motivação para a ação.

...motivações mais ou menos nobres, e claramente uma das motivações que eu tenho é tornar-me numa pessoa melhor em tudo o que faço. Portanto, indiretamente, por exemplo, poder colocar no meu curriculum uma grande panóplia de atividades do voluntariado, que são muito valorizadas a nível dos empregadores. (Ent. M 2).

Para este entrevistado, as suas motivações dividem-se entre “ser uma pessoa melhor”, dando origem a uma necessidade de aprendizagem e desenvolvimento, e, simultaneamente, valorizar o respetivo *curriculum vitae*. Ou seja, através da ação voluntária missionária, procura um reconhecimento social, eventualmente capitalizável junto de entidades empregadoras.

...e estas motivações intrínsecas... para além de poder colocar ao serviço de um algum projeto concreto, como aconteceu, o... que eram as minhas competências, aquilo que tinha aprendido,(...), outra das motivações tinha muito a ver com questões mais de desenvolvimento pessoal ou relacional, ou seja, o ter um grande interesse em conhecer outros tipos de culturas, com outros tipo de enquadramento a nível relacional,... e outro tipo, a nível de fazer, com o qual tínhamos uma relação histórica. (Ent. F 1).

É oportuno notar que a motivação ligada à *aprendizagem e desenvolvimento* é uma constante no discurso dos entrevistados. De facto, a vontade do voluntário missionário em querer desenvolver-se, contribuindo com algumas competências aplicadas a um terreno social, parece ser uma dimensão sólida. Não menos importante, é a motivação relacionada com a *pertença social*. As necessidades de se conhecerem outras culturas e de estabelecer novos contactos sociais, manifestadas pelo voluntário missionário, são, igualmente, motivações fortes para essa prática.

A análise integral das entrevistas realizadas permite constatar que é a própria experiência de voluntariado missionário que faz mobilizar as motivações iniciais de um patamar mais individual para uma esfera mais coletiva e predominantemente altruísta. É, realmente, o contacto com uma nova realidade difícil e adversa que suscita a aprendizagem das motivações de natureza mais altruísta. Este facto talvez se relacione com a situação de os voluntários missionários partirem em missão, frequentemente, de forma espontânea, e posteriormente, só no terreno, e no confronto com a realidade, se consciencializam efetivamente da sua função, importância e utilidade social.

3.2. Variáveis contextuais da experiência de Voluntariado Missionário

Os entrevistados em questão partiram em missão tendo por base organizações de caráter religioso e ONG. Despenharam funções fundamentalmente ligadas à área da educação e da formação, embora, por vezes, variando a sua própria prestação, pois o voluntariado missionário implica uma forte flexibilidade de trabalho. O voluntário missionário, como já constatado, tem que atender prioritariamente às necessidades que

encontra no terreno. O apoio logístico e administrativo em serviços, também eles ligados à escola e à educação para a saúde são referenciados. Verifica-se, ao nível da análise dos depoimentos uma correspondência relativa entre as habilitações académicas dos entrevistados, as suas competências profissionais e as competências mobilizadas em situação de missão.

A ocorrência e o tempo de permanência em situação de missão são diferenciados. Enquanto se verifica que existem voluntários missionários que permanecem no terreno, em missão por períodos anuais mais longos, outros existem que, aproveitando o tempo de férias, o ocupam na realização de uma missão de voluntariado missionário.

A permanência temporal em situação de missão é, pois, variável, oscilando entre 1 mês e 7 anos. Este fator traduz-se necessariamente numa heterogeneidade de situações e de representações sociais sobre o que significa ser voluntário missionário. Esta disparidade de natureza temporal não foi considerada, em termos significativos, na análise das histórias de vida.

Somos levados a constatar que o voluntariado missionário envolve um grupo heterogéneo de pessoas, de origem geográfica e de organizações diferenciadas e que tiveram, no âmbito da sua preparação, tempos de formação semelhantes com um ano de duração (embora de intensidades diferentes). São várias as motivações que os levam a partir em missão, assim como são distintas as disponibilidades temporais concedidas. De notar ainda, a reincidência da prática do voluntariado missionário. Ou seja, o voluntário missionário, após uma primeira experiência de trabalho social cidadão, tem tendência a repetir a experiência, ou no mesmo local ou em locais diferentes. Parece, pois, que a dinâmica da dádiva como relação social preferencial começa a fazer parte do próprio voluntário missionário. Experiência privilegiada de socialização, de aprendizagem e de

desenvolvimento pessoal, de contactos multiculturais, excede largamente as expectativas na relação com o outro; nas suas palavras: “os voluntários recebem mais do que aquilo que dão”.

3.2.1. O contexto organizacional

É uma ONGD, uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento que em 2011 comemora 25 anos. É a organização mais antiga em Portugal, como ONGD de cariz católico, cristão. Tem um projeto muito específico de voluntariado missionário, passa muito pela participação ou assunção da vida comunitária como um dos aspetos mais fortes, para além dos projetos de desenvolvimento em que colabora, mas com o próprio desenvolvimento e sentido do voluntário e suporte em missão. (Ent. F 1, L. D).

As organizações são normalmente definidas como conjuntos de pessoas que trabalham de forma coordenada para atingir objetivos comuns. Para Miguel Pina e Cunha, para além desta definição, que podemos considerar generalista, existem outras definições de organização (Cf. Pina e Cunha, 1995). Assim, o autor refere-se aos seguintes tipos de organizações: organização racional, organização orgânica, organização política, organização cognitiva e organização humana. Não se pretende, no presente trabalho, proceder a uma caracterização organizacional das instituições que promovem o voluntariado missionário. Pretende-se apenas chamar a atenção para algumas dimensões de análise das mesmas, que, entretanto, foram suscitadas pela análise das entrevistas efetuadas aos voluntários missionários.

As instituições em questão promovem o voluntariado missionário,

procuram congregar pessoas, organizá-las, formá-las com o intuito de as enviar para países diferentes, com realidades sociais, políticas e económicas adversas, colocando-as ao serviço das comunidades de acolhimento. São organizações marcadamente religiosas e católicas (dado igualmente obtido através dos inquéritos por questionário). Este facto faz delas organizações com uma cultura específica.

E depois foi o processo de ter esta motivação e a preparação, acho eu, que é fundamental para chegar ao exercício da experiência do voluntariado missionário, que me permitiu reencontrar e descobrir; a...a...a..., pronto toda esta dimensão pessoal e de fé, ou seja veio depois, não é a priori, ...isso. Depois o continuar, o querer continuar afincadamente é que de facto aí já veio essa dimensão de fé, de acreditar. (Ent. M 2).

A dimensão transcendente está presente o que, aliando este facto a um *certo calling* interior experimentado pelo sujeito, o motiva para ação e o leva a acreditar na força/eficácia dessa mesma ação. Não são, portanto, organizações com forte componente racional (Cunha, 1995). A perspetiva racionalista entende as organizações como “coletividades orientadas para a procura de objetivos específicos, as quais exibem estruturas sociais com uma formalização relativamente elevada” (Scott 1987, p. 22 cit. por Cunha, 1995, p. 56).

Os voluntários não constituem uma categoria social indiferenciada no interior das organizações; pelo contrário, cada qual possui a sua especificidade como pessoa. Por outro lado, as organizações promotoras de voluntariado missionário não são organizações cuja extrema planificação

impeça o confronto com o imprevisto. Aliás, são organizações abertas ao meio envolvente e com forte capacidade de adaptação face aos problemas, imprevistos e adversidades que surgem. São, portanto, organizações flexíveis. Não apresentam também uma elevada formalização nos seus procedimentos. A elevada formalização reduz os limites da ação do sujeito e assegura que tudo correrá de acordo com o esperado, isto é, de acordo com o previsto. Tal não se verifica nas organizações promotoras de voluntariado missionário. A incerteza paira sobre a eficácia dos procedimentos. Até porque trabalhar com pessoas, com base na relação social, é um desafio criativo e permanente. São organizações, acima de tudo, humanas, com toda a complexidade que isso implica.

A espontaneidade e uma certa informalidade parecem ser os fatores predominantes na caracterização destas organizações, promotoras de voluntariado missionário, quer ao nível da seleção dos voluntários, quer ao nível da sua formação. A seleção dos candidatos a voluntários missionários é relativamente espontânea (Cf. dados do inquérito). O próprio processo de formação leva a uma seleção do voluntário com base na espontaneidade. O mesmo acontece no que concerne à organização do próprio trabalho.

A formação é de um a dois anos e depende muito da caminhada do próprio candidato a ser voluntário e da evolução dele,... e do próprio empenhamento dele na própria caminhada de formação... (...) A formação é uma coisa que exige empenhamento e acaba por haver uma seleção natural. Há pessoas que vão desistindo porque percebem que não é isto. Também há pessoas que vão desistindo porque nós fazemos um mau trabalho, não é?! (risos). (Ent. M 1).

Este testemunho alerta talvez para a necessidade de uma maior racionalidade no processo de seleção e formação de potenciais candidatos, no sentido de se conseguir obter uma maior eficácia da prática do voluntariado missionário. Sabemos, contudo, que o voluntariado é espontâneo e obedece ao princípio da liberdade individual, o que significa que o aumento da racionalidade organizacional também poderá conduzir a uma perda relativa da espontaneidade como característica da prática do voluntariado missionário. Na verdade,

são pessoas que não são assíduas e que nem estão assim tão motivadas, mas depois acham que são capazes e que querem ir, muitas vezes também por motivações muito erradas, como chamar atenção de alguém, o querer sobressair. Infelizmente, este trabalho tem mediatismo. (Ent. M 1).

A informalidade do processo de recrutamento e seleção dos voluntários missionários também é referida:

No caso da J. D., aí trata-se de um grupo mais pequeno mais informal, mas no qual a essência, ... está lá e tem a ver com a... espiritualidade d., portanto a P. F. (...)... há um recrutamento livre, as pessoas por contacto vão saber do local, há uma formação com algumas temáticas, preparado sobretudo pelas Irmãs e alguns jovens que já participaram em formações anteriores(...). (Ent. M 2).

Efetivamente, a espontaneidade e a informalidade ocorrem com relativa frequência nos discursos analisados. Ao nível de uma análise organizacional, apesar de preliminar, pois não dispomos ainda dos elementos necessários para os aprofundar, podemos afirmar que as organizações em questão apresentam maioritariamente características de organizações cognitivas e humanas. Na perspetiva cognitiva, definimos a organização como um “corpo de pensamento pensado por pensadores pensantes” (Weik, 1979b, p. 42 cit. por Cunha, 1995, p. 62). O objeto é, assim, inseparável do sujeito, isto é, o mesmo objeto, evento, experiência ou acontecimento pode ser interpretado das mais diversas maneiras. As organizações em questão são marcadamente organizações humanas. Assim, na organização humana, “a tarefa essencial da gestão consiste em criar condições organizacionais e métodos de trabalho capazes de permitir às pessoas o alcance dos seus objetivos, ao mesmo tempo que canalizam os seus esforços na direção dos objetivos organizacionais”. (McGregor, 1957, p. 133 cit. por Cunha, 1995, p. 64).

De facto, as organizações existem para as pessoas. Contudo, a conjugação dos objetivos organizacionais e individuais tem sido a grande questão de análise dos autores da tradição humanista em ciência organizacional. A organização humanista tem várias potencialidades, entre as quais a de demonstrar que os objetivos das pessoas podem ser compatíveis com os da organização, desde que a organização seja capaz de promover este tipo de inclusão. Variáveis como a implicação e a cultura organizacional não são mais do que fatores de compatibilidade, entre Organização e Indivíduo, e que assumem uma importância cada vez maior quer na gestão de recursos humanos, quer no comportamento organizacional (Pina e Cunha, 1995).

3.2.2 Correspondência entre competências e necessidades de trabalho sentidas no terreno

Ao longo da análise do discurso dos entrevistados, fomos denotando uma relativa espontaneidade no processo de recrutamento, seleção e formação do potencial voluntário missionário. Convém, neste momento de observação do material registado, tentar perceber se se verifica uma correspondência entre as competências dos voluntários missionários, quer no que concerne a competências próprias quer no que respeita a competências entretanto adquiridas no processo de formação que antecede a partida em missão e as necessidades de trabalho detetadas no contexto de missão, ou seja, nas comunidades de acolhimento.

A noção de competência fundamenta-se nas capacidades individuais dos executores, de serem ou não capazes de exercerem um determinado trabalho. Trata-se de uma noção fortemente centrada no conjunto de saberes: saber, saber-fazer e saber-ser, a mobilizar num determinado contexto de atividade profissional. São os resultados finais da atividade profissional que possibilitam a sua avaliação. Para Claude Dubar, por exemplo, as qualidades de responsabilidade, de autonomia e saber trabalhar em equipa incorporam a mobilização própria da competência (Dubar, s/d).

No entanto, devemos salientar que a competência não significa apenas possuir conhecimentos e habilidades necessários à realização de uma determinada tarefa. Ela implica uma lógica de trabalho organizacional assim como uma política de recursos humanos. A noção de competência centra-se principalmente no indivíduo, e não no posto de trabalho, privilegiando o desenvolvimento do potencial humano no trabalho, e procura romper com a adequação simplista homem/posto de trabalho patente, por exemplo, no sistema taylorista de organização do trabalho. A competência, por si só,

nada significa. Ela tem que ser acreditada. A acreditação de competências aproxima-se da legitimidade “racional-legal”, definida por Max Weber. Na verdade, a sua legitimidade baseia-se nos factos, nos seus resultados concretos, ou seja, na eficácia da própria ação.

Sendo a ação voluntária missionária eminentemente uma ação social, ela pode ser determinada pelos seguintes fundamentos:

-
- 1) racional em ordem a fins, determinada por expectativas do comportamento de objetos do mundo exterior e dos outros homens, utilizando estas expectativas como “condições” ou “meios” para fins próprios racionalmente intentados e ponderados como resultado; 2) racional quanto a valores, determinada pela crença consciente no valor – ético, estético, religioso ou de qualquer outra forma que se interprete – específico e incondicionado de uma determinada conduta puramente como tal e independente do resultado; 3) afetiva, sobretudo emocional, determinada por afetos e estados sentimentais atuais; 4) tradicional, determinada como um hábito vital.*
-

(Weber, 2005, p. 45-46).

Seria pertinente, quanto a nós, em termos de análise organizacional, proceder-se a uma clarificação das competências *básicas* necessárias, a mobilizar na prática do voluntariado missionário. Acrescente-se ainda que, para Weber, desta vez citado por Claude Dubar,

la professionnalisation constituait un des processus essentiels de la modernisation, c'est-à-dire du passage d'une "socialisation principalement communautaire" où le statut est hérité à une "socialisation d'abord sociétariaire" où le statut social "dépend des tâches effectuées et des critères rationnels de compétence et de spécialisation.

(Dubar, 1996, p. 136).

...nós sendo universitários, nós oferecemos a nossa disponibilidade, mas se calhar nem sempre somos as pessoas mais bem capacitadas para as necessidades específicas do terreno. Há sempre uma tentativa na J. D. como na G. de tentar pôr as pessoas a fazer o trabalho mais necessário no terreno, é um alinhamento, essa é a prioridade grande já que estamos tão pouco tempo, somos tão pouco especialistas, ao menos vamos tentar procurar saber aquilo onde nós, a nossa área de formação onde nós somos mesmo bons portanto, eu fui colocado em matemática por estar relacionado com informática, fui colocado em inglês por ser uma componente muito forte do meu curso, como pessoas de medicina colaboram a trabalhar com os enfermeiros,.. o que é importante no voluntariado missionário, penso eu, é a disponibilidade para dar.... e não tanto uma formação muito específica e, nesse sentido, às vezes há um desalinhamento. Mas eu acho, que uma grande preocupação a fazer este (...) encaixe o máximo possível. (Ent. M 2).

Parte-se do princípio de que, no processo de formação do voluntário missionário, há uma preocupação no alinhamento entre as competências existentes e as competências de trabalho sentidas como necessárias no

terreno. No entanto, podem acontecer enviesamentos. O depoimento deste entrevistado chama a atenção para o facto de nem sempre haver a correspondência necessária entre competências de trabalho adquiridas e necessidades de trabalho detetadas, o que revela, uma vez mais, a espontaneidade de todo o processo de organização que envolve as instituições promotoras de voluntariado missionário. O voluntário missionário faz um esforço no sentido de mobilizar as competências que possui para as necessidades que deteta e prioriza no terreno, procurando, constantemente, adaptar-se a novas situações.

A análise do discurso possibilita ainda a constatação de que o "... importante no voluntariado missionário, penso eu, é a disponibilidade para dar... e não tanto uma formação muito específica..." (Ent. M 2).

Na minha experiência, eu estive em projetos diversos, nos dois anos. No primeiro ano, eu colaborei num projeto de saúde comunitária que a Diocese cofinanciada e em parceria também com o governo moçambicano com a Direção Provincial da Saúde tinha ao longo da Província do Niassa... No segundo ano, colaborei e até pedi à Direção para colaborar com o Estado moçambicano... a dar aulas de português no décimo primeiro na Escola Oficial Moçambicana. (Ent. F 1).

A flexibilidade e a adaptação de competências previamente adquiridas a situações novas, parece ser uma constante no discurso dos entrevistados. Este entrevistado colaborou na organização de um projeto na área da saúde, apesar de não ter formação específica nessa área. Todavia, como já tinha trabalhado com a implementação de projetos na área comercial, acabou por canalizar essas competências para o seu trabalho de terreno em missão. Apesar de não possuir competências próprias em educação

básica, colaborou no ensino da língua portuguesa no âmbito da educação formal, no país de acolhimento.

Como tenho formação em ciências religiosas e também na área da educação, acabo por conseguir ter competências para responder às nossas áreas de atuação. A principal competência é aprender a estudar, a procurar soluções, porque os problemas e as soluções são diversos e a apetência para investigar, procurar caminhos e para envolver pessoas no processo é a principal competência que dá resposta às necessidades do terreno. ... Muitas vezes é fazer as pessoas acreditarem porque são pessoas com vidas tão dramáticas que o principal trabalho que nós podemos fazer, quer no âmbito da fé Cristã, quer no âmbito da capacitação profissional, as pessoas acreditarem que são capazes e que têm valor. (Ent. M 1).

Por sua vez, este entrevistado, por possuir formação em ciências religiosas e na área da educação, sentiu-se mais à vontade na mobilização de competências para melhor responder às necessidades verificadas. O facto de possuir uma predisposição para a investigação, pois “a principal competência é aprender a estudar”, demonstra uma maior flexibilidade na capitalização das suas competências. Chamamos a atenção para o seu testemunho, quando refere que a maior necessidade que verificou em missão, por parte da população local, foi a *necessidade de acreditar*. Portanto, o voluntário missionário tem que possuir esta competência: a de fazer as pessoas acreditar que podem ser autónomas e que poderão construir um futuro melhor. O voluntário missionário tem que promover a capacitação das populações locais, ou seja, devolver-lhes o poder de acreditarem que “são capazes e têm valor”.

3.2.3. Formas de diagnosticar as necessidades da comunidade

“Plans are nothing, planning is everything”

(Isabel Guerra, 2000)

Em virtude da crescente complexidade da realidade social, o trabalho social, em geral, exige, cada vez mais, uma maior planificação, gestão e avaliação de resultados. Pensamos que o mesmo deve acontecer relativamente à ação social voluntária missionária. A mudança social e as transformações na qualidade de vida dos indivíduos encontram-se diretamente dependentes da eficácia das metodologias de intervenção social. Neste sentido, as organizações promotoras do voluntariado missionário podem formar os seus potenciais voluntários com um plano integrado de formação na área da metodologia do trabalho de projeto. Esta racionalização da preparação e da formação não contraria a lógica de dádiva no trabalho voluntário missionário; pelo contrário, poderá potenciar a sua ação, o seu alcance, a sua eficácia e efetividade.

O trabalho por projetos é, cada vez mais, uma forma de condução de ações que parece adaptada à intervenção na complexidade e na escassez constante de recursos. (...) No entanto, a boa vontade não é suficiente para garantir o êxito do projeto. É necessário assegurar uma série de processos que viabilizam esse percurso. Dito de outra forma, a metodologia participativa do projeto não é apenas um processo intelectual, mas exige uma gestão eficaz (...).

(Guerra, 2000, p. 125).

A metodologia do trabalho de projeto permite rentabilizar os recursos de uma forma mais eficaz e capitalizar as potencialidades de trabalho dos agentes envolvidos. Simultaneamente, possibilita um envolvimento da população local num trabalho conjunto mais racionalizado, em ordem a objetivos previamente formalizados. A gestão eficaz do projeto procura, ainda, aprofundar o sistema democrático local, fazendo do projeto em implementação um contexto local de aprendizagem de valorização pessoal e social.

Uma das atitudes do voluntário para se trabalhar cada vez mais a informação é esta capacidade de escuta, escuta ativa. Não é só de ouvir o que o outro está a dizer, é de perceber o meio onde está. O leigo antes de partir, e cada vez mais na formação, tem esta etapa que nós chamamos de formação específica de projeto, que é perceber mais o projeto que vai ser desenvolvido. Mas sobretudo ter uma lógica de projeto, ou seja, mesmo que não seja esta a sua área da formação académica, ter uma lógica de projeto. (Ent. F 1).

A análise deste testemunho aponta para uma escuta ativa no sentido de diagnosticar as necessidades, o que nos leva a supor que o voluntário missionário, quando parte em missão, não leva consigo esse diagnóstico formalmente realizado. A competência da escuta ativa procura não só conhecer o outro como também o meio onde ele está inserido. De facto, a intervenção social só surte efeito após um conhecimento rigoroso e prévio sobre a realidade.

Este depoimento aponta para a necessidade da existência da metodologia de trabalho de projeto, com diagnósticos de situação e de necessidades incluídos: “o diagnóstico prévio à formulação de um projeto é

o reconhecimento que se realiza no terreno onde se pretende executar uma ação determinada, dos sintomas ou sinais reais e concretos de uma situação problemática” (Espinoza; 1986, p. 77). Assim, o diagnóstico é a conclusão de um estudo ou investigação sobre uma determinada realidade concreta. Ao mesmo tempo, o diagnóstico constitui a base orientadora do trabalho de intervenção social, neste caso, aplicado à ação voluntária missionária. Dependendo da metodologia utilizada, o diagnóstico pode ser preliminar ou resultante de um estudo sistemático; permite ainda reconhecer os principais problemas existentes na comunidade, identificar as suas causas, pistas de ação e hierarquizar prioridades de intervenção.

As pessoas não vão muito bem preparadas quando vão para o terreno, às vezes, não há muita comunicação sobre as coisas que lá são necessárias e esta é uma dimensão que costuma ter muito que dizer. É preciso saber trabalhar com poucos recursos, saber improvisar e saber dar tudo no terreno. (...) Outra preocupação grande que tentamos mais ou menos atingir, acho que há aqui uma componente muito importante que tem a ver com a continuidade. (...) É de curta duração, às vezes tem-se esta dificuldade de continuidade: por vezes as pessoas vão uma vez e nem sempre repetem e, muitas das vezes, não têm esta preocupação de passar o testemunho para as pessoas que lá vão voltar. (Ent. M 2).

Uma vez mais, é reforçada a ideia de que “as pessoas não vão muito bem preparadas quando vão para o terreno”. Efetivamente, seria pertinente realizar um diagnóstico de necessidades no terreno mais eficiente, mobilizando as diversas técnicas e estratégias metodológicas existentes. Também a metodologia de projeto e, designadamente, ao nível da avaliação de projetos,

permite ditar a direção e o andamento da intervenção da ação social voluntária. A metodologia de trabalho de projeto, mediante uma maior racionalização das práticas de intervenção, ajuda a garantir a continuidade dos projetos entretanto implementados e em desenvolvimento.

Este entrevistado refere-se a “passar o testemunho para as pessoas que lá vão voltar”. A continuidade da implementação de projetos encontra-se, também ela, e de acordo com os depoimentos recolhidos, dependente deste espírito de espontaneidade que envolve o voluntariado missionário. Esta espontaneidade encontra-se patente, igualmente, no procedimento do próprio diagnóstico de situação. “Sim, eles é que vivem lá e nós temos que confiar naquilo que nos dizem” (Ent. F 2), diz-nos este voluntário missionário, referindo-se aos padres que se encontram no terreno.

Na nossa opinião, seria pertinente estabelecer uma lógica de trabalho de caracterização da comunidade e de conceção de projetos que envolvesse uma organização mais científica das práticas de investigação ao nível local. Esta metodologia, previamente estabelecida, poderia promover uma conceção de projetos mais adequada e garantir uma continuidade mais eficiente na implementação e no desenvolvimento dos mesmos.

Nós fazemos o levantamento de necessidades que os voluntários normalmente levam para o terreno; também cá, na formação, damos algumas luzes de gestão de projetos e de levantamento de necessidades para abrir os olhos tecnicamente aos voluntários, quando vão para o terreno... e também para estarem sensíveis a esse levantamento. Nós somos muito limitados, não é? A O. é relativamente pequena e recente ainda, não tem 5 anos, vai fazer 5 anos. Não temos, ainda, ninguém a tempo inteiro, já tivemos, mas ao abrigo de estágios profissionais e coisas assim, mas neste momento não temos ninguém. (Ent. M 1)

A espontaneidade, a informalidade e, não raras vezes, a improvisação surgem como uma referência relativamente constante no discurso dos entrevistados. Seria importante assegurar um trabalho de retaguarda, mais sólido, ao nível da metodologia do trabalho de projeto, que oferecesse aos voluntários missionários um guia para ação, que retratasse a realidade social de acolhimento de modo mais sólido e rigoroso. Para Ander-Egg (1999), por exemplo, um diagnóstico sociocultural elabora-se a partir dos dados recolhidos na investigação, tendo em conta 4 níveis de análise:

A descrição da situação: fazendo uma análise sincrónica e diacrónica da situação estudada;

As tendências: o que implica prever situações futuras, a menos que se intervenha para modificar a evolução da realidade de um grupo concreto;

A avaliação da situação: que constitui a compreensão analítica da realidade, o estabelecer da natureza das necessidades, e da sua hierarquia;

O destaque dos fatores relevantes que influenciem a situação e determinem a viabilidade do projeto.

Acrescente-se que o diagnóstico possibilita a determinação de problemas e necessidades, de forma mais eficaz, tendo em conta os recursos existentes assim como as próprias condições de trabalho que se fazem sentir nos diferentes contextos de intervenção. Permite hierarquizar prioridades de intervenção. Note-se que, uma vez mais, a análise dos discursos dos entrevistados deixa antever que, frequentemente, os voluntários missionários são colocados no terreno sem um conhecimento prévio e real das situações encontradas. Frequentemente, as necessidades de trabalho são muitas e o voluntário missionário tem que as hierarquizar espontaneamente.

O diagnóstico de situação constitui uma base de ações concretas (plano, programa e projeto) dirigida a uma realidade concreta e implica uma

fundamentação das estratégias de intervenção de acordo com as necessidades detetadas. Serve para determinar uma situação: para além de fatores económicos e sociais, há que incluir aspetos políticos, institucionais, culturais e psicossociais; deve, ainda, considerar os fatores endógenos que poderão influenciar as alterações relativas à própria situação em estudo. Finalmente, chama-se a atenção para a necessidade de avaliar os projetos em curso, perspetivando ou não uma continuidade dos mesmos, e para a pertinência em apostar numa maior racionalização das práticas de intervenção social na ação voluntária missionária, em ordem a uma maior eficácia de resultados.

3.2.4. Necessidades de trabalho detetadas pelos voluntários missionários

Tendo percebido, ao longo da análise das entrevistas realizadas, a insuficiência de estratégias metodológicas na deteção das necessidades da realidade social de acolhimento, optámos por questionar os entrevistados sobre as necessidades de trabalho por eles constatadas no terreno. Verificámos que as necessidades “detetadas” nem sempre correspondem às necessidades sentidas pela população local. De facto, e dando a voz a um entrevistado:

Na minha primeira experiência, eu ia com pouquíssima informação, porque fomos para um sítio novo, onde nunca tinha lá estado antes, portanto, a nossa preparação, eu diria que, foi muito, muito longe daquilo que lá, que lá era necessário (...) (Ent. M 2).

Denota-se, por vezes, uma ausência de conhecimento efetivo sobre a comunidade de acolhimento. É fundamental ter em consideração a cultura

da comunidade para uma melhor atuação. Os diagnósticos prévios de necessidades podem constituir instrumentos privilegiados de orientação da ação missionária voluntária.

A continuidade do trabalho desenvolvido pela ação voluntária missionária também preocupa os nossos entrevistados. A este nível, seria pertinente, por exemplo, proceder a uma “*passagem de testemunho*” mais eficaz, no sentido de que quem viesse a seguir, na cadeia da ação voluntária missionária, pudesse dar uma melhor continuidade ao trabalho, entretanto, iniciado. No fundo, tratar-se-ia de “fazer os benefícios perdurarem para lá do regresso dos voluntários” (Ent. M 1). Para este entrevistado,

Há uma necessidade que era o trabalho ser mais prolongado. Nós temos muita gente que vai por pouco tempo, mas precisávamos de gente que fosse por mais tempo para o trabalho ser outro e as dinâmicas serem outras, o comprometimento ser outro e a própria transformação na pessoa também ser outra. (Ent. M 1).

Na verdade, percebe-se que, por vezes, por parte das organizações de envio de voluntários missionários, há um investimento elevado na preparação e formação para um voluntariado de curta duração. Existem muitos voluntários que vão em missão por um período de tempo efetivamente curto, e que seria desejável que realizassem um trabalho de ação voluntária por mais tempo, de modo a que as dinâmicas produzidas fossem mais produtivas e o comprometimento do voluntário com a ação e com a relação social com o outro também pudesse ser diferente. Mais sólido e mais seguro.

3.2.5. Problemas e dificuldades encontrados

Quando partem em missão voluntária, os nossos entrevistados defrontam-se com uma série de problemas e adversidades. Logo à partida, são confrontados com países e locais de acolhimento situados em patamares de desenvolvimento diferenciados. A ausência da satisfação das necessidades básicas é uma constante para a população local e, nesta relação de dádiva, em que o voluntário missionário incorpora a vida do outro, essa situação passa a ser uma vivência sentida por parte do próprio voluntário missionário.

O europeu está habituado a ter certos confortos que, depois, no terreno (Angola) é muito difícil de superar essas ausências: o duche, a água potável, a comida, a forma de vida é muito diferente (culturalmente), longe da família e amigos (...). (Ent. M 2).

A análise dos discursos transcritos possibilita ainda o registo de outro tipo de dificuldades sentidas em termos materiais e físicos.

Os problemas maiores são os problemas mais pequenos. É ter, por exemplo, uma aula para dar e precisar de tirar meia dúzia de fotocópias e não ter como. É a falta de meios, o que depois também estimula a nossa imaginação para criar alternativas. Mas é sobretudo isso, a falta de meios que temos. (Ent. M 1).

Podemos, de acordo com os registos efetuados, elencar algumas necessidades apontadas pelos nossos entrevistados: falta de transportes, falta de recursos materiais (livros, medicamentos); falta de recursos humanos conhecedores da realidade, comprometidos e capacitados

para promover a mudança; questões culturais como, por exemplo, saber “decifrar” os códigos culturais de ação para poder atuar em maior conformidade com as normas da comunidade; saber como relacionar-se com o outro e, igualmente importante, saber gerir as expectativas da população local face ao trabalho do voluntário missionário.

A questão cultural assume particular relevância. O contacto com *estádios de desenvolvimento* diferenciados e com povos de outras culturas implica, por parte do voluntário missionário, uma preparação alicerçada nos princípios do desenvolvimento local, desde logo, a preparação para a problemática do etnocentrismo e o saber relacionar-se com uma cultura diferente da sua cultura de origem:

... o principal logo é a cultura. A gente costuma dizer que nós lá somos estrangeiros três vezes. Somos estrangeiros porque somos brancos e, portanto, logo à partida, para um negro, nós somos pessoas que vêm de um país rico... e que nós temos dinheiro. Portanto somos estrangeiros pela cor, depois somos estrangeiros pela língua, porque não sabemos falar a língua local, do sítio onde estão, muitas das pessoas não falam português. Depois somos estrangeiros na própria forma da cultura... na forma de pensar a realidade diferente. Portanto, a razão de uma doença é sempre sobrenatural e não é natural (...). (Ent. F 2).

Sem pretensões de exaustividade, gostaríamos apenas de deixar registado, pela voz dos missionários voluntários entrevistados, alguns elementos que nos parecem ser fundamentais, em termos de diagnóstico

de necessidades de formação para o desenvolvimento¹², no sentido de fortalecer a preparação inicial para a prática do voluntariado missionário. Esta formação deverá incluir aspetos relacionados com os princípios básicos do desenvolvimento local. As tentativas teóricas de abordagem do desenvolvimento regional encontram as suas raízes nas teorizações do desenvolvimento à escala das nações (Simões Lopes, 1995). Sabe-se que está ainda por formular uma teoria de aceitação geral em torno do desenvolvimento regional.

De um modo breve, podemos equacionar alguns dos princípios fundamentais do desenvolvimento de base local. O desenvolvimento dos territórios deve ser considerado numa perspetiva pluridimensional e integrada. Trata-se de um processo que acontece no tempo e no espaço e cujo objetivo principal é conseguir uma organização espacial baseada no equilíbrio. Todo o desenvolvimento é contextualizado do ponto de vista geográfico e histórico. Implicando crescimento da riqueza local, pressupõe a sua repercussão sobre a qualidade de vida das pessoas e sobre o sistema social em geral. Ou seja, acontecendo a uma escala nacional, toma em atenção a estrutura de repartição dos rendimentos, a par do aumento do Produto Nacional Bruto (PNB). Por outras palavras, não haverá desenvolvimento sem uma diminuição das desigualdades sociais. Nesta linha de análise, a intervenção social da ação voluntária missionária implica necessariamente uma visão de conjunto do território de acolhimento, embasando a perspetiva de qualquer intervenção comunitária. Porque, em última análise, o sentido do todo é o sentido da comunidade.

A *endogeneidade* é a capacidade que a sociedade tem de, a partir do seu interior, gerir a mudança e as suas influências, determinar as condições

da sua efetivação, disponibilizar os recursos disponíveis e, fundamentalmente, mobilizar a sua gente. O desenvolvimento local é feito à medida, não obedecendo a uma lógica de importação de modelos de intervenção. Neste sentido, torna-se fundamental proceder a uma observação rigorosa e eficaz das necessidades e das potencialidades da comunidade, o que exige permanência e estabilidade no terreno.

A *pluralidade* das vias para o Desenvolvimento significa que o Desenvolvimento é um processo não unilinear e não determinista. Estamos já longe das conceções que defendiam o Desenvolvimento como uma estrada única, muito determinada à partida – ele não é um fenómeno unidimensional. Entre outras possibilidades, o Desenvolvimento pode acontecer por via agrícola, por via da industrialização, pela via turística, mas sempre numa pluralidade de formas e percursos que faz dele um fenómeno aberto.

Tendo em conta os fins e as metas que persegue, o desenvolvimento local constitui um processo histórico que relaciona gerações. É um processo *intergeracional*, obedecendo a uma lógica de intervenção integrada na comunidade. Por outro lado, o testemunho da ação deverá ser passado de geração em geração respeitando a continuidade dos processos de intervenção social e comunitária. De facto, o desenvolvimento local implica representações do futuro e estas variam sociologicamente, pois não há uma representação homogénea do futuro. Desenvolvimento local é um conceito relativamente conflitual. Neste sentido, há que auscultar as populações locais sobre as suas próprias representações do futuro. Estes processos de intervenção local nas comunidades devem ser considerados como processos de aprendizagem e de indagação permanentes.

Na ação social voluntária missionária, o processo de desenvolvimento local a implementar deve sensibilizar as populações locais para a

12 Face a esta temática ver, por exemplo, “Formação para o Desenvolvimento”, de António Nóvoa, Carlos Castro-Almeida, Guy Le Boterf, e Rui Azevedo, Editora Fim de Século, Lisboa, 1992.

complexificação e diversificação do processo. Inspirado nos modelos da biologia, qualquer processo de desenvolvimento implica o aparecimento de estruturas cada vez mais complexas e mais diversificadas. Veja-se, por exemplo, o que acontece com o fenómeno da urbanização. Num nível micro de intervenção, como é o caso da comunidade de acolhimento, o voluntário missionário deve sensibilizar e formar a população local para esta tendência.

Trata-se de preparar as pessoas para uma mudança estrutural de médio e ou longo prazo. Devemos reconhecer que o Desenvolvimento é, por definição, uma mudança estrutural, que não é apenas económica, mas que atinge todas as estruturas sociais, das materiais às simbólicas. E neste sentido, assume uma importância fulcral a questão do combate ao eventual *deficit cultural* inerente às populações pertencentes a comunidades que evidenciam graus de desenvolvimento diferenciado. Torna-se, pois, fundamental tecer estratégias de aprendizagem e de formação para o desenvolvimento (por exemplo: espaços de educação não formal – espaços associativos, educação das famílias, intervenção comunitária, democracia participativa, *empowerment* ...)

A *multidisciplinaridade* constitui outro dos princípios fundamentais do desenvolvimento local. O Desenvolvimento é um fenómeno multidimensional e exige encruzilhadas disciplinares e operativas no sentido de apreender, explicar e operacionalizar o fenómeno. Desta forma, seria conveniente, quando possível, proceder-se à constituição de equipas multidisciplinares de voluntários missionários no terreno para que fosse possível realizar uma intervenção local integrada.

O voluntário missionário deverá estar preparado para ultrapassar uma postura etnocêntrica e para promover o respeito pelas diferenças locais e territoriais.

4. IMPACTO DA EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO NA VIDA DO VOLUNTÁRIO MISSIONÁRIO

Quando nos propusemos entrevistar os voluntários missionários sobre a sua experiência de ação voluntária em contexto de missão, procurámos “retratar” fragmentos de realidade mas, ao mesmo tempo, compor um ciclo de uma experiência vivida. Para que esta dupla intenção se concretizasse, havia a necessidade de responder às seguintes perguntas: voluntários missionários, quem são? Quais as motivações que os levam a partir em missão voluntária? Como acontece o processo de seleção, recrutamento, formação e preparação para a missão voluntária? Como regressam? Que mudanças ocorreram na comunidade de acolhimento? Qual a mais-valia da experiência de voluntariado missionário, para o próprio(a)? E para comunidade de acolhimento? Seleccionámos alguns indicadores que nos pareceram centrais num processo de autoavaliação da experiência de voluntariado missionário. A análise que de seguida se apresenta possibilita a confirmação das experiências de voluntariado missionário como um contexto de aprendizagem e de socialização privilegiados, altamente capitalizável na promoção do desenvolvimento pessoal.

4.1. Resiliência

A expressão resiliência constitui uma designação, adotada no contexto das ciências sociais e do comportamento, que procura definir os indivíduos que conseguem resistir e ultrapassar as adversidades e os problemas encontrados. Normalmente, esta dimensão é estudada em indivíduos que se encontram expostos a ambientes fortemente marcados por dificuldades e incertezas. O contexto da experiência da ação voluntária missionária constitui, seguramente, um desses ambientes, e um espaço privilegiado de análise da temática:

“Muito importante. Ganhei muito disto da resiliência, de não desistir. Lembro-me de pessoas com quem vivi e partilhei os meus dias e elas precisam do nosso trabalho. Não nos podemos dar ao luxo de desistir. Temos de continuar”. (Ent. M 1).

A experiência de voluntariado missionário promove um aumento desta capacidade de resistir às adversidades, de melhorar constantemente a sua atuação e a adoção de estratégias em função daquelas e, sobretudo, de não desistir de uma relação marcada pela dinâmica de dádiva que estabeleceu com o outro.

Em termos de resiliência, eu entendo resiliência como a capacidade de nós termos capacidade de resistir às adversidades, não é? Ajuda-nos, porque a gente acaba... por nos termos de superar a nós próprios para aguentarmos lá. Todos os dias temos é, no fundo, adversidades suficientes para fazermos as malinhas e vir para Portugal, não é? Portanto, ajuda-nos assim. (Ent. F 2).

...foi uma das coisas que me foi oferecida, estou muito resistente às dificuldades e adversidades, não só por relativismo, o que eu pensava que era grave, relativizo. Eu estou... em contexto africano. Quando as coisas correm mal, caem em contexto e temos que dar a volta, outras pessoas deram a volta... (Ent. M 2).

Os voluntários missionários veem melhoradas as suas capacidades de resistência face às dificuldades e aos problemas instalados e aprendem

a relativizar a sua importância. Após a realização desta experiência, são pessoas mais fortes e mais resilientes. Entre a diversidade de áreas referenciadas, a experiência de voluntariado missionário possibilitou o desenvolvimento de capacidades físicas, psicológicas e sociais da pessoa, fortalecendo e mobilizando outras competências de intervenção, facilitadoras de uma adaptação mais eficaz às situações, assim como permitiu agir de forma imediata e mais adequada face aos problemas encontrados. A prática do voluntariado missionário constitui, sem dúvida, um dos contextos de educação/aprendizagem mais significativos na vida do indivíduo. Neste caso, aprender a resistir e a ultrapassar as dificuldades contribui para o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais cada vez mais importantes numa sociedade competitiva.

4.2. Emoções e Afetos

A experiência do voluntariado missionário constitui igualmente um contexto fundamental de aprendizagem para nomear e amadurecer emoções e afetos, assim como a forma de os expressar na relação de ajuda. Na linha da aprendizagem e de desenvolvimento pessoal, podemos afirmar, com base nos testemunhos analisados, que o voluntário missionário, longe do seu país de origem e da sua família, aprende a gerir as suas próprias emoções. A relação social estabelecida numa lógica da dádiva compreende a dimensão da gratuidade como expressão de liberdade. Aquela materializa-se, desde logo, na prática de dádivas unilaterais, que não têm a sua origem primeira e consciente na necessidade de se ser retribuído. Dito de outra forma, o voluntário missionário integra o projeto de vida do outro no seu e, não raras vezes, aprende a subtrair/abdicar conscientemente, na sua vivência em missão, das suas próprias necessidades e emoções.

Eu acho que a nossa resistência ia muito por aí. As emoções, eu acho que é muito a falta da família, não é? Acho que isso é a coisa que mais nos custou, foi a parte da família. Falta de apoio, porque a gente acaba por não criar amigos lá, não é possível criares um amigo negro se tu és branco, porque não, não é possível. (Ent. F 1).

O afastamento face à família de origem e a desterritorialização (Fernandes, 2006) do voluntário missionário podem conduzir a uma nova forma de isolamento social e a um paradoxo: se, por um lado, o voluntário missionário desenvolve a sua ação em função do outro, visando a integração social desse outro, por outro lado, nesta ação, situa-se nas margens da comunidade de acolhimento (por via do etnocentrismo ou das representações sociais) e pode correr o risco de ele próprio vir a sofrer de exclusão social, de isolamento ou até de solidão...

Isso é um aspeto muito importante. Se nós vamos para lá e nos deixamos afetar completamente pelas emoções, saímos de lá deprimidos, passamos o tempo a chorar e não vamos ajudar ninguém, pelo contrário. É preciso é utilizar a inteligência emocional. E eu comecei a usar as emoções para capitalizar forças, quer em mim, quer nos outros. E são elas que dão energia às pessoas, para fazerem ou não fazerem. São o que nos mobilizam. (Ent. M 1).

Na prática do voluntariado missionário, o voluntário aprende a mobilizar as emoções na intervenção que realiza e na sociabilidade que estabelece. São as emoções e os afetos que, muitas vezes, o mobilizam: “os afetos entram nas emoções. Se uma pessoa sentir afeto por alguma coisa, só por si

não chega, mas contribui muito para a mobilizar”. (Ent. M 1). Como visto, o voluntário missionário aprende a trabalhar a sua inteligência emocional no sentido de capitalizar as forças que emergem de dentro de si próprio e a canalizá-las para uma ação em favor do outro e para o outro. Se, por um lado, o voluntário missionário deve aprender a descentrar-se de si no que concerne à influência que as emoções e os afetos têm nas suas decisões e ação (não há julgamento moral sobre o conteúdo das emoções, uma vez que são eticamente neutras), por outro lado, deve estar atento para que o “excesso” de descentração não se converta numa distância humana e relacional incolor, carente de proximidade, ou que, em última análise, transforme o voluntário missionário num mero voluntarista militante. A experiência de voluntariado missionário possibilita uma aprendizagem nova na relação com o outro. Efetivamente, a relação está assente na dádiva; contudo, importa notar que, nesta relação, se podem verificar mudanças ao nível do eu na relação com o outro.

Antes de participar no voluntariado missionário, estava relacionado com a Engenharia Informática, de computadores e máquinas... era uma pessoa fria, mais calculista, mais racional, mas descobri em mim, já existia, ... uma dimensão de afeto, e de abertura, uma expressão de arriscar-me, de expor-me ao próximo... foi de facto... que me permitiu ser uma pessoa melhor. Não, há dúvida que cresci muito nesta dimensão. (Ent. M 2).

Este depoimento é exemplificativo de que como a prática do voluntariado missionário permite um desenvolvimento pessoal e humano significativo. Este entrevistado afirma que, com esta experiência, tornou-se uma pessoa mais aberta, mais afetuosa e, globalmente, uma pessoa melhor.

4.3. Ética

Na análise do trajeto de vida do voluntário missionário, considerámos a sua posição face à noção de ética. De forma lata, podemos ensaiar uma noção de ética como uma ordem normativa interiorizada, um conjunto de princípios e valores relativamente sistematizados, equacionados, *grosso modo*, entre a noção *de bem* e *de justo*, que regulam o comportamento social assim como toda a condução da vida pessoal. A ética é da ordem dos princípios e do abstrato; todavia, pode ser traduzida numa moral que manifeste máximas de conduta consideradas adequadas e coerentes com aqueles princípios que se preconizam na ética, isto é, expressa-se nos modos de ser e intervir do sujeito, podendo afirmar-se que, em última análise, constituem uma *sabedoria da ação humana*, na expressão de Paul Ricoeur. A análise dos testemunhos recolhidos revela-se interessante e pertinente a propósito desta categoria. Convém destacar que apenas seleccionámos os testemunhos que nos pareceram mais ilustrativos a este respeito. A análise de histórias de vida não deixa, pois, de ser um recorte de um pedaço de vida.

Os voluntários missionários parecem evidenciar uma predisposição para ação relacionada com a noção de bem. Se, para uns, isso se traduz em “fazer as coisas de forma correta” (Ent. M 2), para outros – e tendo em consideração um outro depoimento -, a ética é quase comparada a uma noção de equilíbrio de vida que tenta harmonizar afetos familiares e ação voluntária junto de populações concretas:

Os valores... Tem também muita ética... a questão da justiça e de colocar estes princípios, estes valores acima de tudo e, às vezes, é difícil o equilíbrio. Nos afetos, estava a pensar que, às vezes, a minha família, namorada, quem está mais próximo, gente que não dispensamos, ...as

peças dão-nos um apoio imenso, uma força imensa e a gente, às vezes, é difícil e não podemos descurar a atenção a essas pessoas... e aprendi uma coisa muito importante... que é quando a gente está muito envolvida nas coisas, temos também de envolver a nossa família. (Ent. M 1).

É curioso notar um outro testemunho que orienta a análise da questão da ética num outro sentido. Pensamos ser importante deixar registado o que, em termos éticos, pode “enviesar” a ação do voluntário missionário, ou pelo menos, deixá-lo em situação de risco perante dilemas éticos que emergem do todo social e no exercício da sua ação:

em termos de ética, na condição de irmos trabalhar para um país como este, e que está cheio de corrupção e tudo, acho que nos tornamos menos éticos... Evitámos que aquilo fosse estragar a própria... a nossa convicção se a gente acredita que o suborno está a estragar uma sociedade... não usamos, só em casos extremos... (Ent. F 2).

Em todo o caso, estas experiências dilemáticas acontecem em países de acolhimento que, culturalmente, são diferentes dos países europeus e, ao mesmo tempo, apresentam uma organização social, também ela, diferente. Enquanto na Europa e em Portugal, mais concretamente, as necessidades básicas se encontram relativamente asseguradas, nos países de acolhimento, os voluntários missionários experienciam, por vezes, uma luta pela sobrevivência – experiência nova que acontece em terreno ético movediço -, obrigando a traçar limiares de decisão ética algures entre o justo e o útil, o bem/bom e o mal menor, o virtuoso e o (in)tolerável.

5. A DÁDIVA E O DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA PROFISSIONAL

Como já foi anteriormente referido, a relação de dádiva é baseada na liberdade dos sujeitos: quem dá fá-lo livremente sem impor condições; quem recebe é livre para receber e retribuir. Dar e receber constituem momentos da relação que formam uma unidade, a do ciclo da dádiva. A dádiva do voluntariado missionário assenta numa lógica da gratuidade e na reciprocidade diferida no tempo. Insistimos nesta posição pois os próprios voluntários missionários defendem estas ideias nas histórias de vida. No entanto, neste momento em que nos aproximamos da fase final de análise das experiências de voluntariado missionário, resta-nos verificar o que dizem os entrevistados face ao impacto que aquela experiência teve na sua carreira profissional. “(...) Portanto, o impacto foi radical, ou seja, foi à raiz, foi inverter de alguma forma toda a orientação que eu tinha dado durante mais de uma década à minha atividade profissional (...)”. (Ent. F 1).

Para este entrevistado, a experiência de voluntariado missionário alterou completamente o seu percurso profissional: se, antes desta experiência, o entrevistado trabalhava na área comercial, atualmente encontra-se ligado à área da formação e procura angariar fundos para causas que considera socialmente importantes. O facto de ter contactado com outra realidade de natureza profissional, o trabalho social em sentido lato, mediante a experiência do voluntariado missionário, permitiu que fizesse uma outra opção de vida em termos profissionais. Esta posição é corroborada em outra entrevista, na medida em que o exercício do voluntariado missionário parece ter um papel importante no alinhamento dos percursos profissionais dos voluntários.

É claro que é fator chave, para poder adquirir emprego e acho que é para toda a gente, e estar presente no curriculum... Uganda... [Há quem] acuse e ataque pessoas que fazem o voluntariado para pôr no curriculum... É uma preocupação minha, nos grupos em que estou envolvido... que isso não aconteça... mas há pessoas... como eu, fui para uma viagem a África, como se fosse um inter-rail. Ir ao terreno só para colocar no curriculum pode ser muito perigoso. (Ent. M 2).

Uma experiência de voluntariado missionário pode ser altamente capitalizável junto de futuros empregadores. Pode constituir um fator chave para a obtenção de emprego, quando mencionado no *curriculum vitae* do indivíduo. Contudo, “fazer voluntariado só para colocar no *curriculum* pode ser muito perigoso”. Como a entrevistada reconhece, esta intenção subverte a lógica da relação de dádiva na ação voluntária. Por outro lado, e como o contexto da experiência de voluntariado missionário constitui um espaço privilegiado de formação do indivíduo como pessoa, desperta no voluntário outras motivações e outras lógicas de conduta social.

Nesta análise, não podemos esquecer, igualmente, o quanto é importante considerar as expectativas das populações locais face à ação voluntária. O voluntário missionário não pode ser autocentrado ao ponto de colocar as comunidades de acolhimento ao serviço do seu interesse e dos seus objetivos profissionais. Na lógica da ação voluntária, fortemente alicerçada na noção de dádiva, os interesses das comunidades locais passam a ser os interesses dos voluntários missionários, aquilo a que A. Giddens (1994) denomina de incorporação do outro no *self*.

Torna-se, neste momento da análise, pertinente notar que se verifica a existência de outro tipo de compreensão sobre esta questão. Senão, vejamos:

Eu estaria contratada no Estado, se calhar já estaria no quadro atualmente, mas neste momento tou subcontratada e quando . não colocam, neste momento cá não colocaram. Portanto, realmente, o grande risco de se fazer voluntariado missionário é a precariedade, que quem vai perde as oportunidades de quem cá está que continua a tê-las. (Ent. F 2).

Este testemunho leva-nos noutra direção de entendimento: o que pode parecer uma perda (profissional) torna-se num ganho (pessoal). Assim, se, por um lado, quem faz voluntariado missionário ganha através de uma relação baseada no ciclo da dádiva, por outro, pode perder, em situação real e futura, oportunidades de emprego e de estabilidade no mesmo.

Até agora nada. Bem pelo contrário. Rouba-me o tempo, sobretudo. E quando me empenho nisto, não me empenho no trabalho. Não é que não cumpra as coisas que tenho que cumprir, mas talvez as arraste mais. Agora consegui também como professor aqui canalizar e aproveitar coisas boas que tenho aqui e aplicá-las lá fora. Mas acho que, se eu não fizesse voluntariado, poderia estar mais desenvolvido em termos profissionais, mas não há arrependimentos. (Ent. M 1).

Na mesma linha de pensamento, encontra-se também este entrevistado. Embora sem arrependimentos acerca da experiência de voluntariado missionário realizada, este entrevistado pensa que, se não tivesse feito voluntariado poderia estar “*mais desenvolvido*” em termos profissionais.

Devemos considerar, para efeitos de análise dos discursos, estas duas posições. A prática do voluntariado missionário pode constituir simultaneamente uma situação de vida capitalizável, em vários sentidos, como pode constituir uma barreira à integração profissional do voluntário missionário no seu país de origem, aquando da volta. O risco faz parte integrante da decisão e da ação do voluntariado missionário. E face a esta questão delicada e assumida, optámos efetivamente por deixar falar os voluntários missionários pela voz própria e expressarem as suas ideias, isto é, valorizámos o discurso em bruto e não procedemos a outro tipo de análise.

6. AUTOESTIMA

“Não sei se dá para compreender por quem não é crente, mas nunca vivi tão em estado de graça como quando fui voluntária missionária”.

(Ent. F 1).

Para a entrevistada em questão, o impacto da experiência de voluntariado missionário foi muito para além da sua autoestima – constitui uma experiência que a transcende na compreensão –, consubstanciou-se num *estado de graça*; fez a experiência de sentir-se privilegiada por ter tido esta oportunidade, por ter feito parte da construção de projetos de vida dos outros e por sentir-se integrada na própria vida do outro. A dádiva, enquanto relação social a construir, se é gratuita é, acima de tudo, gratificante.

“Acho que a gente ganha mais autoestima quando vai para África, acabamos por ganhar mais autoconfiança em nós próprios, porque vemos as nossas potencialidades ao máximo (...)” (Ent. F 2).

Este testemunho remete para a perspetiva de análise da prática do voluntariado missionário enquanto contexto privilegiado de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. O experienciar uma ação voluntária missionária em países longínquos e com culturas diferentes, onde impera a privação material, obriga o voluntário missionário a rentabilizar ao máximo as suas potencialidades, não tanto para seu proveito, mas sim para a mobilização da ação em função do bem-estar do outro. As suas virtudes são exploradas. É resiliente. Aprende a enfrentar as adversidades, o que lhe permite obter uma maior confiança em si próprio. “Não tem impacto

nenhum. Até porque quando as pessoas elogiam, sinto-me um pouco mal, porque parece que estou a trair os verdadeiros heróis e é uma coisa que tenho de aprender, que é a lidar com esse elogio”. (Ent. M 1).

Quando iniciámos esta análise, procurámos identificar alguns traços de um perfil identitário do voluntário missionário. Agora que nos encontramos na reta final da análise, o testemunho deste entrevistado permite-nos acrescentar mais um daqueles traços: a humildade. O voluntário missionário é humilde pois a dádiva que embasa toda a relação social estabelecida não espera um retorno de índole pessoal e não tem pretensões de autoritarismo. A maior retribuição da dádiva, na prática do voluntariado missionário, é deixar em aberto o caminho do outro, no seu processo de desenvolvimento. É induzir caminhos para traçar projetos de vida: não os constrói, apenas traça os caminhos possíveis em conjunto com as populações locais. A maior dádiva é esta: traçar o caminho e deixar que cada um construa o seu projeto de vida, obedecendo a uma postura de humildade que respeita a liberdade de cada um.

7. IMPACTO DA EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO NA COMUNIDADE DE ACOLHIMENTO

Uma das vertentes de investigação que carece de maior aprofundamento na segunda fase deste estudo é aquela que diz respeito à análise do impacto da ação voluntária missionária na comunidade de acolhimento. Todavia, numa primeira abordagem exploratória, introduziu-se no guião de entrevista, esta categoria considerando-a a partir dos seguintes indicadores de análise: a) as mudanças ocorridas no ambiente físico e infraestrutural, ambiente social, ambiente educativo, ambiente cultural e ambiente económico; b) as formas de avaliação das mesmas. Para nós, estes indicadores são indissociáveis na medida em que partimos do princípio de que não há impacto local visível da ação voluntária missionária se não houver uma avaliação (rigorosa) da mesma.

7.1. Mudanças ocorridas (ambiente físico e infraestrutural, ambiente social, ambiente educativo, ambiente cultural, ambiente económico)

O ambiente físico, pouco. Mas em termos de infraestruturas humanas e do ambiente social, educativo, cultural e económico mudaram. Porquê? Porque pusemos uma data de gente a fazer coisas que pensava que não era capaz de fazer. Um exemplo: o projeto de apadrinhamento à distância, em que são cinco pessoas que estão envolvidas nesse projeto e são cinco pessoas que há quatro anos atrás nunca imaginaram que, neste momento, o trabalho delas seria decisivo para mudar a vida de cerca de 70 crianças, que é quantas temos apadrinhadas agora. E que o trabalho delas, que é de gestão... (...)... mas é um trabalho decisivo e elas estão a mudar a vida de 70 crianças que se alimentam, que vão à escola e que têm material escolar graças a esse projeto. (Ent. M1).

O discurso em causa possibilita uma leitura bastante positiva do impacto causado, na comunidade de acolhimento, pela ação voluntária missionária. Embora, de acordo com o entrevistado, as mudanças ocorridas ao nível do ambiente físico tenham sido poucas, por outro lado, verifica-se um impacto significativo no que concerne ao ambiente social, educativo, cultural e económico. O entrevistado refere-se, com particular interesse, a um projeto de apadrinhamento à distância que possibilitou a 70 crianças uma alimentação melhor, a aquisição de material escolar e, fundamentalmente, a escolarização. É sabido que intervenção por via do voluntariado missionário possibilita mudança nas variáveis contextuais e humanas no terreno da missão. A mudança social acontece quando se alteram as estruturas básicas que compõem um grupo social ou uma sociedade. E pode ocorrer quando se verificam transformações observáveis e mesmo em períodos de tempo curtos.

Eu acho que isso é a principal mudança, é que o voluntariado é uma relação de duplo poder. Dá poder a quem é beneficiado pelo voluntariado e dá poder ao próprio voluntário que está a fazer a mudança acontecer e se calhar antes não sabia que era capaz disso. (Ent. M1).

A mudança deve surgir coletivamente e de forma participada. Envolver as populações locais e explicar-lhes os benefícios de novas configurações de futuro constitui uma prática de intervenção social democrática. Neste sentido, o entrevistado refere-se a um duplo poder, o poder do voluntário missionário, ao nível das suas competências, que se descobre como

interventor que pode provocar a mudança e o poder de “devolver” às comunidades locais o poder de construir, em conjunto, um futuro. A ação voluntária missionária incorpora-se, desta forma, na vida das comunidades locais e espera a maturação da retribuição deste investimento, consubstanciada numa autonomia dos sujeitos locais capazes de conceberem e construírem o seu futuro. De uma forma resumida, denomina-se mudança social¹³ a transformação observável no tempo, que afeta, de uma maneira que não seja provisória, a estrutura ou o funcionamento da organização social de uma dada coletividade e modifica o curso da sua história. Nesta dinâmica, verifica-se uma interrelação entre o plano social e o plano cultural, de modo que, quando falamos em mudança social, estamos, simultaneamente, a falar em mudança cultural. Embora ligadas, podemos distinguir as duas: a mudança social será a transformação inerente às relações entre as pessoas, ao passo que a mudança cultural envolve meios materiais, técnicos, ideias, usos e costumes. Quase todas as mudanças envolvem aspetos sociais e culturais.

Dito isto, fica claro que a ação voluntária missionária chama a si uma forte responsabilidade cívica ao assumir uma função estratégica ao nível da mudança nas comunidades de acolhimento:

13 Na análise da mudança social, podemos, a título de exemplo, seguir a linha de pensamento de Guy Rocher (1989). Assim, quando nos referimos à mudança social devemos ter em linha de conta o seguinte:

- trata-se de um fenómeno coletivo, de modo a implicar uma coletividade ou um setor apreciável desta; deve afetar as condições e/ou as formas de vida;
- deve ser uma mudança da estrutura, de modo a ser possível observar uma modificação da totalidade ou de certos componentes da organização social;
- supõe a possibilidade da sua identificação no tempo. Pode dizer-se que é a partir desse ponto de referência que houve mudança e o que é que mudou;
- toda a mudança tem que dar provas de uma certa permanência; as transformações observadas não devem ser efémeras ou superficiais.

A missão para onde nós fomos estava fechada, porque não há padres, não há freiras, quer dizer, não há gente da Europa a ir para as missões. (...) Começou a haver infraestruturas, começou a haver internato, podemos acolher mais alunos, fizemos campos de futebol, fizemos capelas, fizemos obras que reabilitaram coisas destruídas pela guerra civil de Moçambique, que durou até 1992. (...) O ambiente social, acho que muda alguma coisa porque o testemunho de família para nós muda, por exemplo, o homem lá não toma conta das crianças. Hoje os homens é que mudam as fraldas dos filhos, portanto isto também mudou, hoje em dia os homens também já ajudam bastante a mulher em casa e vice-versa, não é? (Ent. F 2).

O contacto das populações locais com os voluntários missionários facilita-lhes o acesso a outros padrões de vida, que, por vezes, são aculturados por aquelas populações. Referimo-nos, por exemplo, e tendo como base de análise, nos testemunhos dos nossos entrevistados, às alterações produzidas nas relações de género e visíveis em tarefas quotidianas como é a partilha das tarefas domésticas. Convém referir que alguns dos voluntários missionários que partem em missão são casados entre si, o que possibilita às populações locais terem contacto com outras formas de vida conjugal e familiar.

O voluntário missionário tem que ser preparado, numa perspetiva educativa, para “transportar” com seriedade e dignidade a sua cultura de origem. O ser humano é um ser eminentemente social e aprende, também, no encontro intercultural. A mudança social não se opera somente ao nível das infraestruturas ou dos recursos materiais mais variados; a mudança acontece simultaneamente ao nível das mentalidades, numa perspetiva que se quer orientada para o desenvolvimento pessoal e local. O

caminho para a autonomia passa pelas mudanças socioculturais. É nesta encruzilhada de caminhos que se constrói a cidadania.

Em termos, talvez, de ambiente também educativo, quando dei aulas, acho que sim, acho que também se notou impacto no sentido da relação que estabelecia com os alunos, mais além do que os conhecimentos que estava a transmitir, mas de proximidade com eles, de os questionar sobre uma série de coisas mais do que debitar e ditar conhecimentos, mas de, a par disso também, lhes levantar certas questões mais universais e mais transversais enquanto cidadãos e não só enquanto alunos. (Ent. F 1).

O desenvolvimento das comunidades é um processo contínuo e inacabado, tendência que provavelmente jamais atingirá um estágio de perfeição. Trata-se de um processo permanente, moroso e, fundamentalmente, construtivo. É uma matéria em que, por vezes, não há certezas, apenas intuições e propostas de valor. A única certeza que existe é que se trata de um longo trajeto. E este processo deverá ser realizado de acordo com as especificidades territoriais locais. A ação missionária voluntária constitui, seguramente, um *start-up* fundamental na mobilização das populações locais para este processo.

Em investigação, não existem ideias verdadeiras ou falsas e, por isso, o levantamento de informação que a realização de entrevistas de histórias de vida proporcionou possibilitou um conjunto de dados nem sempre homogêneo. Neste sentido, não poderíamos deixar passar em claro o testemunho de um dos nossos entrevistados, referindo-se ao impacto da ação voluntária missionária. Na opinião deste entrevistado, algumas instituições investem muito, mesmo do ponto de vista financeiro, nos seus

voluntários para que estes se desloquem por períodos de tempo muito curtos. Na sua opinião, esta alternância entre voluntários não justifica o investimento, pois não assegura a efetiva continuidade dos projetos, de acordo com a informação analisada. Devemos encarar este testemunho como um alerta positivo e, sobretudo, construtivo para a necessidade de se proceder a uma avaliação mais eficaz dos projetos em curso e da situação de voluntariado missionário. “Impacto das experiências de voluntariado missionário, na comunidade de acolhimento relativamente às mudanças ocorridas, como ambiente físico, estrutural, ambiente social, ambiente educativo, cultural, económico, através da sua intervenção... A minha resposta sincera e dura é... nada! ...” (Ent. M 2).

7.2. Formas de avaliação das mesmas

No final do século XX, os avaliadores reconhecem que, do ponto de vista teórico, a avaliação se tornou mais integrada nas suas componentes operacionais e evoluiu de uma dimensão monolítica para uma dimensão pluralista (múltiplos métodos, critérios, medidas, perspetivas, audiências, interesses, etc.) e, politicamente, abandonaram as posições ingénuas de crença na neutralidade, dando-se conta de que a avaliação tem efeitos políticos.

(Guerra, 2000, p. 181).

Os dados recolhidos através de um processo de avaliação, por si só, nada representam: torna-se necessário *interpretá-los*. A avaliação não deve ser vista apenas numa perspetiva tecnicista, pois integra-se num processo, numa lógica de investigação e ação e envolve um padrão científico e um determinado quadro político-ideológico. O processo de avaliação, para

ser completo, deve, igualmente, combinar aspetos quantitativos e aspetos qualitativos. Na verdade, avaliar implica julgar e, nesse sentido, a avaliação é muito pertinente para aqueles que têm como função ajuizar a manutenção ou o corte de programas e respetivo financiamento. Assim, a avaliação deve gerar informação que permita uma maior racionalidade na tomada de decisões.

Sendo a nossa postura investigativa, também ela, pautada pela humildade, gostaríamos de referir que a avaliação deve ser entendida como um processo de aprendizagem, tratando-se de um instrumento de reflexão e de racionalização face a contextos e a resultados da ação (e uma forma de investigação coletiva permanente), que envolvem necessariamente as comunidades, os voluntários missionários e os investigadores que se debruçam sobre esta temática. Assim, a avaliação deve constituir-se como um momento de reflexão (e de ação) dos diferentes parceiros sobre as causalidades dos problemas e efeitos das ações, bem como sobre as decisões à cerca da melhor forma de agir: torna-se um mecanismo de investigação-ação e de aprofundamento da democracia participativa através de uma atuação coletiva.

É muito a autoavaliação de resultados que se vão atingindo ou de resultados que se projetam, porque são coisas que demoram a ver e é muito humano, pessoal, de a pessoa perceber como é que está motivada, se está animada ou não, se está desanimada, a gestão do tempo...é muito essa autoavaliação quase permanente. (Ent. M 1).

A autoavaliação constitui uma das modalidades existentes de avaliação. É fundamental que aconteça, no sentido de promover eventuais ajustamentos e favorecer o desenvolvimento na atuação do voluntário missionário.

Contudo, devemos ter em consideração que não é a única modalidade de avaliação. Isabel Guerra, por exemplo, apresenta tipologias de avaliação em função de quem realiza a avaliação. Nesta linha de análise, temos a autoavaliação, realizada pela equipa que executa a ação, embora possa ter apoio externo; avaliação interna, no contexto da organização gestora do projeto, mas com distanciamento da equipa de execução; a avaliação externa, realizada por pessoas estranhas à organização e, por fim, a avaliação mista, que combina os anteriores tipos de avaliação (Guerra, 2000). O discurso proferido pelos nossos entrevistados e por nós analisado deixa antever uma relativa informalidade e até espontaneidade no que concerne ao processo de avaliação.

As formas.... muito é o conhecimento do terreno. Mesmo que o conhecimento não esteja sistematizado e não seja sistemático. Outras vezes são relatórios que nós fazemos [...] no interesse em quererem que os leigos façam parte daquele projeto, nas relações que se estabelecem, acho que isso também é uma forma de avaliar e naquilo que pedem para terem leigos concretamente, para intervirem nessa ou naquela área [...] A própria O. L. D. tem dois níveis de acompanhamento, assim, grosso modo, dos seus trabalhos, dos seus voluntários no terreno. Um é a visita do gestor do projeto, do seu secretariado executivo, que é anual, para cada voluntário e a outra é o acompanhamento espiritual, que aí é já mais medir como é que está o voluntário, em termos de integrar-se como pessoa no terreno. E depois temos também avaliações dos parceiros e da própria Diocese, e do próprio Bispo, de quererem lá leigos. (Ent. F 1).

O depoimento deste entrevistado possibilita-nos o acesso a formas de avaliação da ação voluntária missionária. A avaliação é conseguida em função do conhecimento que o próprio voluntário missionário tem do terreno. São realçados os relatórios periódicos realizados, quer trimestralmente quer anualmente. O contacto permanente com a comunidade, fundamentalmente através de reuniões, constitui igualmente uma outra forma de obter *feedback* avaliativo sobre o curso dos projetos. Envolvem-se alguns parceiros dos projetos na sua avaliação, os quais emitem pareceres. O depoimento destaca ainda a visita anual do gestor do projeto e do secretariado executivo da O.L.P.D. para avaliação do projeto, assim como para acompanhamento espiritual do voluntário. Como já ficou dito anteriormente, as análises das entrevistas realizadas possibilitam apenas uma visão parcelar e redutora da realidade. Nos discursos analisados não ocorrem referências face a procedimentos de registo da avaliação.

Da cooperação do desenvolvimento do terreno não há, ou há muito poucos na educação... há porque nós fomos ver o número de jovens que participaram... e o número de jovens... e nós tentamos fazer o gasto [...] de pagos pelo número de jovens, que depois de terem participado continuaram a fazer voluntariado cá regularmente, por exemplo ou mudaram a sua atitude e a sua forma de participação na sociedade. (Ent. M 2).

8. VOLUNTÁRIOS MISSIONÁRIOS: IR E VOLTAR

Quando pensámos nos voluntários missionários, equacionámos de imediato a sua partida para os países de acolhimento. Torna-se igualmente importante refletir sobre o momento do seu retorno. De facto, o que sentem os voluntários missionários aquando do seu regresso ao país de origem? Sentem algum tipo de dificuldade em termos de adaptação?

...dimensão importante que tem a ver com o momento, imediatamente após a chegada e penso que é muito importante esse momento, porque é um momento de profunda introspeção e de mudança. As pessoas podem... voltar de lá chocadas... em primeiro lugar, quando se prende com a saúde, os voluntários assumiram alguma responsabilidade (...) é importante acompanhá-los de alguma forma, e... de alguma forma dar algum apoio. Senão podem entrar em crises, eventualmente, levar até à depressão... (Ent. M 2).

O momento de retorno pode ser marcante na vida do voluntário missionário. Tendo saído do seu país de origem, viveu num mundo culturalmente diferente do seu, sentiu, por vezes, a privação material, mesmo no que concerne às necessidades básicas. Ao voltar, sente necessidade de proceder a uma nova adaptação. Traz frequentemente consigo memórias das necessidades e das dificuldades por que passou. Viu situações e realidades a que não estava habituado. O apoio, à chegada, torna-se fundamental. A análise dos testemunhos dos nossos entrevistados permite afirmar que a experiência da prática do voluntariado missionário constitui uma aprendizagem constante. O *ir e voltar* são dois momentos cruciais em que são realizadas novas aquisições, o que exige, da parte do voluntário missionário, uma forte capacidade de resiliência.

Podemos dizer uma coisa... existem dois verbos, que é fazer voluntariado ou... ser voluntário. Há pessoas que vão lá fazer voluntariado. Eu faço, ou seja, entro numa sala, sou professor naquele momento, mas cá fora vou a festas, bebo com os amigos... ser voluntário, nesse aspeto, acho que há uma identificação [...] Sim, nós, quando chegámos, tivemos que nos adaptar a coisas diferentes, tivemos que nos adaptar a viver numa casa fechada, a viver sem missão, portanto, de repente passamos de 24 horas de missionário, a passar a nunca ser missionário. (Ent. F 1, 2).

Este testemunho aponta para uma distinção que, a nosso ver, parece ser fundamental na prática do voluntariado missionário. O fazer voluntariado e o ser voluntário assumem-se como situações diferentes neste discurso. Ser voluntário é diferente de fazer voluntariado. Ser voluntário constitui uma nova postura humana. Assim o entendem outros entrevistados:

Se é difícil a gente chegar a uma missão e começar a adaptar-nos a um trabalho que vamos cheios de vontade de fazer, é muito mais difícil chegarmos e de repente não termos nada para fazer: sentimo-nos completamente inúteis e é preciso ter uma grande capacidade de resiliência. (Ent. F 2).

Sou voluntária 24 horas por dia, está tudo dito. Por muito que eu tenha dificuldades no trabalho, por muito que eu tenha dificuldades nos projetos, é o meu compromisso, cabe-me a mim arranjar estratégias, pedir colaboração da minha comunidade, pedir colaboração de outras pessoas no terreno, pedir colaboração ao secretariado executivo, para tentar ultrapassar... (Ent. F 1).

Para os nossos entrevistados, a experiência do voluntariado missionário assume-se como uma postura de vida. Não se trata apenas de um ou mais momentos de vida. Trata-se, sim, de adquirir uma nova forma de estar na vida. O voluntário missionário parece incorporar o *outro* de tal modo que sente necessidade de voltar, novamente, a exercer a prática do voluntariado missionário.

A motivação para a prática do voluntariado missionário assume-se como uma aprendizagem constante. O lema que orienta a relação de dádiva podia ser, pois, *ir e voltar*.

VI

CONCLUSÕES DO ESTUDO

A) CRUZAMENTO DOS DADOS EMPÍRICOS COM OS REFERENTES TEÓRICOS

Como os números o confirmam, a Rede de Voluntariado Missionário, coordenada pela FEC, é constituída por um conjunto cada vez mais vasto de pessoas qualificadas, disponíveis e motivadas para intervenções em locais exigentes do ponto de vista humano e relacional, sociocultural, técnico e ético. A análise interdisciplinar desta realidade complexa e desafiadora levada a efeito com este estudo, adotando a noção de dádiva como ótica preferencial de análise, permitiu compreender muitas variáveis da relação interventiva estabelecida pelo voluntário missionário na sua atuação no terreno. Os inquéritos por questionário aplicados aos voluntários missionários e às suas organizações, deixando falar as vozes desses voluntários através das histórias de vida, permitiram, sobretudo perscrutar as motivações para a ação de cada um na hora da partida e confrontá-las no momento do regresso da missão.

De entre as muitas motivações dominantes, destacam-se primeiramente os princípios da *gratuidade e da liberdade* dos voluntários missionários. Se, na ação voluntária, os princípios de gratuidade e de liberdade são imbuídos de uma intencionalidade – estabelecimento de relação com o outro, compromisso com a justiça social, promoção da vida e autonomia de todos os seres humanos –, é necessário desenvolver uma planificação e programação da intervenção do voluntariado missionário, como forma de estruturar a ação, dotando-a de eficácia. A prática da relação de dádiva não é incompatível com uma ação planificada. Pelo contrário, o estabelecimento de uma relação de qualidade com o outro é determinante para a eficácia e efetividade da própria ação do voluntário, como já anteriormente referido. A dádiva manifesta-se, assim, como uma noção aberta, desenvolvendo e salientando as competências de cada um. Podem ser exemplificadoras as situações

em que, ao se fazer face a um imprevisto, se promovem simultaneamente evoluções individuais. Aprende-se, desta forma, a construir a noção de dádiva, observando-se uma evolução na construção do significado dado ao gesto da doação e à própria ação.

Num segundo momento, embora sem subalternização, surgem a *aprendizagem e o desenvolvimento pessoal e social* como motivações fundamentais na hora da partida dos voluntários e reconhecidos/identificados, pelos próprios, à chegada. Na verdade, o facto de se querer viajar e conhecer novas realidades é apontado como uma situação recorrente por parte dos entrevistados. A motivação para a *pertença social* constitui uma dimensão que apresenta, igualmente, relativa regularidade nos discursos analisados, assim como o desejo de conhecer outros povos e outras culturas. A possibilidade de contactar com novas situações sociais faz dos voluntários missionários agentes sociais que procuram um sentimento de pertença no interior de uma comunidade, face a uma organização e/ou ligado a uma causa. Esta situação, desde logo nos remete para a relação de dádiva subjacente à ação social voluntária missionária.

Devemos salientar que as motivações para a prática do voluntariado missionário, uma vez consciencializadas, não são definitivas, mas vão-se alterando em função da própria experiência vivida no terreno pelo voluntário missionário. Elas próprias, as motivações, constituem também objeto de aprendizagem. Os dados recolhidos apontam para uma certa *evolução das motivações mais centradas em si mesmo para motivações mais altruístas*, resultantes da relação estabelecida com o outro e da interpelação-reconhecimento que este(s) lhe proporciona(m). Este reconhecimento pode ser considerado de tal maneira importante que os voluntários desejam repetir a experiência

de voluntariado realizada. Nestes casos, as motivações fundamentais que levam os voluntários a partir novamente são maioritariamente de natureza heterorreferenciada, portanto, descentradas do voluntário e centradas no outro.

As motivações heterorreferenciadas alimentam-se de uma grande *liberdade interior*: as pessoas envolvem-se porque querem (constatado na forma informal como são “recrutados” ou se oferecem espontaneamente), não há nada que as obrigue, concorrendo para isso alguns fatores clarificadores e predisponentes dessas mesmas decisões como, por exemplo, a autonomia financeira de que muitos voluntários gozam antes da partida. Uma vez no terreno, a gratuidade da dádiva implicada na ação indicia que aquela não procura a igualdade ou a mera equivalência. Na verdade, a contradádiva depende da relação que se estabelece. Assim, confirma-se o que compreendemos através dos dados dos inquéritos sobre as motivações e as histórias de vida: que a dádiva é vivenciada como gratuita no sentido em que, no momento em que é realizada, não se traduz, na maior parte das vezes, num resultado “palpável” que obedece a um mero cálculo utilitarista. Na base da dádiva, está um movimento livre do eu em direção ao outro. Liberdade que abre espaço à espontaneidade e à criatividade. Quando, no terreno, os voluntários manifestam abertura à novidade e à aprendizagem, são motivados por razões altruístas na sua ação e estabelecem relações de dádiva como característica preferencial na construção do vínculo social com os outros, a quem se sentem enviados. Verificamos, desta forma, que a relação de dádiva expressa e caracteriza a ação-tipo realizada no voluntariado missionário.

Sobressai ainda deste estudo a ideia de que os voluntários vivenciam uma *reciprocidade assimétrica* com o outro no estabelecimento do laço social, onde o que está em jogo não é uma relação baseada no valor de

uso (utilitarista) ou valor de troca (económica), mas uma outra, baseada na troca simbólica, uma vez que tudo o que circula acontece ao nível da relação e do sentido atribuído entre as pessoas em relação. A rede de trocas simbólicas estabelecida pelo voluntário missionário – não obstante visar a intervenção eficaz no terreno – alimenta, antes de tudo, um sistema de dádiva tecido pelos laços e vínculos de uma sociabilidade baseada na reciprocidade e não no pragmatismo utilitário do valor de uso ou valor de troca de um objeto, gesto ou serviço. Nesta relação, estabelece-se uma “dívida mútua positiva” que atua ao nível da retribuição e expressa que aquilo que cada um recebe é sempre mais ou diferente do que aquilo que cada sujeito expectava ou investiu inicialmente. Esta constatação confirma a presença do “excesso de dom” que atua no âmago da relação de dádiva. Nesta ótica, o voluntariado, autocomprendendo-se a partir de uma lógica de dádiva, tem todas as potencialidades para não criar relações de dependência para com aqueles a quem se sente enviado. Um voluntariado que se pretende missionário do ponto de vista da gratuidade encontra, nesta ideia de reciprocidade assimétrica, o seu grande motor.

Fruto da relação de dádiva estabelecida no terreno, os voluntários sentem-se pessoas diferentes e mais resilientes após o regresso, aprendendo a enfrentar as dificuldades, a ter mais confiança e a superarem-se a si próprios. A ação voluntária evidencia-se, assim, como um fator de desenvolvimento de múltiplas competências do voluntário. O estabelecimento de um *perfil do voluntário missionário* constitui um elemento fundamental para as Organizações promotoras de voluntariado missionário. O desenho de um perfil permite identificar e definir os requisitos essenciais, de natureza pessoal, de natureza profissional e de natureza social para a prática da ação voluntária missionária. Trata-se de uma tarefa árdua e de difícil alcance. No entanto, o estudo realizado possibilitou a identificação

de alguns traços identitários de um potencial perfil de voluntário missionário. Esta tarefa pode estar facilitada se levarmos em conta o que os dados revelam: que os voluntários missionários são maioritariamente mulheres, embora a representatividade masculina tenha vindo a ganhar terreno nos últimos anos; são pessoas com habilitações académicas elevadas e exercem profissões marcadas pela relação com o outro e pelo cuidado a prestar ao outro, nomeadamente profissionais ligados às áreas sociais, da educação e da saúde.

Consideramos este estudo como uma primeira aproximação à construção de um potencial perfil identitário do voluntário missionário, pois defendemos a ideia de que a construção das competências do voluntário missionário é uma história social a construir continuamente, quer ao longo do tempo quer em função da diversidade de contextos de intervenção. As histórias de vida realizadas não esgotam a complexidade da realidade social analisada. Assumindo-se como uma visão parcial sobre a mesma, possibilitaram, porém, o levantamento de um conjunto de competências necessárias a mobilizar para a prática da ação voluntária missionária. Aceitando que o trabalho do voluntário missionário, numa ótica de dádiva, é prioritariamente uma relação-para-o-vínculo (social) numa intervenção que se quer eficiente, reside aqui, a nosso ver, a *competência âncora* do voluntariado missionário. Uma relação aberta ao exterior e assente na relação de dádiva, na qual a dimensão educativa e de aprendizagem recíproca constituem uma constante.

A flexibilidade no trabalho e a capacidade de, de modo imediato, fazer face ao imprevisto, constituem uma dimensão transversal nos discursos analisados. São de destacar ainda outras competências, tais como: a capacidade de adaptação a situações novas e a condições adversas; a tolerância e a compreensão face ao outro; a capacidade de estabelecer a relação com

o outro, que, desde logo, é culturalmente diferente. A disponibilidade, a humildade e a capacidade para a mudança ocorrem com frequência nos discursos analisados como competências fundamentais a mobilizar pelo voluntário missionário.

No que concerne a características pessoais do voluntário missionário, os entrevistados destacam a capacidade de autoformação no sentido da construção de si próprio. Ou seja, a prática do voluntariado missionário, em função dos contextos encontrados, pode fazer emergir características pessoais que o voluntário missionário desconhecia possuir, até então, ou fazer desenvolver novas competências em resultado da relação que estabelece com o outro. A experiência do voluntariado missionário constitui uma descoberta e uma aprendizagem constantes.

A noção de compromisso forte e seguro na promoção da vida e da autonomia do outro surge, nos discursos analisados, como uma preocupação constante por parte dos voluntários missionários. Este compromisso com a situação do outro leva, muitas vezes, a que o voluntário missionário se supere a si próprio. A noção de dádiva emerge e constrói-se na relação com o outro, aciona o ato de entrega e não espera, necessariamente, uma retribuição, embora ela aconteça, fruto da dinâmica relacional estabelecida e, muitas vezes, por “excesso” (de dom).

Como referido anteriormente, os voluntários missionários são pessoas fortemente motivadas para a ajuda ao outro. Como os dados revelam, esta motivação é, na maior parte dos casos, influenciada pela socialização familiar do voluntário missionário e pela sua vivência da fé cristã. As referências às vivências familiares assim como à participação do voluntário missionário em atividades pastorais, ao longo da sua vida, são regulares nos discursos analisados. Normalmente, o voluntário missionário provém de famílias que, direta ou indiretamente, se encontram ligadas

a uma matriz familiar alimentada por um conjunto de comportamentos promotores da pessoa e de sensibilidade social. Questionados sobre eventuais diferenças entre ser voluntário e ser voluntário missionário, os entrevistados apontam distinções pertinentes entre as duas modalidades. Embora reconheçam que existe uma capacidade de entrega em ambas, a maioria dos voluntários missionários tem motivações cristãs para a sua atuação, encontrando, no “excesso de dom” de Jesus Cristo, o seu paradigma de relação/atuação.

No que diz respeito às instituições que enviam voluntários, e a julgar pelo número exponencial de voluntários enviados nos últimos anos, as organizações projetam uma grande atratividade junto destes, que as identificam como mediadoras privilegiadas e credíveis para uma experiência missionária a realizar no estrangeiro. A sua credibilidade é sublinhada pela forma espontânea como uma boa parte dos voluntários chega a estas instituições (pela motivação intrínseca que os habita ou por influência familiar ou de amigos), mas também fruto de uma pastoral já razoavelmente organizada. Evidenciam assim, uma grande atratividade na captação dos recursos necessários à prossecução dos seus objetivos, como as doações e a angariação de fundos testemunham. Todavia, há que indagar se a falta objetiva de dotações de origem estatal ou provenientes do mecenato se deve a ausência de políticas ativas para o desenvolvimento ou à inabilidade das próprias organizações em captar tais recursos. A pertinência destes recursos é tanto maior quanto este estudo confirma que existem áreas de atuação e projetos bastante solidificados no terreno, tendo vindo a ganhar relevo, nos últimos cinco anos, três áreas prioritárias: o desenvolvimento comunitário; a educação-alfabetização-formação e o apoio à saúde. Do ponto de vista da sustentabilidade dos projetos em curso no terreno de intervenção dos voluntários, os resultados dos

inquéritos confirmam que é graças à existência das organizações nos locais de intervenção que a ação de voluntariado se prolonga e se efetiva, permanecendo o impacto real da ação do voluntário no período da sua estadia ainda por apurar em toda a sua extensão.

B) RECOMENDAÇÕES À FEC E ÀS INSTITUIÇÕES QUE ENVIAM VOLUNTÁRIOS MISSIONÁRIOS

Os dados recolhidos no presente estudo permitem sugerir recomendações de melhoria a introduzir no âmbito do voluntariado missionário, quer às organizações de envio de voluntários missionários, quer à FEC, enquanto organização coordenadora da Rede de Voluntariado Missionário.

À luz dos depoimentos recolhidos, os dados recolhidos sobre o contexto organizacional que envolve o processo de promoção do voluntariado missionário permitiu situar, em termos de teoria e análise organizacional, as Organizações em questão como sendo fundamentalmente *cognitivas e humanas*. São fortemente marcadas pela espontaneidade e pela informalidade dos processos e procedimentos, por exemplo, ao nível da seleção, do recrutamento e da formação dos potenciais voluntários missionários. Verificámos, face a este nível de análise, a necessidade de se proceder a uma maior racionalização das práticas organizacionais de gestão de recursos humanos e da conceção e gestão da formação. Note-se que se verifica uma heterogeneidade de situações, quer no que respeita ao envio de voluntários missionários, quer no que concerne à prática do voluntariado missionário. A questão da disponibilidade temporal assume aqui uma importância fundamental.

Tendo sido convidadas a enumerar os resultados de curto (até 1 ano), médio (até 3 anos) e longo (mais de 3 anos) prazo alcançados no terreno, 2/3 das instituições não conseguiram identificar, quantificar ou descrever

tais resultados. Desta forma, recomenda-se que as instituições estabeleçam objetivos claros e indicadores de concretização mensuráveis (nas diversas dimensões pessoais e sociais, da intervenção) para que possa haver uma gestão de recursos mais eficiente e uma avaliação dos resultados que introduza a consciência de realização e de satisfação em todas as partes envolvidas.

Recomenda-se ainda que as organizações saibam recolher e valorizar a experiência adquirida pelos voluntários no terreno quando regressam e a usem para o seu próprio desenvolvimento e na comunicação interna e externa.

O estudo demonstrou que os voluntários são pessoas qualificadas e motivadas, mas que nem sempre a formação preparatória que antecede o envio vai ao encontro das necessidades do terreno de intervenção, o que pode ter como consequência que as competências técnicas dos voluntários não sejam cabalmente aproveitadas nos projetos no terreno. Recomenda-se, assim, que o voluntário missionário, quando parte em missão, se encontre munido de um diagnóstico de situação sólido e rigoroso acerca da realidade que vai encontrar. Este procedimento poderia possibilitar uma maior eficácia da ação social voluntária assim como permitiria uma continuidade mais concertada dos projetos no terreno. Para que tal seja possível, as instituições poderão adotar a metodologia do trabalho/ciclo de projeto como instrumento privilegiado, avaliando ainda metodológica e objetivamente o progresso das ações em curso nas comunidades de acolhimento.

No âmbito da metodologia do trabalho de projeto, chama-se a atenção para uma outra necessidade apontada pelos entrevistados: a de avaliar metodologicamente o progresso dos projetos em curso nas comunidades de acolhimento, no sentido de estabelecer um guião de trabalho mais rigoroso e de assegurar uma melhor continuidade do mesmo, em termos de ação voluntária missionária. Esta constitui uma das expressões do

trabalho social e, como tal, implica uma maior racionalização na passagem de testemunho entre os voluntários missionários, de modo a que se proceda à otimização dos resultados.

Grande parte da ação voluntária missionária encontra-se marcada pela espontaneidade e informalidade dos diversos procedimentos. Seria pertinente, face a esta situação, integrar, no plano de formação que antecede a partida dos voluntários missionários, o reforço de alguns aspetos da Metodologia do Trabalho de Projeto, assim como alguns princípios básicos do Desenvolvimento Local, nomeadamente no que concerne à apreensão do território e à aprendizagem da relação com o outro que, naturalmente, se encontra tocada por um certo etnocentrismo social e/ou de classe. “Na minha primeira experiência, eu ia com pouquíssima formação, porque fomos para um sítio novo, onde nunca tinha lá estado antes, portanto, a nossa preparação, eu diria que, foi muito, muito longe daquilo que lá, que lá era necessário (...)” (Ent. M. 2).

As Histórias de Vida recolhidas, o contacto estabelecido com algumas organizações e a informação veiculada pelos inquiridos deixam transparecer que as organizações vivem o processo de envio dos voluntários (recrutamento, formação, ação no terreno e regresso) de uma forma bastante implicada, mas ainda bastante espontânea e intuitiva, frequentemente centrada na liderança de uma pessoa singular da organização promotora. Recomenda-se, por isso, que a FEC, entidade que coordena, em Portugal, a Rede de Voluntariado Missionário, possa disponibilizar formação às lideranças das organizações e que esta formação permita trabalhar um duplo objetivo: por um lado, ajudar a introduzir princípios mais racionalizadores e criteriosos nos procedimentos a adotar nestas organizações, no que ao processo de recrutamento, seleção e envio dos voluntários diz respeito; por outro lado, e salvaguardando a indispensável originalidade

de cada organização, poderá ser do interesse das próprias organizações elaborar e consensualizar um perfil mínimo de voluntário missionário a trabalhar com os candidatos, salientando as características e as competências fundamentais a adquirir antes da sua partida em missão.

C) PROPOSTA DE UMA SEGUNDA FASE DO ESTUDO: INDICADORES DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA PASSÍVEIS DE ANÁLISE EMPÍRICA

O estudo que agora se disponibiliza constitui, a nosso ver, uma primeira e necessária abordagem ao fenómeno do voluntariado missionário. Sendo um estudo eminentemente exploratório, a sua importância sairá tanto mais reforçada quanto este mesmo estudo for secundado por um outro que lhe identifique os “ganhos” efetivos obtidos pela intervenção do voluntário no terreno durante a sua estadia. Dito de outra forma, este estudo carece de um outro que avalie o impacto a curto, médio e longo prazo da ação voluntária missionária, quer do ponto de vista dos efeitos “visíveis”, quer do ponto de vista mais simbólico, de forma imediata ou diferida no tempo (lembre-se, a propósito, que a relação de dádiva constitui, antes de mais, uma mediação simbólica).

Assim, propõem-se um conjunto de dimensões e categorias de análise que carecem de elaboração de indicadores de impacto no terreno mais detalhados. Alguns exemplos:

O presente estudo permitiu “mapear” e organizar as áreas de atuação preferenciais levadas a efeito pelas organizações no terreno, ao longo destes anos. Todavia, torna-se necessário encontrar indicadores claros e objetivos que permitam avaliar a eficácia das intervenções realizadas no terreno em cada uma das áreas consideradas (educação, alfabetização, formação; saúde; promoção humana; infraestruturas; desenvolvimento

comunitário; disponibilização de recursos materiais e financeiros). Estes indicadores devem ser estruturados a partir das informações obtidas através de um conjunto vasto de fontes e protagonistas, tais como de registos provenientes das instituições no terreno, as comunidades-alvo de intervenção e ainda complementadas com os relatos que resultam das experiências dos voluntários missionários.

O impacto da ação voluntária missionária nas comunidades de acolhimento pode ser verificado nas diferenças existentes no terreno antes e depois da presença do voluntário missionário. Questionados sobre este aspeto, os nossos entrevistados referiram mudanças objetivas ocorridas do ponto de vista material, educativo, cultural e até económico. Seria importante sistematizar e verificar estas alterações, de modo técnico e científico, procurando, desta forma, ultrapassar a mera perceção individual do voluntário missionário, uma limitação natural deste primeiro estudo. Por isso, numa segunda fase, seria de todo conveniente entrevistar também os autóctones e as pessoas-líder dos projetos que, de facto, permanecem no terreno, com o objetivo de analisar fatores determinantes e materialmente relevantes dessa transformação. Tal análise permitirá clarificar se houve uma apropriação efetiva da dinâmica dar-receber-retribuir própria da relação de dádiva e até que ponto esta é reproduzida e partilhada na experiência e vivência com os outros, explicitando o seu impacto.

Para além da eficácia dos meios ou das técnicas que se implementaram no terreno, seria interessante encontrar/nomear mediações concretas do “laço-para-o-vínculo” na relação de dádiva estabelecida entre o voluntário e as populações-alvo, mediações que se terão traduzido em expressões reais de transformação pessoal e comunitária ocorridas nas populações-alvo depois da ação do voluntário. Tratando-se de dimensões

simbólicas e culturais, tal intenção requererá, a nosso ver, a realização de entrevistas com os habitantes locais, especialmente os mais comprometidos ou afetados pela ação dos voluntários. Na medida em que as populações locais têm a oportunidade de contactar com outras representações de vida e modelos culturais, proporcionadas pela presença dos voluntários, será de aferir em que medida ocorreram alterações nos estilos de vida dos autóctones após a passagem dos voluntários nas suas vidas, assim como perceber as alterações de perspectivas de vida assumidas pelos voluntários após o regresso.

Para medir o impacto da ação no terreno, torna-se importante compreender uma cadeia de interrelações, tais como os recursos materiais disponibilizados, o esforço realizado pelo voluntário, o investimento feito pela instituição e os “ganhos” obtidos pelas populações. Será de particular interesse avaliar até que ponto existe uma relação positiva entre as competências técnicas e pessoais do voluntário, a formação dada pelas instituições aos voluntários antes da partida e os resultados concretos observados no terreno através de indicadores de eficácia dos projetos em que estiveram envolvidos.

Por outro lado, aconselha-se uma análise mais cuidada às formas como as instituições fazem a preparação, monitorizam a execução e realizam avaliação dos projetos levados a efeito pelos voluntários, percebendo se existe uma evolução neste processo. Tal análise permitirá, entre outros aspetos, afinar diagnósticos de necessidade de intervenção, traçar perfis de voluntários a enviar e, respeitando a missão específica de cada uma das instituições, promover, sempre que possível, a construção de parcerias e a definição de estratégias comuns, de modo a aumentar a eficácia da ação no terreno. O sentido desta cooperação torna-se premente se se levar em consideração que a maioria destas instituições é animada por uma mesma intencionalidade cristã.

Partindo da constatação de que o voluntário missionário sai enriquecido desta sua experiência de missão, seria pertinente clarificar em que dimensões se

traduzem este “ganho” na sua vida e como é que ele é rentabilizado pelo próprio voluntário na sua vida pessoal, cívica e de fé, ou seja, importa perceber que níveis de mudança se operaram na própria pessoa e na instituição que a enviou e se estes ganhos são valorizados e reaproveitados pelas instituições. Para evitar o excesso de tecnicidade na intervenção ou a pura emotividade na doação, e partindo da ideia de que a relação de dádiva e a competência técnica não são incompatíveis, seria interessante averiguar, através das histórias de vida qual é a relação/tensão existente entre estes dois pólos na experiência vivida pelos voluntários missionários. Ou seja, como equilibra o voluntário competências e motivações, eficácia na ação e compreensão do significado profundo da sua entrega? Consegue interpretar/separar quando está imerso numa experiência de alcance ético e não somente de contornos estéticos? O inquérito por questionário sobre as motivações já deu muitas indicações a este respeito, mas o aprofundamento desta questão pode trazer luz sobre o desenvolvimento pessoal do voluntário.

Num outro plano muito próximo deste, seria de avaliar se a permanência maior ou menor no terreno tem influência direta na equação expressa no número anterior ou se, pelo contrário, ela depende mais de outros fatores exógenos, tais como os condicionalismos do terreno e as características da população-alvo, a natureza da missão, a especificidade da instituição que envia, a equipa que integra (se integra), ou outros que se venham a apurar... Para além deste fator de ordem temporal, será de averiguar acerca da importância que a continuidade ou não dos projetos no terreno exerce sobre as expectativas do voluntário, à partida e à chegada da missão. Por fim, ainda neste registo, convém avaliar se e em que condições aqueles que permanecem no terreno, após a intervenção, têm os recursos e a capacidade para exponenciar o que foi feito e, com isso, alimentar ou frustrar um olhar esperançoso de quem foi enviado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ander-Egg, Ezequiel (2000). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.
- Ander-Egg, Ezequiel (1999). *Introducción a la Planificación*. Buenos Aires: Lumen.
- Ander-Egg, Ezequiel; Idáñez, M. (1999). *Avaliação de Serviços e Programas Sociais* (1.ª ed.). Lisboa: Edições CPIHTS.
- Ander-Egg, Ezequiel; Idáñez, Maria José (1999). *Como elaborar um projecto. Guia para desenhar projectos Culturais* (1.ª ed.). Lisboa: Edições CPIHTS.
- Barata, O. Soares (1989). *Introdução às Ciências Sociais* (1º vol). Venda Nova: Bertrand.
- Barbier, Jean-Marie (1993). *Elaboração de projectos de acção e planificação*. Porto: Porto Editora.
- Barreto, António (2007). *Portugal Um Retrato Social, 01*. Edições Público e RTP.
- Barreto, António (2003). *Novos Retratos do Meu País*. Lisboa: RelógioD'Água.
- Barreto, António (1996). *A Situação Social em Portugal, 1960-1965*. Lisboa: ICS.
- Beck Ulrich (2003). *Un Nuevo Mundo Feliz. La Precaridad del Trabajo en la Era de la Globalización*. Barcelona: Paidós.
- Beck Ulrich (2002). *La Sociedade del Riesgo*. Barcelona: Paidós.
- Bento XVI (2006). *Carta Encíclica Deus Caritas Est. Deus é Amor*. Braga: Editorial Apostolado da Oração.
- Berger, Peter; Luckmann, Thomas (1997). *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Caillé, Alain (2005). *Don, intérêt et désintéressement : Bourdieu, Mauss, Platon et quelques autres*. Paris: La Découverte/M.A.U.S.S.
- Caillé, Alain (2002a). *Antropologia do dom*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Caillé, Alain (2002b). “Dádiva e Associação” in Paulo Henrique Martins (Org.), *A Dádiva entre os Modernos, discussão sobre os fundamentos e as regras do social* (pp. 191-205). Petrópolis: Editora Vozes.
- Capucha, Luís (2008). *Planeamento e Avaliação de Projectos: Guião Prático*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Carvalho, Adalberto Dias de; Baptista, Isabel (2004). *Educação Social. Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Comte-Sponville, André (1995). *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Lisboa: Editorial Presença.
- Conferência Episcopal Portuguesa (2011). Nota Pastoral: Voluntariado e nova Consciência Social [Em linha]. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=84319>. [Consultado em fevereiro de 2011].

- Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado. [Em linha]. Disponível em: <http://www.voluntariado.pt>. [Consultado, pela última vez, em 31 de março de 2012].
- Cunha, José Marcos (2001). *População e espaço inter urbano em Campinas*. Nopo: Unicamp.
- Cunha, Miguel Pina (1995). “Organizações: da Pluralidade das concepções a uma meta-metáfora pluralista” in *Organizações e Trabalho* (nº 13, abril, pp. 55-77).
- Delicado, Ana (2002). *Caracterização do voluntariado em Portugal*. Lisboa: ICS, monografia.
- Domingo Moratalla, Agustín (1997). “Solidariedade” in AAVV. *Diccionario de Pensamiento Contemporáneo* (pp.1116-1122). Madrid: San Pablo.
- Dubar, Claude (1998). “Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos concetuais e metodológicos” in *Educação & Sociedade* (vol. 19, nº62).
- Dubar, Claude (1996). *La socialisation*. Paris: Armand Colin.
- Dubar, Claude (1992). «Formes Identitaires et Socialisation Professionnelle» in *Revue Française de Sociologie*. (nº XXXIII – 4, Octobre/Decembre, pp. 505-529).
- Dubar, Claude (s/d). “La sociologie du travail face à qualification et à la competence» in *Sociologie du Travail*. (38, 2).
- Durkheim, Emile (2007). *Educação e Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, Norbert (1993). *A Sociedade dos Indivíduos*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Esmond, Judy; Dunlop, Patrick (2004). *Developing the Volunteer Motivation Inventory To Assess the Underlying Motivational Drives of Volunteers in Western Australia*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.morevolunteers.com/resources/MotivationFinalReport.pdf>. [Consultado em fevereiro de 2011].
- Espinoza Vergara, Mario (1986). *Evaluación de Proyectos Sociales*. Buenos Aires: Humanitas.
- Espinoza Vergara, Mario (1988). *Programación. Manual para Trabajadores Sociales*. Buenos Aires: Humanitas.
- Fernandes, António Teixeira (2006). *Monotonia Democrática e Diluição das Regulações Sociais*. Edições Afrontamento: Porto.
- Ferreira, Marisa; Proença, Teresa; Proença, João, (2008). “As motivações no trabalho voluntário”, *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão* (vol. 7, nº 3, julho/setembro).
- Foucault, Michel (1982). *La Volonté de Savoir*. Paris: Gallimard.
- Fundação Evangelização e Cultura (21 de julho de 2011). *Comunicado de Imprensa*. Lisboa: FEC.

- Fundação Evangelização e Culturas (30 de junho de 2010). *Comunicado de Imprensa*. Lisboa: FEC.
- Fundação Evangelização e Culturas (2004). *Voluntariado Missionário em Portugal – 18 anos em acção*. Lisboa: FEC.
- Giddens, Anthony (2000). *Dualidade da Estrutura, Agência e Estrutura*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, Anthony (1997). *Para além da esquerda e da direita*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, Anthony (1994). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Lisboa: Celta Editora.
- Godbout, Jacques T. (2002). “Homo Donator versus Homo oeconomicus” in Paulo Henrique Martins (Org.), *A Dádiva entre os Modernos, discussão sobre os fundamentos e as regras do social* (pp. 63-97). Petrópolis: Editora Vozes.
- Godbout, Jacques T. (1992). *O Espírito da Dádiva*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Guerra, Isabel (2000). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação*. Cascais: Editora Principia.
- João Paulo II (1987). Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis* [Em linha]. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis_po.html. [Consultado em fevereiro de 2008].
- Joseph, Isaac; Grafmeyer, Yves (1990). *L’Ecole de Chicago*. Paris: Editions Aubier.
- Nóvoa, António; Castro-Almeida, Carlos; Le Boterf, Guy; Azevedo, Rui (1992). *Formação para o Desenvolvimento*. Lisboa: Editora Fim de Século.
- Poirer, Jean; Clapier-Valladon, Simone; Raybaut, Paul (1999). *Histórias de Vida Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Ricoeur, Paul (2006). *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola.
- Robichaud, Suzie (1994). 130 “Le bénévolat: un langage de couer et de raison, dans Service Social” in *Revue Social* (vol. 43, n° 2, pp. 30-146).
- Rocher, Guy (1989). *Sociologia geral – A organização social* (vol. 2). Lisboa: Editorial Presença.
- Schiefer, Ulrich et al (2006). *Manual de Planeamento e Avaliação de Projectos* (1.ª ed.). Cascais: Editora Principia.
- Sen, Amartya Kumar (1999). *Development as Freedom*. Oxford: Oxford University Press.
- Serrano, Gloria (2008). *Elaboração de Projectos Sociais, Casos Práticos* (1.ª ed.). Porto: Porto Editora, in Coleção coord. Por Adalberto Dias de Carvalho.
- The International Association for Volunteer Effort (IAVE). *Universal Declaration on Volunteering*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.iave.org./content/universal-declaration-volunteering>. [Consultado em 27 de outubro de 2011].

Touraine, Alain (1992). *Critique de la modernité*. Paris: Seuil.

UNESCO (1996). *A educação: um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA.

Weber, Max (2005). *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Lisboa: Edições 70.

Weber, Max (1983). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Porto: Editorial Presença.

Ziegler, Jean (2007). *O Império da Vergonha*. Porto: Edições ASA.

ANEXOS

ANEXO I - GUIÃO DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ÀS INSTITUIÇÕES

ANEXO II - DADOS OBTIDOS NO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ÀS INSTITUIÇÕES

I - Caracterização da instituição e campos de ação privilegiados

II - Voluntários enviados: perfil, ação e formação

ANEXO III - GUIÃO DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS VOLUNTÁRIOS MISSIONÁRIOS

ANEXO IV - DADOS OBTIDOS NO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIOS AOS VOLUNTÁRIOS

MISSIONÁRIO

I - Caracterização dos Voluntários

II - Motivações do voluntário(a) missionário(a)

ANEXO V - GUIÃO DE ENTREVISTA PARA HISTÓRIAS DE VIDA

Anexo I

Guião do inquérito por questionário às Instituições

IMPACTO DA AÇÃO DO VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO

O presente inquérito por questionário é dirigido aos responsáveis das instituições que enviaram pessoas ou grupos em missão para o exterior ao abrigo do voluntariado missionário coordenado pela FEC. Este instrumento pretende recolher dados que permitam um primeiro ponto de situação quanto ao universo da problemática a considerar. Sem prejuízo dos dados recolhidos serem utilizados para fins de tratamento estatístico e análise, assegura-se a estrita confidencialidade de origem dos mesmos.

Indicações de preenchimento do inquérito:

A maioria dos campos são de preenchimento obrigatório. Nos casos em que não há informação a reportar clique em “não se aplica”, sob pena de não conseguir finalizar o inquérito.

Para facilitar a recolha e tratamento de dados, os campos de preenchimento aberto têm um número limitado de caracteres.

Quando forem pedidos elementos de um horizonte temporal mais distante, compreendemos que possa haver dificuldades em ser-se rigoroso. Assim, solicitamos, nesses casos, que indique valores aproximados.

A qualquer momento poderá gravar o inquérito, para que possa prosseguir o seu preenchimento posteriormente. Para tal, clique no botão gravar que se encontra no fundo desta página.

No final, por favor, não se esqueça de submeter o inquérito.

Em caso de necessidade consulte research@esepf.pt

Agradecemos, antecipadamente, a sua participação.

A - CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO, CAMPOS DE AÇÃO PRIVILEGIADOS E RESULTADOS OBTIDOS [↑ VOLTAR](#)

NATUREZA DA INSTITUIÇÃO

Congregação Religiosa	<input type="checkbox"/>
Organização Diocesana	<input type="checkbox"/>
Associação Civil	<input type="checkbox"/>
IPSS	<input type="checkbox"/>
ONGD	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/> Qual? _____

MODO DE CAPTAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS

Espontâneo	<input type="checkbox"/>
Amigos/Familiares	<input type="checkbox"/>
Publicidade	<input type="checkbox"/>
Pastoral organizada	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/> Qual? _____

PAÍSES-ALVO DE AÇÃO

Angola	<input type="checkbox"/>
Brasil	<input type="checkbox"/>
Cabo Verde	<input type="checkbox"/>
Guiné-Bissau	<input type="checkbox"/>
Moçambique	<input type="checkbox"/>
São Tomé e Príncipe	<input type="checkbox"/>
Timor-Leste	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/> Qual? _____

ORIGEM PREFERENCIAL DOS RECURSOS CAPTADOS PARA O VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO

Angariação de fundos	<input type="checkbox"/>
Dotações oficiais	<input type="checkbox"/>
Doações	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/> Qual? _____

Áreas de atuação/ação

(pode selecionar mais do que uma opção em cada uma das áreas)

EDUCAÇÃO/ALFABETIZAÇÃO/FORMAÇÃO

Educação formal (Escola)	<input type="checkbox"/>
Educação informal (Bibliotecas, etc.)	<input type="checkbox"/>
Alfabetização	<input type="checkbox"/>
Formação (Educadores/professores/técnicos)	<input type="checkbox"/>
Formação (Pais/auxiliares, etc.)	<input type="checkbox"/>
Produção e/ou conceção de materiais	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/> Qual? _____

NÚMERO TOTAL DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS, DISTRIBUÍDOS PELOS ANOS EM BAIXO

1988 a 2000	
2000 a 2005	
2005 a 2010	

IMPACTO DA AÇÃO: RESULTADOS OBTIDOS NO TERRENO DE CURTO (ATÉ 1 ANO), MÉDIO (ATÉ 3 ANOS) E LONGO (MAIS DE 3 ANOS) PRAZO

SAÚDE

Educação para a saúde (intervenções preventivas e campanhas)	<input type="checkbox"/>
Saúde: Intervenções remediativas e saúde	<input type="checkbox"/>
Apoio genérico a instituições de saúde	<input type="checkbox"/>
Apoio ou criação de estruturas orientadas para combate a doenças	<input type="checkbox"/>
Apoio e formação de técnicos	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/> Qual? _____

NÚMERO TOTAL DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS, DISTRIBUÍDOS PELOS ANOS EM BAIXO

1988 a 2000	
2000 a 2005	
2005 a 2010	

IMPACTO DA AÇÃO: RESULTADOS OBTIDOS NO TERRENO DE CURTO (ATÉ 1 ANO), MÉDIO (ATÉ 3 ANOS) E LONGO (MAIS DE 3 ANOS) PRAZO

PROMOÇÃO HUMANA

APOIO

	Jurídico	Económico	Pessoal	Social
Crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jovens	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Adultos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Idosos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mulheres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Homens	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro apoio de promoção social. Qual? _____				

NÚMERO TOTAL DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS, DISTRIBUÍDOS PELOS ANOS EM BAIXO

1988 a 2000	
2000 a 2005	
2005 a 2010	

IMPACTO DA AÇÃO: RESULTADOS OBTIDOS NO TERRENO DE CURTO (ATÉ 1 ANO), MÉDIO (ATÉ 3 ANOS) E LONGO (MAIS DE 3 ANOS) PRAZO

INFRAESTRUTURAS

CRIAÇÃO, MANUTENÇÃO E MELHORIA DE

Habitacões	<input type="checkbox"/>
Escolas	<input type="checkbox"/>
Instituições de apoio social	<input type="checkbox"/>
Instituições de saúde	<input type="checkbox"/>
Instituições pastorais	<input type="checkbox"/>
Pontes, poços, moinhos, caminhos, etc.	<input type="checkbox"/>
Instituições desportivas, culturais e recreativas	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/> Qual? _____

NÚMERO TOTAL DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS, DISTRIBUÍDOS PELOS ANOS EM BAIXO

1988 a 2000	
2000 a 2005	
2005 a 2010	

IMPACTO DA AÇÃO: RESULTADOS OBTIDOS NO TERRENO DE CURTO (ATÉ 1 ANO), MÉDIO (ATÉ 3 ANOS) E LONGO (MAIS DE 3 ANOS) PRAZO

DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

EM CONTEXTO RURAL

Apoio à economia familiar	<input type="checkbox"/>
Micro-Crédito	<input type="checkbox"/>
Combate à fome	<input type="checkbox"/>
Combate à carência material extrema	<input type="checkbox"/>
Combate ao risco de vida	<input type="checkbox"/>
Apoio ao desenvolvimento de projetos agrícolas	<input type="checkbox"/>
Criação de associações comunitárias	<input type="checkbox"/>
Meios de comunicação (rádios, jornais, etc.)	<input type="checkbox"/>
Animação comunitária (ações de capacitação cultural e integração social)	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/> Qual? _____

EM CONTEXTO URBANO

Apoio à economia familiar	<input type="checkbox"/>
Micro-Crédito	<input type="checkbox"/>
Combate à fome	<input type="checkbox"/>
Combate à carência material extrema	<input type="checkbox"/>
Combate ao risco de vida	<input type="checkbox"/>
Apoio ao desenvolvimento de projetos agrícolas	<input type="checkbox"/>
Criação de associações comunitárias	<input type="checkbox"/>
Meios de comunicação (rádios, jornais, etc.)	<input type="checkbox"/>
Animação comunitária (ações de capacitação cultural e integração social)	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/> Qual? _____

NÚMERO TOTAL DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS, DISTRIBUÍDOS PELOS ANOS EM BAIXO

1988 a 2000	
2000 a 2005	
2005 a 2010	

IMPACTO DA AÇÃO: RESULTADOS OBTIDOS NO TERRENO DE CURTO (ATÉ 1 ANO), MÉDIO (ATÉ 3 ANOS) E LONGO (MAIS DE 3 ANOS) PRAZO

DISPONIBILIZAÇÃO DE RECURSOS MATERIAIS E FINANCEIROS

Distribuição de recursos orientada para a manutenção de projetos em curso	<input type="checkbox"/>
Mobilização de recursos na implementação de novos projetos	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/> Qual? _____

NÚMERO TOTAL DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS, DISTRIBUÍDOS PELOS ANOS EM BAIXO

1988 a 2000	
2000 a 2005	
2005 a 2010	

IMPACTO DA AÇÃO: RESULTADOS OBTIDOS NO TERRENO DE CURTO (ATÉ 1 ANO), MÉDIO (ATÉ 3 ANOS) E LONGO (MAIS DE 3 ANOS) PRAZO

OUTRA ÁREA DE ATUAÇÃO/AÇÃO

QUAL? _____

NÚMERO TOTAL DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS, DISTRIBUÍDOS PELOS ANOS EM BAIXO

1988 a 2000	
2000 a 2005	
2005 a 2010	

IMPACTO DA AÇÃO: RESULTADOS OBTIDOS NO TERRENO DE CURTO (ATÉ 1 ANO), MÉDIO (ATÉ 3 ANOS) E LONGO (MAIS DE 3 ANOS) PRAZO

ANÁLISE DA AÇÃO DA INSTITUIÇÃO, PERSPETIVAS DE MELHORIA E RESULTADOS OBTIDOS

A partir da experiência de envio de voluntários que a sua instituição realizou, solicitamos que indique as áreas em que a sua instituição progrediu mais nos últimos anos, classificando com 1 o aspeto em que progrediu menos e 5 o aspeto em que progrediu mais.

	1	2	3	4	5
No recrutamento de voluntários	<input type="checkbox"/>				
Na concentração em áreas de atuação mais direcionadas	<input type="checkbox"/>				
A qualidade de formação proporcionada aos voluntários	<input type="checkbox"/>				
No desenvolvimento de estruturas logísticas que garantem a eficácia das intervenções no terreno	<input type="checkbox"/>				
Nas metodologias e estratégias de intervenção	<input type="checkbox"/>				
Outros. Quais? _____	<input type="checkbox"/>				

COMO É ASSEGURADA, PARA ALÉM DO PERÍODO DE INTERVENÇÃO REALIZADO PELOS VOLUNTÁRIOS, A CONTINUIDADE DOS RESULTADOS ALCANÇADOS?

B – VOLUNTÁRIOS ENVIADOS: PERFIL, AÇÃO E FORMAÇÃO

DISTRIBUIÇÃO POR GÊNERO (POR FAVOR PREENCHA TODOS OS CAMPOS)

	Masculino	Feminino
1988 a 2000		
2000 a 2005		
2005 a 2010		

NÚMERO DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS, POR FAIXA ETÁRIA, NO MOMENTO DE PARTIDA EM MISSÃO (POR FAVOR PREENCHA TODOS OS CAMPOS)

	Até 25 anos	26 a 35 anos	36 a 45 anos	Mais de 46 anos
1988 a 2000				
2000 a 2005				
2005 a 2010				

INDIQUE O NÚMERO DE VOLUNTÁRIOS E A DURAÇÃO DA MISSÃO DURANTE OS ANOS CONSIDERADOS (POR FAVOR PREENCHA TODOS OS CAMPOS)

	Menos de 1 mês	Entre 1 e 3 meses	Entre 3 e 6 meses	Entre 6 meses e um ano	Entre 1 e 2 anos	Mais de 2 anos
1988 a 2000						
2000 a 2005						
2005 a 2010						

CONTINUIDADE DE VOLUNTARIADO/AÇÃO (NO PERÍODO DE 2005 A 2009) (POR FAVOR PREENCHA TODOS OS CAMPOS)

	Número total de voluntários enviados em cada ano	Dos que assinalou, indique o número de voluntários que permaneceram no terreno após o tempo inicialmente previsto ou que repetiram a experiência	Do número total de voluntários enviados, indique o número total dos que após o regresso continuaram ligados a outras ações de voluntariado na mesma organização ou em outras
2005			
2006			
2007			
2008			
2009			

TEMPO DE FORMAÇÃO:

Indique, em média, o número de horas de formação proporcionada ao voluntário, promovida pela sua instituição ou em associação com outras, antes de partir em Missão.

	Até 10 horas	Entre 10 e 30 horas	Entre 30 e 50 horas	Mais de 50 horas
1988 a 2000				
2000 a 2005				
2005 a 2010				

CONTEÚDOS ABORDADOS NA FORMAÇÃO PROMOVIDA PELA SUA INSTITUIÇÃO OU EM ASSOCIAÇÃO COM OUTRAS (NOS ÚLTIMOS 5 ANOS)

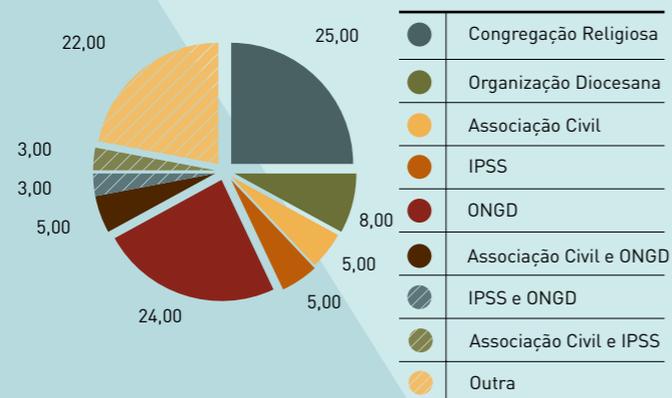
Assinale a importância respetiva (em volume de horas de formação) de cada um dos conteúdos, sendo 1 o que tem menos peso e 5 o que tem mais peso.

	1	2	3	4	5
Relacionamento Humano	<input type="checkbox"/>				
Espiritualidade/Carisma	<input type="checkbox"/>				
Formação técnica na área de ação	<input type="checkbox"/>				
Informação sobre as populações e contextos de vida	<input type="checkbox"/>				
Voluntariado/Missão	<input type="checkbox"/>				
Outros(s). Quais? Por favor indique a importância. _____					

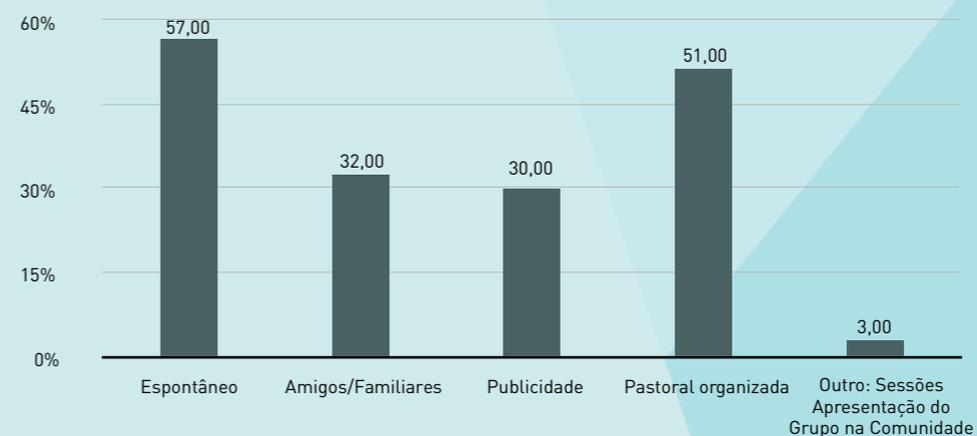
Anexo II
Dados obtidos no inquérito
por questionário às
Instituições

I - CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E CAMPOS DE AÇÃO PRIVILEGIADOS [↑ VOLTAR](#)

NATUREZA DA INSTITUIÇÃO



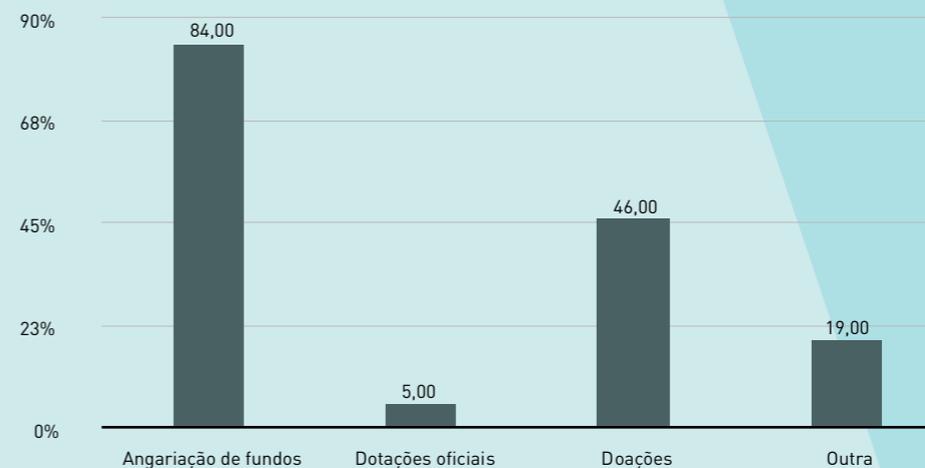
MODO CAPTAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS



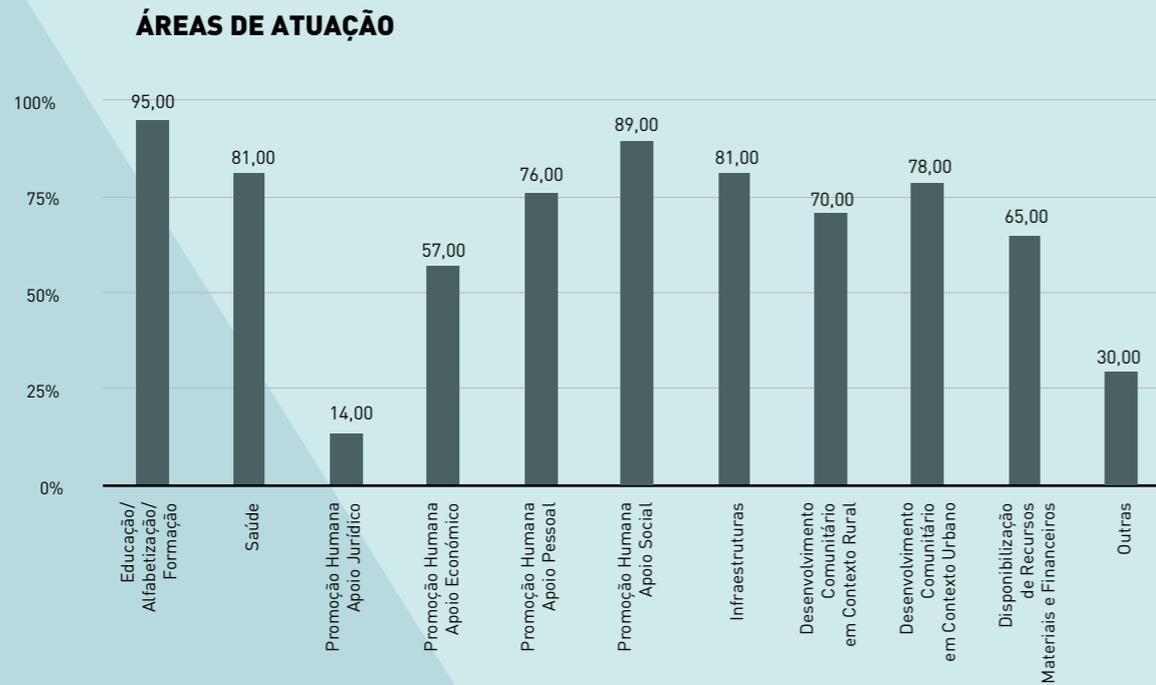
PAÍSES-ALVO DE AÇÃO



ORIGEM PRINCIPAL DOS RECURSOS CAPTADOS



CAMPOS DE AÇÃO PRIVILEGIADOS: ÁREAS DE ATUAÇÃO, IMPACTOS PERCECIONADOS

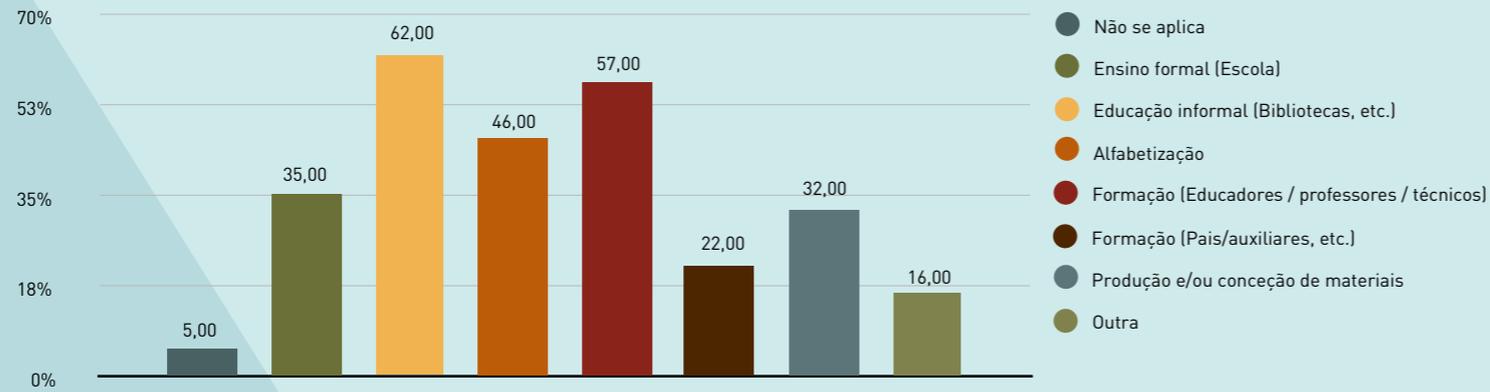


NÚMERO DE VOLUNTÁRIOS ENVIADOS POR ÁREA DE ATUAÇÃO

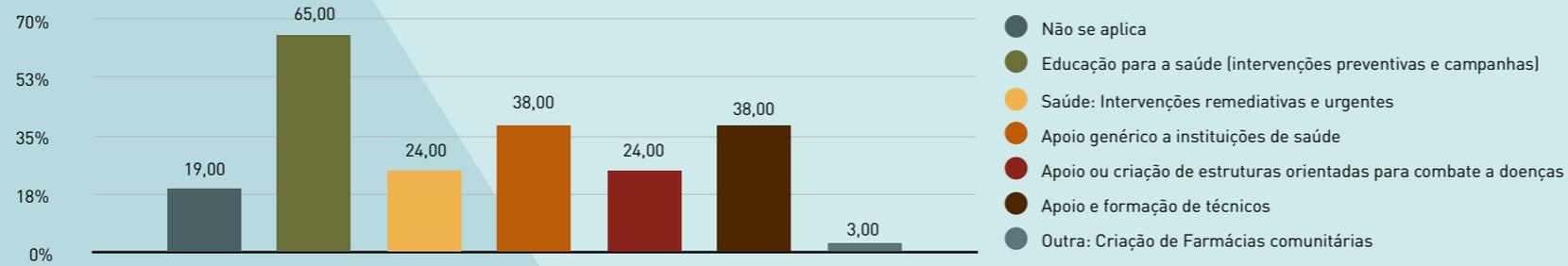
	Educação Alfabetização Formação	Saúde	Promoção Humana (Apoio: Jurídico, Económico, Pessoal e Social)	Criação, manutenção e melhoria de Infraestruturas	Desenvolvimento Comunitário	Disponibilização de Recursos Materiais e Financeiros	Outra Área de Atuação Ação*
1988 a 2000	493	372	428	361	352	116	60
2000 a 2005	592	313	406	329	232	107	148
2005 a 2010	1067	468	590	459	701	195	272

*Formação de voluntários e formação espiritual e pastoral/Evangelização

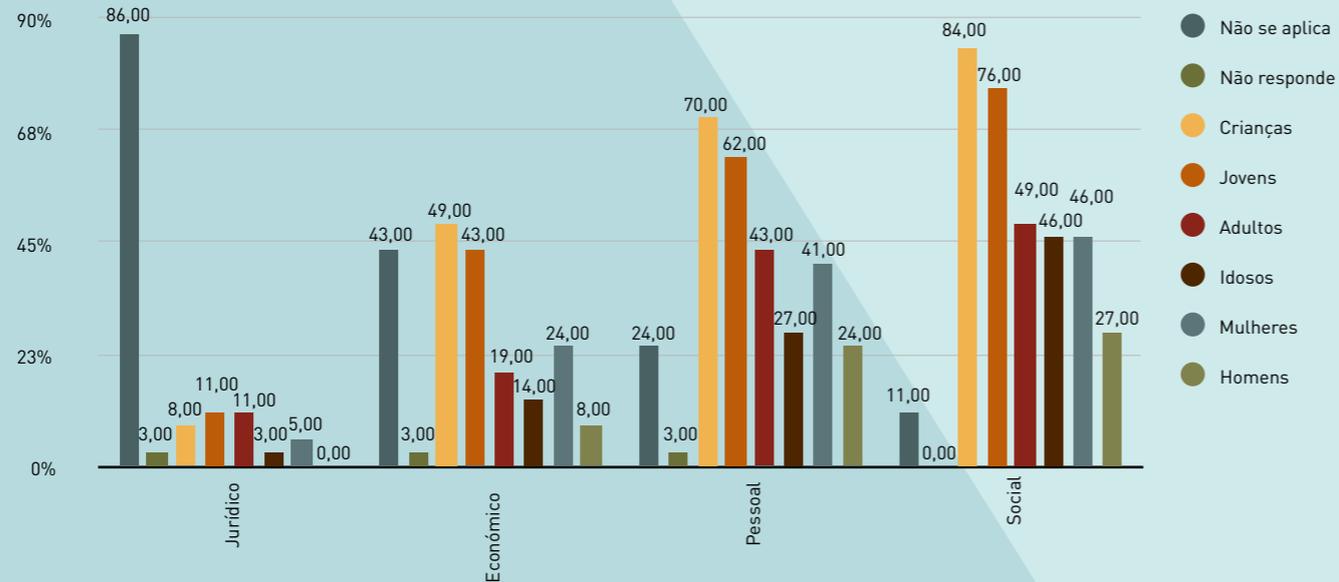
EDUCAÇÃO/ALFABETIZAÇÃO/FORMAÇÃO



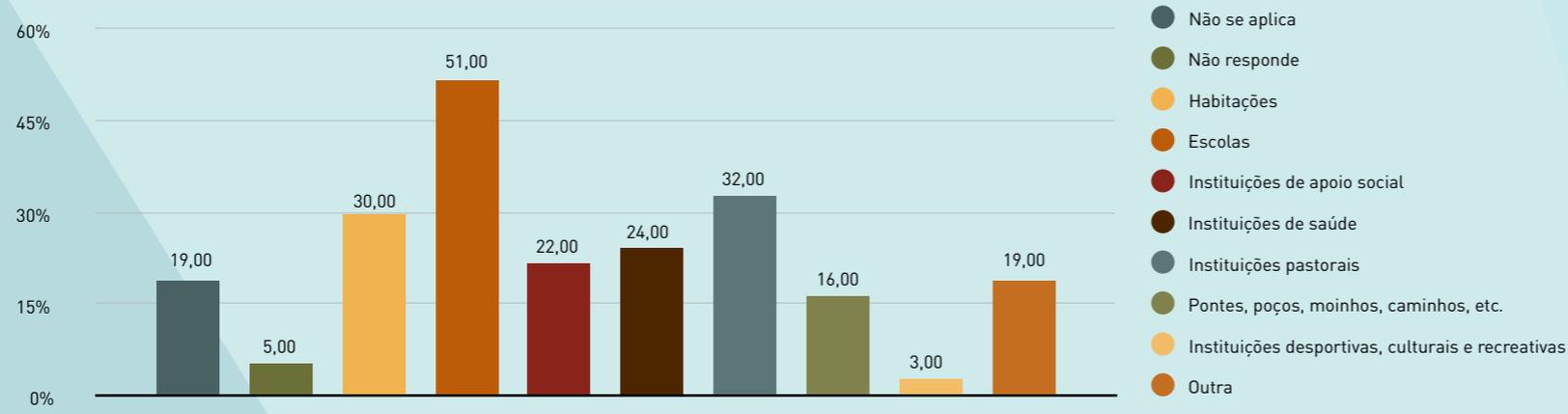
SAÚDE



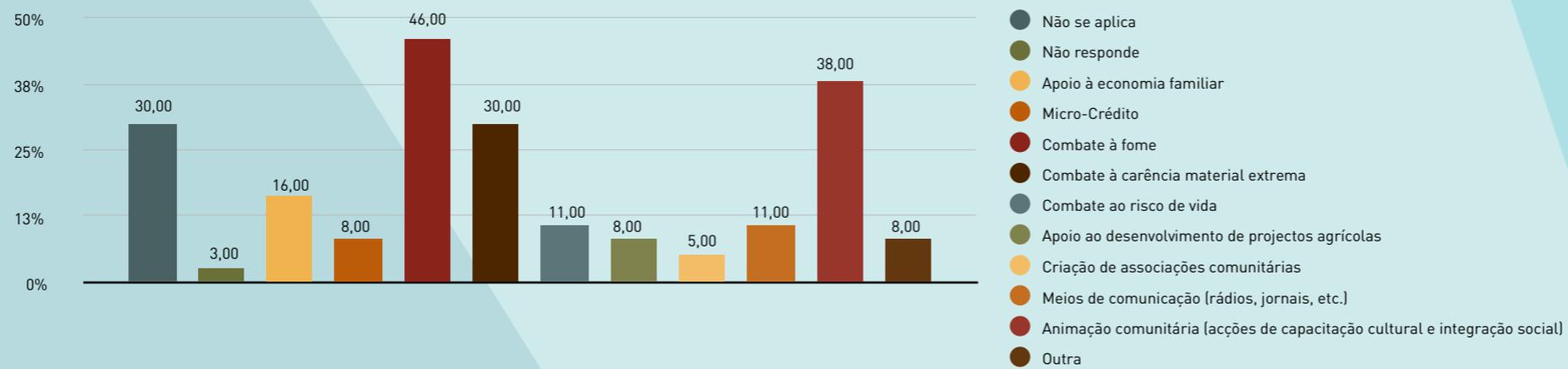
PROMOÇÃO HUMANA - APOIOS



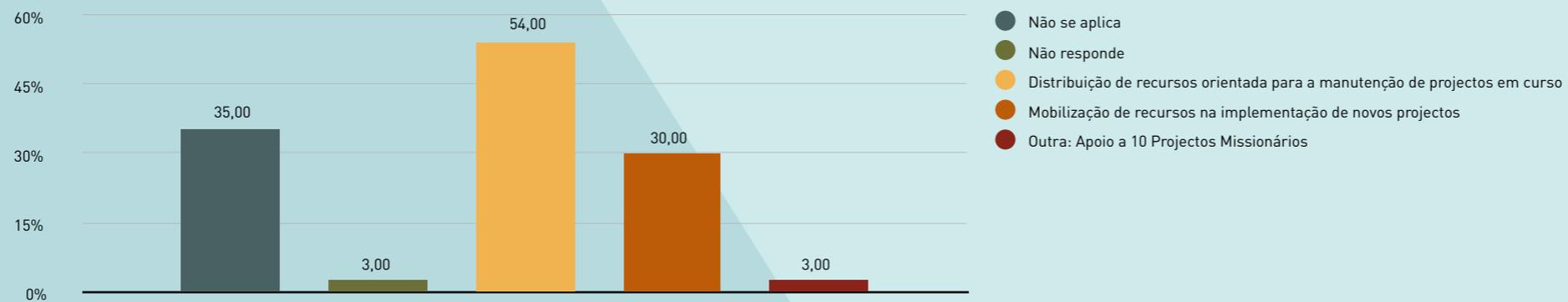
INFRA-ESTRUTURAS



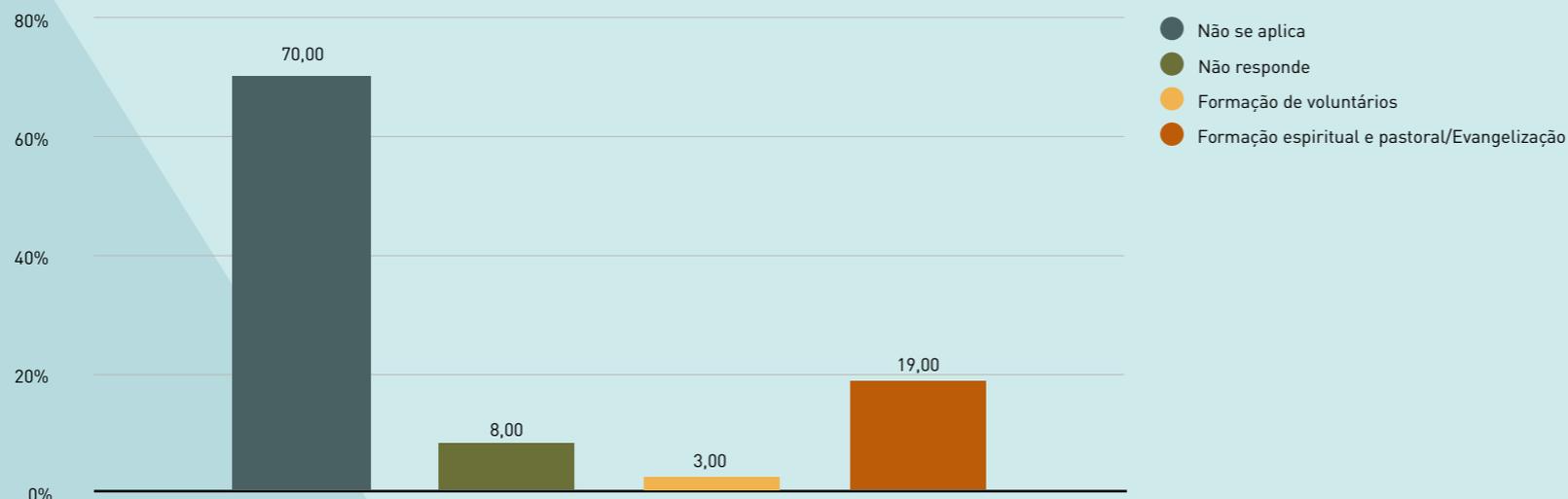
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO - CONTEXTO RURAL



DISPONIBILIZAÇÃO DE RECURSOS MATERIAIS E FINANCEIROS

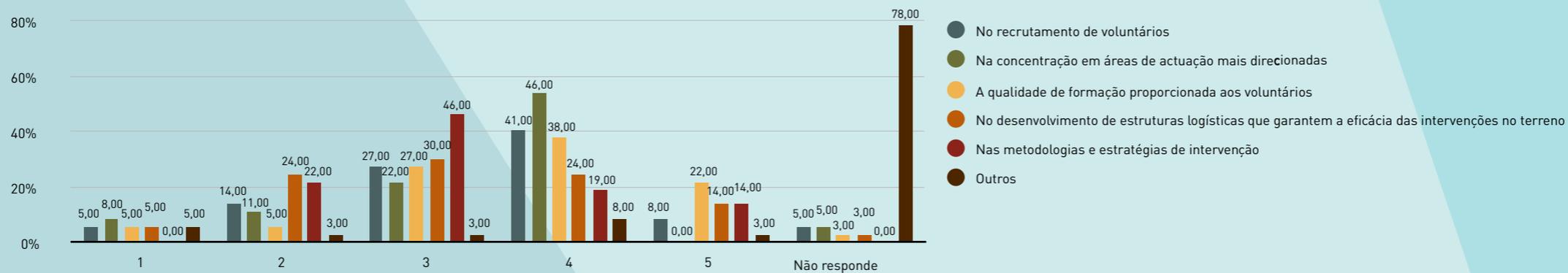


OUTRA ÁREA DE ATUAÇÃO/AÇÃO



ANÁLISE DA AÇÃO DA INSTITUIÇÃO, PERSPETIVAS DE MELHORIA E RESULTADOS OBTIDOS

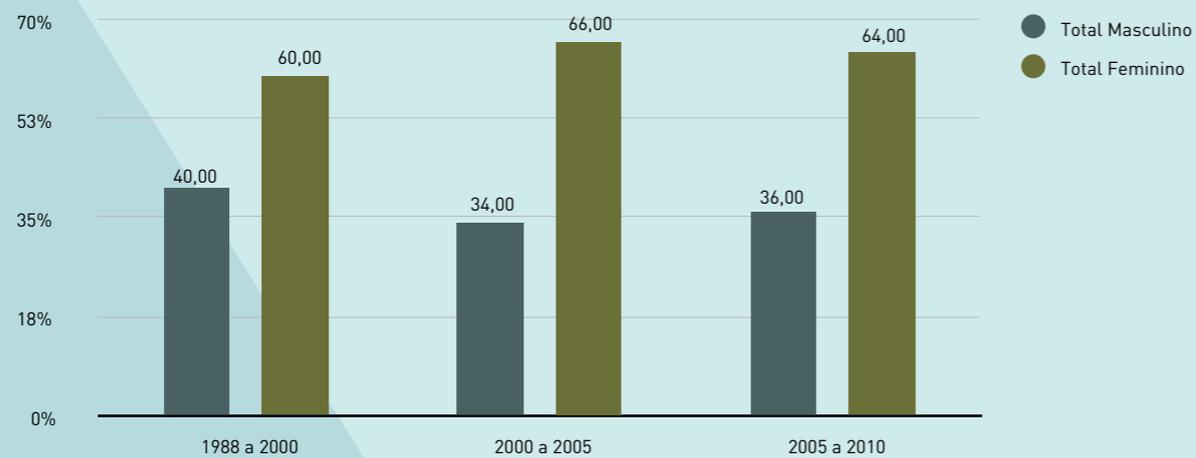
PROGRESSÃO NOS ÚLTIMOS ANOS



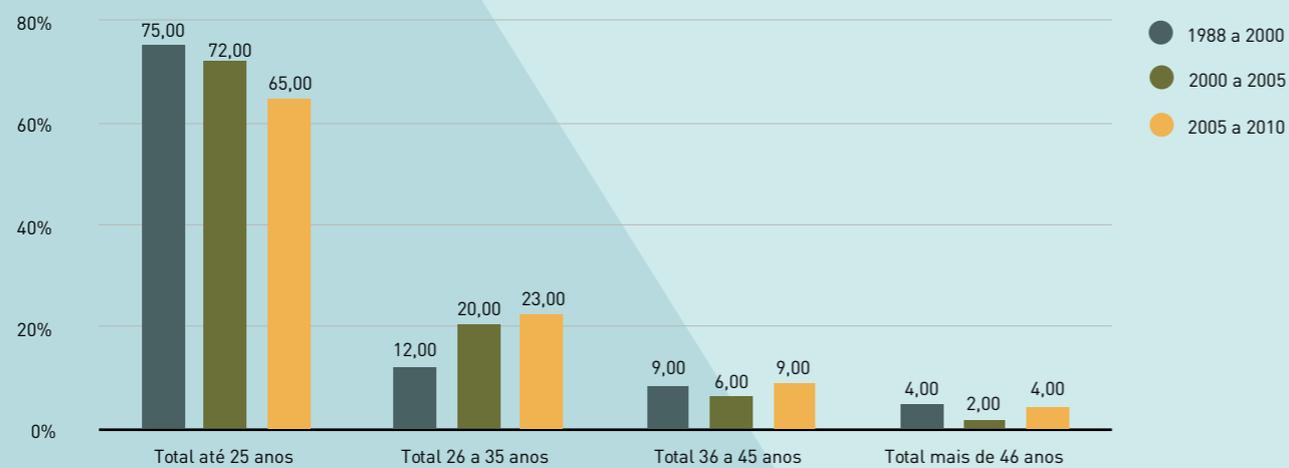
1 é o aspeto em que menos progrediu e 5 o aspeto em que mais progrediu

II – VOLUNTÁRIOS ENVIADOS: PERFIL, AÇÃO E FORMAÇÃO

TOTAL VOLUNTÁRIOS - DISTRIBUIÇÃO POR GÊNERO



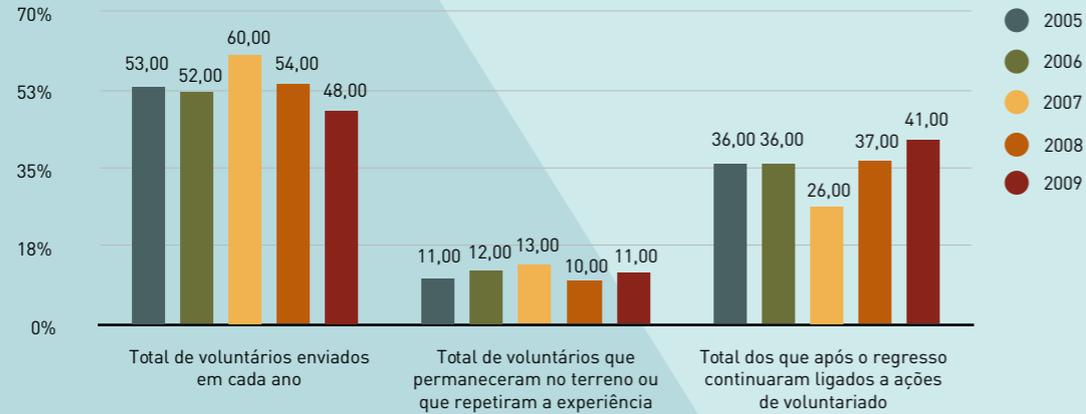
TOTAL VOLUNTÁRIOS - POR FAIXA ETÁRIA



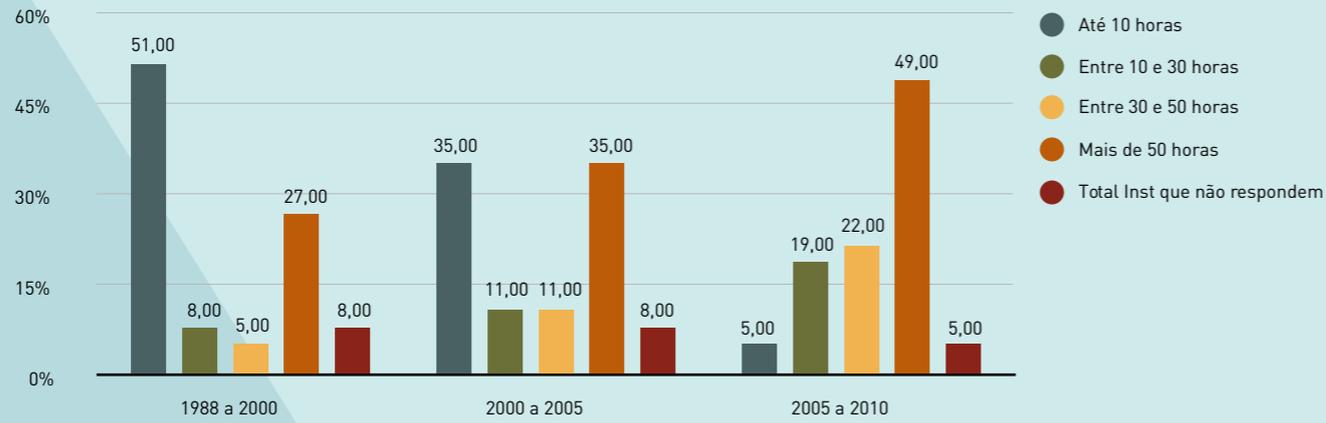
TOTAL DE VOLUNTÁRIOS - DURAÇÃO DA MISSÃO



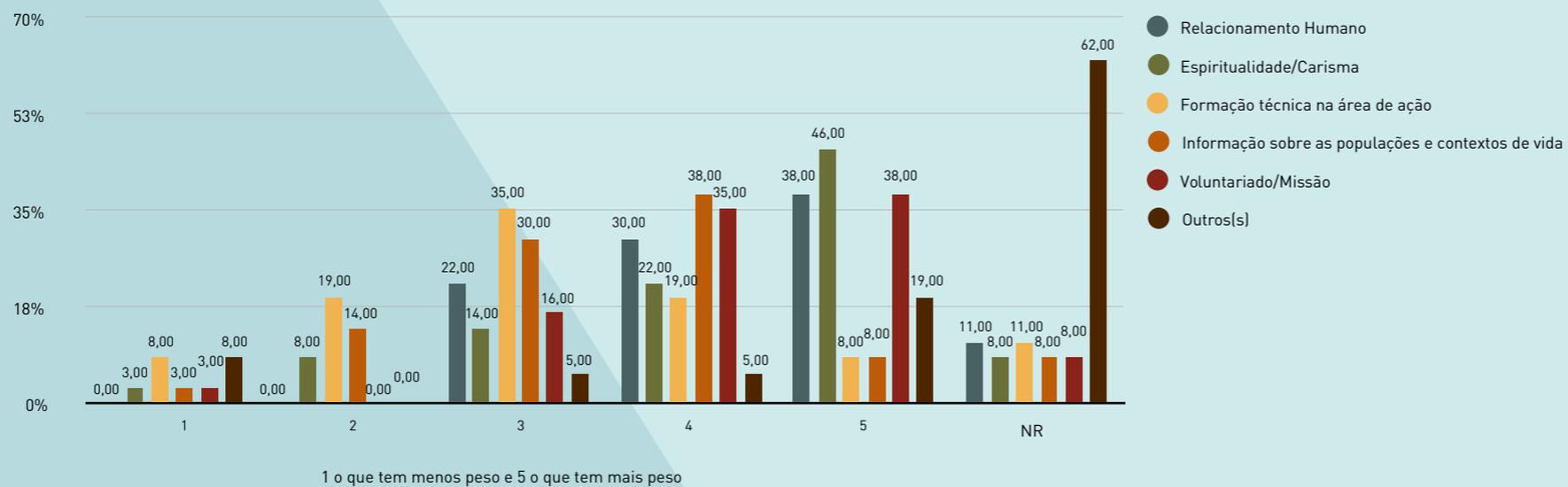
TOTAL VOLUNTÁRIOS - CONTINUIDADE DE VOLUNTARIADO



TEMPO DE FORMAÇÃO



CONTEÚDOS ABORDADOS NA FORMAÇÃO



Anexo III
Guião do inquérito
por questionário aos
Voluntários Missionários

INQUÉRITO VOLUNTÁRIOS

O presente inquérito por questionário é dirigido aos voluntários missionários e pretende recolher dados sobre a caracterização e motivações dos voluntários. Sem prejuízo dos dados recolhidos serem utilizados para fins de tratamento estatístico e análise, assegura-se a estrita confidencialidade de origem dos mesmos.

No final, por favor, não se esqueça de submeter o inquérito.

Em caso de necessidade consulte research@esepf.pt.

Agradecemos, antecipadamente, a sua participação.

Caracterização dos voluntários

Idade _____

SEXO

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input type="checkbox"/>

NACIONALIDADE _____

DISTRITO DE RESIDÊNCIA _____

ESTADO CIVIL

Solteiro(a)	<input type="checkbox"/>
Casado(a) com registo	<input type="checkbox"/>
Casado(a) sem registo	<input type="checkbox"/>
Viúvo(a)	<input type="checkbox"/>
Separado(a)	<input type="checkbox"/>
Divorciado(a)	<input type="checkbox"/>

ESCOLARIDADE

Sem escolaridade	<input type="checkbox"/>
1º Ciclo do Ensino Básico (4ª classe/ano)	<input type="checkbox"/>
2º Ciclo do Ensino Básico (6º Ano)	<input type="checkbox"/>
3º Ciclo do Ensino Básico (9º Ano)	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário (12º Ano)	<input type="checkbox"/>
Ensino Superior (Bacharelato ou Licenciatura)	<input type="checkbox"/>
Mestrado ou doutoramento	<input type="checkbox"/>

SITUAÇÃO PROFISSIONAL

Estudante	<input type="checkbox"/>
Emprego estável	<input type="checkbox"/>
Emprego temporário	<input type="checkbox"/>
Desempregado	<input type="checkbox"/>

PROFISSÃO _____

GOZA DE AUTONOMIA FINANCEIRA?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

NO CASO DE TER RESPONDIDO NÃO, DEPENDE DE QUEM?

Cônjuge	<input type="checkbox"/>
Outros familiares	<input type="checkbox"/>
Amigos	<input type="checkbox"/>
Outros Quem? _____	<input type="checkbox"/>

CONFIRMA QUE VAI REALIZAR VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO ESTE VERÃO?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

TENDO CONFIRMADO, VAI TRABALHAR NA ÁREA PARA A QUAL TEM COMPETÊNCIAS TÉCNICAS/ACADÉMICAS/PROFISSIONAIS?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

JÁ TEVE EXPERIÊNCIA ANTERIOR DE VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

COMO SE IMPLICOU NO VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO?

De forma espontânea	<input type="checkbox"/>
Através de amigos/familiares	<input type="checkbox"/>
Através de publicidade	<input type="checkbox"/>
Através da pastoral organizada	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>

PROFESSA UMA RELIGIÃO?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

ESTÁ ENVOLVIDO ATIVAMENTE EM ALGUM ORGANISMO/INSTITUIÇÃO/GRUPO DA RELIGIÃO/IGREJA QUE PROFESSAS?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

Motivações do voluntário(a) missionário(a) [↑ VOLTAR](#)

TENDO EM CONTA AS AFIRMAÇÕES QUE SE SEGUEM, ASSINALE O SEU GRAU DE CONCORDÂNCIA (escolha sempre a opção que mais se aproxima ao seu caso).

	Discordo totalmente	Discordo	Indeciso/Não sei	Concordo	Concordo Totalmente
Sou voluntário(a) missionário(a) porque acredito que nesta condição estou a dar atenção a necessidades concretas de uma comunidade de pessoas	<input type="checkbox"/>				
Gostaria muito que os meus filhos seguissem a minha experiência de voluntariado missionário	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque a minha família sempre esteve envolvida em ações de voluntariado missionário	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque estou preocupado(a) com aqueles que têm menos do que eu	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque posso fazer algo por uma causa que é importante para mim	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque me sinto responsável pelo outro seja ele quem for	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que é importante ajudar os outros	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que este voluntariado me vai ajudar a conhecer oportunidades de emprego	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado dá-me a oportunidade de adquirir competências para o meu trabalho	<input type="checkbox"/>				
As oportunidades sociais proporcionadas pela instituição onde sou voluntário(a) missionário(a) são importantes para mim	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que este voluntariado é uma forma de construir as minhas próprias redes sociais	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado é uma forma de fazer novos amigos	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque as pessoas que conheço partilham comigo o interesse pelo serviço à comunidade	<input type="checkbox"/>				

	Discordo totalmente	Discordo	Indeciso/Não sei	Concordo	Concordo Totalmente
Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado é uma atividade importante para as pessoas que eu melhor conheço	<input type="checkbox"/>				
Como voluntário(a) missionário(a), frequentemente experimento a gratidão dos outros na sua relação comigo	<input type="checkbox"/>				
É importante para mim ser apreciado(a) pela instituição onde sou voluntário(a) missionário(a)	<input type="checkbox"/>				
Não preciso de feedback sobre o meu trabalho voluntário missionário	<input type="checkbox"/>				
Sinto que é importante ser reconhecido pelo meu trabalho como voluntário(a) missionário(a)	<input type="checkbox"/>				
Como voluntário(a) missionário(a) dou mas também recebo dos outros	<input type="checkbox"/>				
Como voluntário(a) missionário(a) recebo mais do que dou	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque considero que dar e retribuir é tão importante como receber	<input type="checkbox"/>				
As minhas experiências passadas não estão relacionadas com as razões pelas quais sou voluntário(a) missionário(a)	<input type="checkbox"/>				
Gosto de ajudar as pessoas porque eu próprio também já estive em posições difíceis	<input type="checkbox"/>				
O voluntariado ajuda-me a lidar com alguns dos meus próprios problemas	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que este voluntariado é uma forma de me sentir bem	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado faz-me sentir uma boa pessoa	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado faz-me sentir importante	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado faz-me sentir útil	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado me mantém ocupado	<input type="checkbox"/>				

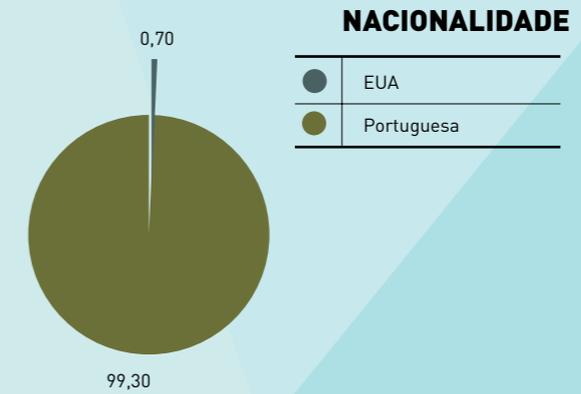
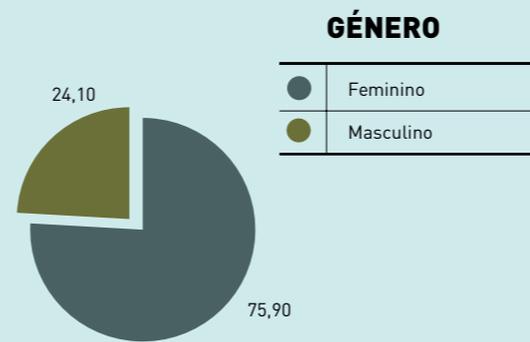
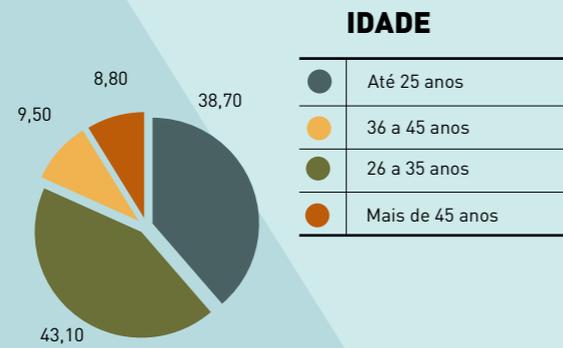
	Discordo totalmente	Discordo	Indeciso/Não sei	Concordo	Concordo Totalmente
Ser voluntário(a) missionário(a) é muito gratificante e recompensador	<input type="checkbox"/>				
Ser voluntário(a) missionário(a) é algo que me dá muito prazer	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que este voluntariado me poderá fazer entender melhor o que é a vida	<input type="checkbox"/>				
O voluntariado missionário poderá ter efeito sobre a minha autoestima	<input type="checkbox"/>				
Acredito que o voluntariado missionário me fará mudar como pessoa	<input type="checkbox"/>				
O voluntariado missionário faz-me sentir mais seguro de mim mesmo	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque assim posso desenvolver as minhas qualidades/competências	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque desta forma posso aprender a lidar com uma grande variedade de pessoas	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque posso aprender mais sobre a causa pela qual trabalho	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado está em sintonia com as minhas convicções religiosas	<input type="checkbox"/>				
A vivência da fé tem pouca influência na minha prática de voluntário(a) missionário(a)	<input type="checkbox"/>				
A vivência da fé cria uma disposição interior que me leva a procurar ajudar as pessoas nas suas necessidades	<input type="checkbox"/>				
A minha ação como voluntário(a) missionário(a) procura concretizar o amor pelos outros	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque não acredito que os Governos estejam a fazer o suficiente por aqueles que ajudo como voluntário(a) missionário(a)	<input type="checkbox"/>				
Sou voluntário(a) missionário(a) porque não acredito que a sociedade civil está a fazer o suficiente para ajudar aqueles que ajudo como voluntário(a) missionário(a)	<input type="checkbox"/>				

Anexo IV

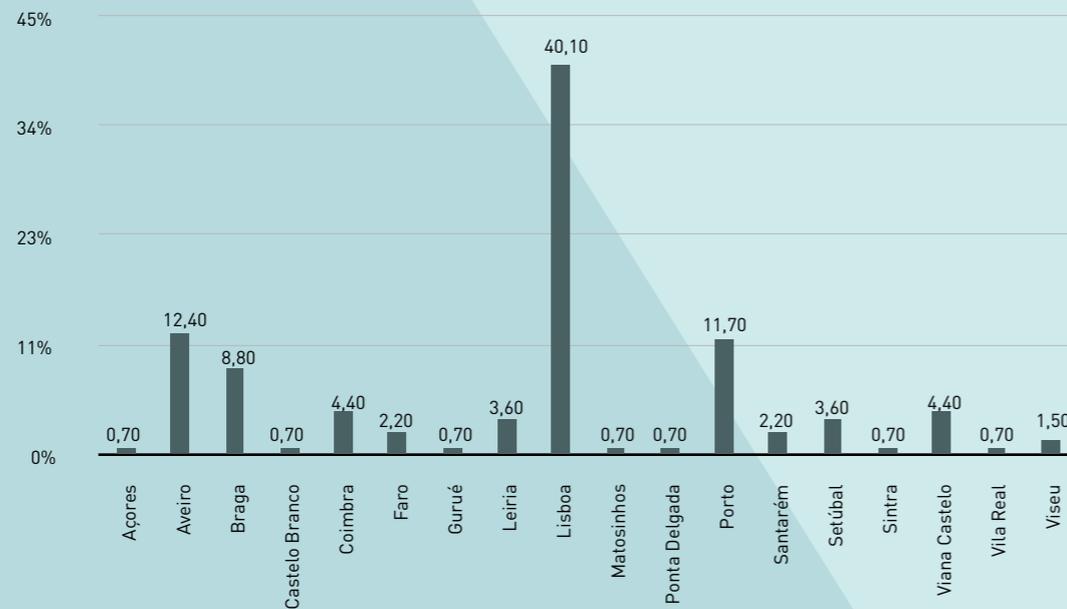
Dados Obtidos no inquérito por questionários aos Voluntários Missionários

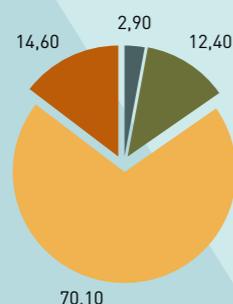
[↑ VOLTAR](#)

I - CARACTERIZAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS [↑ VOLTAR](#)



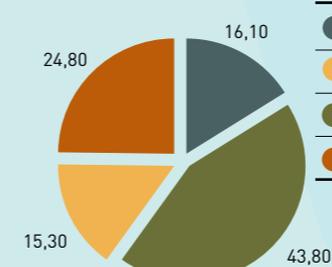
DISTRITOS DE RESIDÊNCIA





ESCOLARIDADE

●	3º Ciclo do Ensino Básico (9º Ano)
●	Ensino Secundário (12º Ano)
●	Ensino Superior (Bacharelato ou Licenciatura)
●	Mestrado ou Doutoramento



SITUAÇÃO PROFISSIONAL

●	Desempregado
●	Emprego temporário
●	Emprego estável
●	Estudante

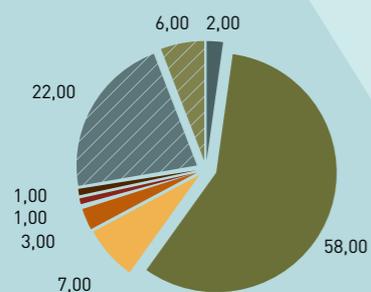
PROFISSÃO

Embora com alguma dificuldade, foi realizada uma agregação das respostas segundo os sub-grandes grupos da Classificação Portuguesa das Profissões de 2010. Optou-se ainda por se acrescentar a opção "outras" pois algumas das respostas eram muito vagas (ex: comunicação, consultor, gestor, militar, etc.).

	%
REPRESENTANTES DO PODER LEGISLATIVO E DE ÓRGÃOS EXECUTIVOS, DIRIGENTES, DIRETORES E GESTORES EXECUTIVOS	
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes superiores da Administração Pública, de organizações especializadas, diretores e gestores de empresas	1%
Diretores de produção e de serviços especializados	1%
Diretores de hotelaria, restauração, comércio e de outros serviços	1%
ESPECIALISTAS DAS ATIVIDADES INTELLECTUAIS E CIENTÍFICAS	
Especialistas das ciências físicas, matemáticas, engenharias e técnicas afins	4%
Profissionais de saúde	12%
Professores	15%
Especialistas em finanças, contabilidade, organização administrativa, relações públicas e comerciais	6%
Especialistas em tecnologias de informação e comunicação (TIC)	1%
Especialistas em assuntos jurídicos, sociais, artísticos e culturais	20%
TÉCNICOS E PROFISSÕES DE NÍVEL INTERMÉDIO	
Técnicos e profissões das ciências e engenharia, de nível intermédio	1%
Técnicos e profissionais, de nível intermédio da saúde	1%
Técnicos de nível intermédio, das áreas financeira, administrativa e dos negócios	1%
Técnicos de nível intermédio dos serviços jurídicos, sociais, desportivos, culturais e similares	3%
Técnicos das tecnologias de informação e comunicação	1%

PESSOAL ADMINISTRATIVO	
Empregados de escritório, secretários em geral e operadores de processamento de dados	3%
TRABALHADORES DOS SERVIÇOS PESSOAIS, DE PROTEÇÃO E SEGURANÇA E VENDEDORES	
Trabalhadores dos cuidados pessoais e similares	1%
TRABALHADORES QUALIFICADOS DA INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ARTÍFICES	
Trabalhadores qualificados da impressão, do fabrico de instrumentos de precisão, joalheiros, artesãos e similares	1%
Sem profissão	22%
Outras	6%

PROFISSÃO



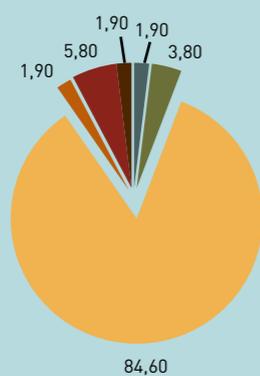
●	Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos
●	Especialistas das actividades intelectuais e científicas
●	Técnicos e profissões de nível intermédio
●	Pessoal administrativo
●	Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores
●	Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices
●	Sem profissão
●	Outras

AUTONOMIA FINANCEIRA



●	Não
●	Sim

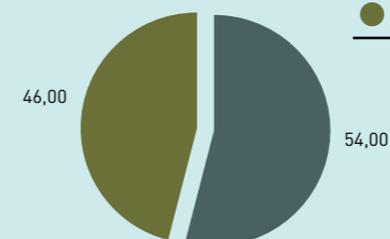
NO CASO DE NÃO TER AUTONOMIA FINANCEIRA:



DEPENDE FINANCEIRAMENTE DE

●	Cônjuge
●	Não responde
●	Outros familiares
●	Outro: Bolsa de Estudo e pais
●	Outro: Congregação
●	Outro: Ex-marido

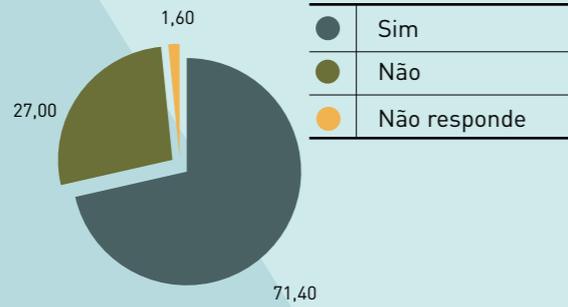
PARTIDA COMO VOLUNTÁRIO MISSIONÁRIO NO VERÃO DE 2011



●	Não
●	Sim

SE CONFIRMOU QUE IA REALIZAR VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO NO ANO DE 2011, NO ÂMBITO DESTE VOLUNTARIADO, VAI TRABALHAR NA ÁREA PARA A QUAL TÊM COMPETÊNCIAS TÉCNICAS/ACADÉMICAS/PROFISSIONAIS?

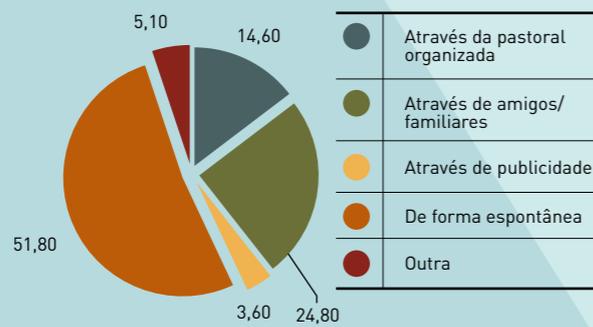
COMPETÊNCIAS TÉCNICAS/ACADÉMICAS/PROFISSIONAIS



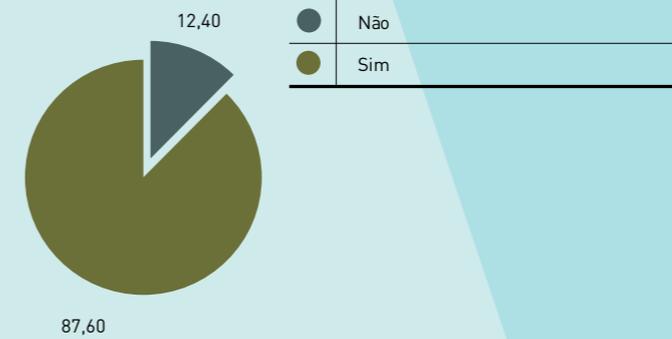
EXPERIÊNCIA ANTERIOR DE VOLUNTÁRIO MISSIONÁRIO



COMO SE IMPLICOU NO VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO



PROFESSA RELIGIÃO



SE RESPONDEU SIM, ENVOLVIMENTO ATIVO EM ALGUM ORGANISMO/INSTITUIÇÃO/GRUPO DA RELIGIÃO/IGREJA QUE PROFESSAS?

ENVOLVIDO ATIVAMENTE EM ALGUM ORGANISMO/INSTITUIÇÃO/GRUPO DA RELIGIÃO/IGREJA QUE PROFESSAS



II – MOTIVAÇÕES DO VOLUNTÁRIO(A) MISSIONÁRIO(A)

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Valores	Sou voluntário(a) missionário(a) porque acredito que nesta condição estou a dar atenção a necessidades concretas de uma comunidade de pessoas	1	.7%	4	2.9%	3	2.2%	66	48.2%	63	46.0%
	Gostaria muito que os meus filhos seguissem a minha experiência de voluntariado missionário	3	2.2%	4	2.9%	36	26.3%	48	35.0%	46	33.6%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque a minha família sempre esteve envolvida em ações de voluntariado missionário	64	46.7%	47	34.3%	10	7.3%	13	9.5%	3	2.2%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque estou preocupado(a) com aqueles que têm menos do que eu	3	2.2%	10	7.3%	11	8.0%	78	56.9%	35	25.5%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque posso fazer algo por uma causa que é importante para mim	3	2.2%	4	2.9%	4	2.9%	61	44.5%	65	47.4%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque me sinto responsável pelo outro seja ele quem for (+)	1	.7%	16	11.7%	18	13.1%	47	34.3%	55	40.1%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que é importante ajudar os outros	1	.7%	3	2.2%	1	.7%	53	38.7%	79	57.7%
	A minha ação como voluntário(a) missionário(a) procura concretizar o amor pelos outros (+)	1	.7%	1	.7%	8	5.8%	55	40.1%	72	52.6%
Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Desenvolvimento de carreira	Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que este voluntariado me vai ajudar a conhecer oportunidades de emprego	44	32.1%	64	46.7%	18	13.1%	9	6.6%	2	1.5%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado dá-me a oportunidade de adquirir competências para o meu trabalho	23	16.8%	40	29.2%	27	19.7%	44	32.1%	3	2.2%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Interação Social	As oportunidades sociais proporcionadas pela instituição onde sou voluntário(a) missionário(a) são importantes para mim	16	11.7%	32	23.4%	35	25.5%	43	31.4%	11	8.0%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que este voluntariado é uma forma de construir as minhas próprias redes sociais	33	24.1%	58	42.3%	30	21.9%	16	11.7%	0	.0%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado é uma forma de fazer novos amigos	20	14.6%	52	38.0%	24	17.5%	37	27.0%	4	2.9%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque as pessoas que conheço partilham comigo o interesse pelo serviço à comunidade	10	7.3%	34	24.8%	23	16.8%	54	39.4%	16	11.7%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado é uma atividade importante para as pessoas que eu melhor conheço	27	19.7%	71	51.8%	24	17.5%	13	9.5%	2	1.5%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Reconhecimento	É importante para mim ser apreciado(a) pela instituição onde sou voluntário(a) missionário(a)	9	6.6%	22	16.1%	36	26.3%	62	45.3%	8	5.8%
	Não preciso de feedback sobre o meu trabalho voluntário missionário	54	39.4%	54	39.4%	16	11.7%	11	8.0%	2	1.5%
	Sinto que é importante ser reconhecido pelo meu trabalho como voluntário(a) missionário(a)	6	4.4%	39	28.5%	34	24.8%	47	34.3%	11	8.0%
	Como voluntário(a) missionário(a), frequentemente experimento a gratidão dos outros na sua relação comigo (†)	2	1.5%	17	12.4%	24	17.5%	70	51.1%	24	17.5%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Reciprocidade	Como voluntário(a) missionário(a) dou mas também recebo dos outros (†)	1	.7%	2	1.5%	3	2.2%	53	38.7%	78	56.9%
	Como voluntário(a) missionário(a) recebo mais do que dou (†)	4	2.9%	7	5.1%	17	12.4%	42	30.7%	67	48.9%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque considero que dar e retribuir é tão importante como receber (†)	3	2.2%	12	8.8%	13	9.5%	51	37.2%	58	42.3%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Reatividade	As minhas experiências passadas não estão relacionadas com as razões pelas quais sou voluntário(a) missionário(a)	20	14.6%	61	44.5%	21	15.3%	23	16.8%	12	8.8%
	Gosto de ajudar as pessoas porque eu próprio também já estive em posições difíceis	36	26.3%	63	46.0%	19	13.9%	15	10.9%	4	2.9%
	O voluntariado ajuda-me a lidar com alguns dos meus próprios problemas	22	16.1%	35	25.5%	29	21.2%	44	32.1%	7	5.1%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Autoestima	Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que este voluntariado é uma forma de me sentir bem	6	4.4%	24	17.5%	15	10.9%	80	58.4%	12	8.8%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado faz-me sentir uma boa pessoa	11	8.0%	37	27.0%	28	20.4%	53	38.7%	8	5.8%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado faz-me sentir importante	41	29.9%	64	46.7%	11	8.0%	19	13.9%	2	1.5%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado faz-me sentir útil	3	2.2%	17	12.4%	13	9.5%	66	48.2%	38	27.7%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado me mantém ocupado	37	27.0%	70	51.1%	12	8.8%	17	12.4%	1	.7%
	Ser voluntário(a) missionário(a) é muito gratificante e recompensador (+)	3	2.2%	2	1.5%	7	5.1%	56	40.9%	69	50.4%
	Ser voluntário(a) missionário(a) é algo que me dá muito prazer (+)	2	1.5%	0	.0%	8	5.8%	61	44.5%	66	48.2%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Crescimento pessoal e compreensão do mundo	Sou voluntário(a) missionário(a) porque sinto que este voluntariado me poderá fazer entender melhor o que é a vida	2	1.5%	9	6.6%	10	7.3%	68	49.6%	48	35.0%
	O voluntariado missionário poderá ter efeito sobre a minha autoestima	5	3.6%	12	8.8%	47	34.3%	60	43.8%	13	9.5%
	Acredito que o voluntariado missionário me fará mudar como pessoa	1	.7%	7	5.1%	19	13.9%	68	49.6%	42	30.7%
	O voluntariado missionário faz-me sentir mais seguro de mim mesmo	3	2.2%	25	18.2%	42	30.7%	57	41.6%	10	7.3%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque assim posso desenvolver as minhas qualidades/competências	7	5.1%	27	19.7%	31	22.6%	65	47.4%	7	5.1%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque desta forma posso aprender a lidar com uma grande variedade de pessoas	5	3.6%	30	21.9%	22	16.1%	59	43.1%	21	15.3%
	Sou voluntário(a) missionário(a) porque posso aprender mais sobre a causa pela qual trabalho	7	5.1%	14	10.2%	39	28.5%	66	48.2%	11	8.0%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Religião	Sou voluntário(a) missionário(a) porque este voluntariado está em sintonia com as minhas convicções religiosas	9	6.6%	15	10.9%	13	9.5%	59	43.1%	41	29.9%
	A vivência da fé tem pouca influência na minha prática de voluntário(a) missionário(a) (†)	44	32.1%	54	39.4%	12	8.8%	22	16.1%	5	3.6%
	A vivência da fé cria uma disposição interior que me leva a procurar ajudar as pessoas nas suas necessidades (†)	5	3.6%	9	6.6%	14	10.2%	62	45.3%	47	34.3%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Governo	Sou voluntário(a) missionário(a) porque não acredito que os Governos estejam a fazer o suficiente por aqueles que ajudo como voluntário(a) missionário(a)	10	7.3%	23	16.8%	32	23.4%	54	39.4%	18	13.1%

Dimensão	Item do inquérito	Discordo totalmente		Discordo		Indeciso/ Não sei		Concordo		Concordo totalmente	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Comunidade	Sou voluntário(a) missionário(a) porque não acredito que a sociedade civil está a fazer o suficiente para ajudar aqueles que ajudo como voluntário(a) missionário(a)	11	8.0%	25	18.2%	26	19.0%	62	45.3%	13	9.5%

Anexo V

Guião de entrevista para Histórias de Vida

A - Perfil do voluntário missionário

1. Idade
2. Género
3. Habilitações académicas
4. Situação profissional/ocupação profissional
5. Experiência profissional
6. Competências desenvolvidas
7. Características pessoais (qualidades, valores, procedimentos) eventualmente importantes para uma prática de voluntariado missionário e respetiva justificação
8. Vivência na Fé Cristã e respetiva influência na motivação para o exercício da prática do voluntariado missionário
9. Vivências familiares e outras vivências que eventualmente tenham predisposto o voluntário para o exercício da prática do voluntariado missionário

B - Auto-representações sobre o voluntariado e sobre o voluntariado missionário

1. Significado de ser voluntário e voluntário missionário
2. O que representa a prática do voluntariado em geral assim como a prática do voluntariado missionário, para o entrevistado. Eventuais diferenças existentes ao nível das representações sobre os fenómenos.

C - Experiência de Voluntariado Missionário

1. Motivações intrínsecas
2. Motivações extrínsecas
3. Expectativas iniciais face à experiência de voluntariado missionário
4. Datas e locais das experiências
5. Tempo de duração de cada experiência
6. Organização/Instituição de envio e organização de acolhimento, de enquadramento e formação: caracterização sucinta (envio de voluntários, seleção dos voluntários, formação dos voluntários, organização do trabalho de voluntariado...)
7. Tipo de serviços, apoios técnicos, humanitários, afetivos prestados
8. Correspondência entre competências próprias e necessidades de trabalho sentidas
9. Formas de diagnosticar as necessidades da comunidade/prática com base na espontaneidade do trabalho necessário
10. Necessidades de trabalho detetadas
11. Problemas e dificuldades encontrados
12. Incentivos e motivações face às adversidades
13. Vantagens e desafios do trabalho de voluntariado missionário
14. Tipo(s) de Relações) estabelecida(s) com o outro e respetiva influência no trabalho voluntário

D - Impacto da experiência de voluntariado missionário na vida do voluntário missionário

1. Resiliência
2. Emoções
3. Afetos
4. Ética
5. Desenvolvimento de carreira
6. Interação Social
7. Autoestima
8. Compromisso pessoal
9. Compreensão do mundo
10. Competências (humanas, cívicas, profissionais....)

E - Impacto da experiência de voluntariado missionário na comunidade de acolhimento

1. Mudanças ocorridas (ambiente físico e infraestrutural, ambiente social, ambiente educativo, ambiente cultural, ambiente económico)
2. Formas de avaliação das mesmas

F - Impacto da experiência de voluntariado missionário no trabalho que realizou imediatamente após a sua chegada a Portugal, e ou que realiza atualmente

1. Resiliência
2. Emoções
3. Afetos
4. Ética
5. Desenvolvimento de carreira
6. Interação Social
7. Autoestima
8. Compromisso pessoal
9. Compreensão do mundo
10. Competências (humanas, cívicas, profissionais....)



